



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

OS IDOSOS E A FELICIDADE: MEMÓRIA E EXPECTATIVA
ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE FELICIDADE DOS IDOSOS NUM
CENTRO SOCIAL PAROQUIAL EM LISBOA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de
Mestre em Serviço Social: Acompanhamento Social e Inserção

Por

Raquel do Ó

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro 2013



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

OS IDOSOS E A FELICIDADE: MEMÓRIA E EXPECTATIVA
ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE FELICIDADE DOS IDOSOS NUM
CENTRO SOCIAL PAROQUIAL EM LISBOA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de
Mestre em Serviço Social: Acompanhamento Social e Inserção

Por

Raquel do Ó

Sob orientação de
Professor Doutor Alfredo Teixeira

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro 2013

Resumo

A presente investigação tem como tema a felicidade dos idosos e como objeto empírico de pesquisa as representações dos idosos institucionalizados sobre a felicidade, o qual se inscreve, em termos teóricos, na problemática da articulação entre os conhecimentos gerontológicos e as ciências sociais.

Os idosos e as suas famílias encaram hoje o recurso a instituições geriátricas como uma decisão repleta de dilemas. Procuram-se, nestes contextos institucionais, espaços onde a população idosa possa receber conforto, segurança, cuidados médicos e cuidados de higiene. Mas este quadro institucional apresenta também exigências e limitações impondo aos internados um processo de adaptação ao meio. Os lares de idosos, como instituições totais que são, possuem à partida uma cultura específica, um conjunto de regras e de princípios, e no seu interior os idosos adotam atitudes e comportamentos que importa conhecer. Tendo em conta as situações de dependência física e mental que levaram estes idosos a serem institucionalizados, importa apreender a condição de “internado” e compreender como se constroem as suas representações acerca da felicidade, tendo em conta as narrativas de si, num contexto de perda de autonomia, perda de papéis e de vínculos sociais.

Este trabalho pretende contribuir para o desenvolvimento do conhecimento da intervenção social num lar, podendo desta forma melhorar a qualidade de vida dos idosos internados.

Situando-nos numa abordagem qualitativa dos fenómenos, serão analisados os discursos de seis idosos internados num Centro Social Paroquial em Lisboa, usando privilegiadamente as narrativas das suas trajetórias biográficas como forma de apreender o significado dado pelos sujeitos aos seus próprios contextos. Toda a informação recolhida foi alvo de tratamento qualitativo através de uma análise da narrativa dos entrevistados.

Palavras-chave: Felicidade, envelhecimento, internamento, trajetos de vida.

Abstract

This investigation has as its theme the happiness of the elderly and as an object of empirical research representations of happiness of institutionalized elderly, which is inscribed, in theoretical terms, in the problem of coordination between the gerontological knowledge and social sciences.

Seniors and their families face the use of geriatric institutions as a decision fraught with dilemmas. They look in these institutional contexts, for spaces where the elderly can receive comfort, safety, medical care and hygiene. But this institutional framework also presents requirements and limitations imposed admitted to a process of adaptation to the context. Nursing homes, as total institutions that are starting to have a specific culture, a set of rules and principles, and within the elderly adopt attitudes and behaviors that must be known. Taking into account the situations of physical and mental dependence that led elderly to be institutionalized, it matters to apprehend the condition of being "inmate" and understand how they construct their representations of happiness, taking into account the narratives of themselves, in the context of loss of autonomy, loss of roles and social bonds.

This work intends to contribute for development of the social intervention knowledge in an nursing home, thus may increasing the life quality of the elderly inmates.

Standing in a qualitative approach of the phenomena will be analyzed speeches of six elderly persons in a Parish Social Centre in Lisbon, using privileged narratives of their biographical trajectories in order to grasp the meaning given by the subjects to their own contexts. All information collected was subjected of a qualitative treatment through an analysis of the interviewees narrative.

Keywords: happiness, aging, internment, life course.

Dedicatória

Aos meus pais, os potenciais idosos da minha vida.

À minha irmã, que será em conjunto comigo, cuidadora destes idosos.

Aos meus avós maternos, José Maria e Maria Antónia.

Em memória dos meus avós paternos, António Francisco e Isaura da Conceição.

Em memória de Judite do Ó, que eu muito gostaria de ter visto chegar a idosa.

A todos os idosos institucionalizados, pela coragem em se entregarem nas mãos de outros para continuar a viver, e por ainda não ter sido encontrada a solução que desejavam para os seus problemas.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Alfredo Teixeira pelo empenho em ajudar-me a tornar esta dissertação num trabalho sério e interessante. O amigo certo das horas incertas. Obrigada, professor.

Agradeço às minhas colegas de mestrado, pelos bons momentos e por terem exercido em mim uma influência positiva. Em especial à minha amiga do coração Brisa da Costa Jara, por quem tenho profunda admiração e reconhecimento.

Aos meus colegas do Centro Social Paroquial, pelo acolhimento desde o início da minha permanência e por me oferecerem diariamente um banho de generosidade, aprendizagem e partilha que nunca esquecerei. Ao meu superior hierárquico e colega de profissão Antero Marques pelas mesmas razões e por me ter dado “livre trânsito” dentro da instituição para levar a cabo este trabalho. Ao presidente do Centro Social Paroquial, Cónego Francisco Crespo, pelo voto de confiança e pela oportunidade de trabalhar numa instituição que melhora a qualidade de vida de dezenas de pessoas diariamente.

Aos idosos entrevistados, por me terem confiado o seu sentir mais profundo.

Índice

Introdução	9
1.FELICIDADE: A CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DO OBJETO	14
1.1. Do problema social às representações de felicidade dos idosos	14
1.2. O serviço social e a felicidade do indivíduo	17
1.3. Para um modelo de análise das representações de felicidade	20
2. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS.....	24
3. O IDOSO EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS.....	29
3.1. O envelhecimento nas sociedades ocidentais	29
3.1.1. A identidade e o envelhecimento	30
3.1.2. A dependência.....	33
3.1.3. Os cuidadores de idosos.....	35
3.2. Os lares de idosos como instituições totais	36
3.2.1. A cultura interna	38
3.2.2. As adaptações ao meio	42
4. A FELICIDADE DOS IDOSOS: REPRESENTAÇÕES, PRÁTICAS E DINÂMICAS SOCIAIS	45
4.1. Trajetórias biográficas dos atores sociais.....	45
4.1.1. “Sempre tive uma vida de trabalho”	45
4.1.2. “A vida de casada foi feliz”	47
4.1.3. “Construí a felicidade dentro da minha cabeça”	49
4.1.4. “Um funcionário exemplar”	50
4.1.5. “Fui filho da pouca sorte”	52
4.1.6. “As minhas coisas acabaram todas”	54
4.2. A felicidade e os seus contextos	56
4.2.1. As transições de vida	56
Infância	57
Educação.....	59
A vida ativa	62
O casamento.....	63
A entrada no lar	67
Os projetos de vida.....	69

4.2.2.As redes de suporte emocional.....	70
4.2.3.A realização pessoal e material.....	71
4.2.4.As concepções de felicidade dos idosos.....	73
Imagens da felicidade.....	73
Fase mais feliz da vida	74
Infelicidade e solidão.....	75
4. AS REPRESENTAÇÕES DE FELICIDADE COMO PROBLEMA: CONTEXTOS E SUBJETIVIDADE	78
CONCLUSÃO	88
BIBLIOGRAFIA.....	91
ANEXOS	95
Anexo A: Guião de Entrevista.....	96
Anexo B: Análise das entrevistas: sinopses, históricos, interpretações locais e mensagens	100

Introdução

Compreender as produções próprias dos idosos em contexto de internamento, numa fase da vida marcada pela mudança de papéis sociais e perda de autonomia, é o objetivo principal desta investigação. A felicidade é um tema que tem sido abordado recorrentemente pelas ciências sociais e humanas, mas por carecer de uma clara delimitação empírica, não possui contornos que determinem com nitidez o seu conteúdo. Tal como a solidão analisada por Machado Pais (2006:14), a felicidade é também um fenómeno social e a sua vivência é singular. Definir a felicidade, ou a forma de chegar a ela, não é o objetivo deste estudo.

A pertinência do tema da felicidade dos idosos justifica-se tanto pela sua atualidade uma vez que está relacionada com o envelhecimento da população, quanto pelo facto de se apresentar como uma linha de reflexão com poucas conclusões no campo das ciências sociais e humanas.

Por que a felicidade não é um conceito empiricamente delimitável, assentámos a base deste estudo na exploração da subjetividade dos discursos de seis idosos internados num lar de um Centro Social Paroquial em Lisboa. Além disso, utilizámos a base teórica oferecida pelas ciências sociais sobre o assunto, e em especial pela sociologia. No entanto foi durante a pesquisa teórica que nos deparámos com mais uma limitação: a ausência da população idosa como objeto nesta base teórica. Daí também a escassez de estudos que discorram especificamente sobre a cultura dos idosos institucionalizados. Tentámos contornar essas limitações com o capital de conhecimento oferecido pelo local de trabalho da investigadora numa instituição total. Este capital representou uma linha orientadora dentro das complexidades provenientes dessa mesma limitação. São identificáveis ainda outras limitações. Sobre elas havemos-nos de pronunciar no final do trabalho.

Apesar do acesso universal aos cuidados de saúde e os avanços da medicina, as sociedades ocidentais carecem de instituições geriátricas em número, em recursos humanos e em recursos materiais que respondam a todas as necessidades dos idosos dependentes e suas famílias. Apesar de dependentes, os indivíduos morrem em idades

mais avançadas – foi decisiva a evolução do sistema nacional de saúde –, mas ainda não nos encontramos preparados para conviver com a velhice em todas as suas dimensões. Vamos submergir num contexto que Goffman chamou de “instituição total”. O autor definiu o conceito como o local onde se concentram várias atividades normalizadas num espaço delimitado com o objetivo de suprir todas as necessidades dos internados até à sua recuperação, reabilitação ou morte. Vamos mergulhar nas trajetórias biográficas de seis idosos institucionalizados e procurar nas suas narrativas os princípios ativos de produção de sentido, que nos levem a compreender as representações da felicidade dos atores. Conscientes da diferença existente entre o que se diz, o que se pensa e o que se faz, analisaremos as representações dos idosos acerca da felicidade, em conjunto com uma base teórica coerente, que nos é oferecida pelas ciências sociais.

A felicidade é um dos temas mais antigos de reflexão. António Damásio refere-se a esta como a “consciência privada de uma emoção”. Se procurarmos na filosofia, vamos encontrar vastas reflexões de Epicteto, Epicuro, Séneca, Aristóteles e Santo Agostinho sobre a felicidade humana. Nos anos 90, do século passado, o tema mereceu um particular interesse junto de alguns investigadores e ensaístas. Falamos especificamente do movimento da psicologia positiva, lançado por Martin Seligman e Mihaly Csikszentmihalyi, psicólogos americano e húngaro respetivamente.

No entanto, não é objetivo deste estudo definir a felicidade e muito menos é esse o objetivo do serviço social – embora faça parte dos objetivos desta forma de intervenção social procurar não só a promoção social do indivíduo como a sua felicidade. A finalidade desta dissertação é identificar e compreender as representações dos idosos internados sobre a felicidade. E para concretizar esta finalidade temos que começar por conhecer a trajetória de vida destes idosos e o que estes identificam de importante nesta trajetória.

Quais as representações da felicidade dos idosos internados em Lar? Eis a questão de partida que nos moveu no início da investigação. Supomos que os idosos internados querem que não seja ainda o fim da vida, querem o alívio do sofrimento e estreitar os laços com a família assim como reduzir os encargos para os que ficam. A resposta não será a mesma para pessoas diferentes. Não podemos ignorar que estes indivíduos antes de serem idosos foram adultos com percursos laborais diferentes, foram elementos de

famílias diferentes e vivem o processo de envelhecimento de forma diferente. O que sabemos nesta altura é que o que há de comum entre estes idosos é que se encontram institucionalizados na mesma instituição onde o estudo foi levado a cabo.

O idoso internado está sujeito a assistir ou a ter conhecimento da morte de outros, muitas vezes dos seus companheiros de quarto. Está também sujeito a um conjunto de exigências que têm que ver com a identidade da instituição, com as regras e rotinas. Estas alterações quanto às sociabilidades exigem remodelações quanto aos recursos mobilizados para a construção de si.

Com o propósito clarificar e operacionalizar a pergunta de partida, avançamos com um conjunto de questões que apoiam a delimitação da pesquisa:

- Que “imagens” da felicidade são pensadas e idealizadas pelos idosos?
- Que ideais de bem-estar social e material estão associados às representações de felicidade dos idosos?
- Na transição para uma situação de internamento, quais os fatores que podem dar aos idosos uma sensação de liberdade e autonomia em contexto institucional?
- Quais os fatores que influenciam a decisão dos idosos na opção pelo internamento? Foi sequer uma opção?
- Que estratégias de adaptação são usadas pelos idosos no processo de internamento em lar?

Para se poder testar este leque de questões, pretende-se proceder metodicamente com o estímulo da teoria social, onde o tema da felicidade é trabalhado, recorrendo aos autores Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky e Machado Pais. Iremos explorar também a obra de Erving Goffman sobre as instituições totais, uma das referências mais determinantes no âmbito da problemática que nos ocupa.

Quanto à estratégia metodológica utilizada, pretendeu-se enveredar por uma aproximação qualitativa através das entrevistas semi-diretivas aplicada a seis idosos. As entrevistas aplicadas aos idosos são de natureza biográfica. O seu tratamento foi efetuado através de uma análise qualitativa da narrativa dos entrevistados, à luz do que foi efetuado por Teresa Líbano, na obra “Famílias e Novos Movimentos Religiosos: Trajetória Familiar, Individualização e Identidade Espiritual” com data de 2005. No

início e no fim de cada entrevista tivemos oportunidade de fazer observação direta, não para uma elaboração etnográfica dos dados, mas para melhor contextualizar os discursos, o que se tornou útil para implementar a metodologia compreensiva que se adotou em todo o trabalho. Pudemos observar a forma como as pessoas interagem entre si, a forma como se apresentam, como falam, os momentos em grupo (por exemplo, as refeições), a forma como ocupam o tempo, etc. Foi a partir das vivências no interior desta instituição e da análise da narrativa de seis dos seus residentes internados que desenvolvemos este estudo.

Para além da presente introdução, esta dissertação apresenta uma estrutura composta por um capítulo de construção do objeto, um capítulo com orientações metodológicas, três capítulos contendo o corpo central do trabalho e uma conclusão. Apresenta-se, assim, um argumento desenvolvido em cinco capítulos, sendo que os primeiros três são de natureza vincadamente teórica e os últimos dois de natureza mais empírica.

Nesta introdução, procedeu-se à apresentação genérica do tema a investigar, justificando as razões e a pertinência da escolha empreendida. Identificaram-se, também, as questões de investigação colocadas e os objetivos orientadores para a investigação. Com o objetivo de ordenar a exposição e de facilitar a leitura, passamos a indicar o conteúdo dos vários capítulos deste trabalho.

O capítulo 1 tem três objetivos. O primeiro, identificar o problema social em causa, na investigação, e o contexto. Depois procura-se mostrar como pode o problema ser um objeto para o serviço social. Finalmente, através da exposição de um modelo de análise, define os indicadores de análise usados para elaborar a resposta à pergunta de partida. No capítulo seguinte, onde expomos as orientações metodológicas, pretende-se, sobretudo, identificar as técnicas e os métodos utilizados para trabalhar o material proveniente dos discursos dos atores e da revisão literária, assim como a identificação do tipo de tratamento conferido às narrativas dos atores sociais.

O terceiro capítulo expõe dois temas principais: o envelhecimento nas sociedades ocidentais e os lares de idosos como instituições totais. Em ambos serão abordados com mais pormenor aspetos como: as dimensões latentes nas mutações da identidade; a

dependência; os cuidadores de idosos; a cultura interna e a adaptação ao meio institucional.

É no quarto capítulo que se procede à análise das trajetórias biográficas dos idosos, a partir das suas narrativas, problematizando o tema à luz da teoria social selecionada. Serão expostas as categorias encontradas nos discursos dos idosos, que dão corpo às suas representações da felicidade.

A partir das verificações anteriores, vamos propor, no quinto capítulo, uma interpretação articulada dos discursos, a partir sobretudo da sua leitura horizontal, à luz de um quadro conceptual específico.

Na conclusão, sumarizam-se as “descobertas” efetuadas, fruto do caminho percorrido. Além disso, é um capítulo onde são identificados os limites do trabalho e o que a investigação pode ter deixado em aberto.

Esperamos conseguir proporcionar uma leitura interessante e ter alcançado os objetivos enunciados nesta introdução.

1.FELICIDADE: A CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DO OBJETO

1.1. Do problema social às representações de felicidade dos idosos

De entre todos os fenômenos mentais, os sentimentos são os menos compreendidos no que respeita à sua biologia e, em particular, à neurobiologia. Apesar da evidência dos sentimentos acompanhar a sociogênese humana, o seu estudo não se encontra suficientemente desenvolvido. Isto é particularmente surpreendente quando pensamos que as sociedades avançadas cultivam os sentimentos de forma despudorada e os manipulam com álcool, drogas ilícitas, medicamentos, e com toda a espécie de consumos e práticas sociais e religiosas cuja finalidade é o bem-estar. Tratamos dos nossos sentimentos com pilulas, bebidas, exercícios físicos e espirituais, mas nem o senso comum nem a ciência fazem uma ideia clara sobre o que são os sentimentos do ponto de vista biológico (Damásio, 2003: 17). No entanto, a neurobiologia do sentimento sugere-nos, que a alegria e as suas variantes são preferíveis à tristeza e suas variantes, que a alegria leva mais facilmente à saúde do que a tristeza. Assim, devemos procurar a alegria, mesmo que essa procura “pareça tola e pouco realista” (Damásio, 2003: 303).

Aquilo que um ser humano precisa para viver feliz varia consideravelmente com a personalidade, circunstâncias socioculturais, idade e recursos materiais (Damásio, 2003: 301). Foram estes constrangimentos que nos alertaram para as questões levantadas pelo tema da felicidade. A idade parece apresentar-se como um constrangimento importante da felicidade, no entanto, se a juventude fosse garantia de felicidade, todos os jovens seriam felizes e todos os idosos seriam infelizes. Temos então que ter em consideração todos os outros constrangimentos em simultâneo, para conseguirmos obter uma resposta satisfatória.

Os idosos são um dos grupos vulneráveis à segregação na nossa sociedade. Daí as inúmeras políticas sociais dirigidas para eles. Estas visam promover a sua integração na sociedade. Podemos depreender daqui que a categoria de integração exige a correlação com o conceito de exclusão (Osório et al. 2007:228).

A definição do nosso objeto de estudo teve em conta dois pontos de partida: por um lado, os idosos vivem tendencialmente trajetórias de marginalização; por outro lado, a felicidade¹ é uma construção social. Estes dois pontos de partida suscitaram a pergunta que desencadeou a investigação: de que forma é que os idosos internados em Lar – separados da sociedade, física e socialmente – autorrepresentam a sua felicidade?

No contexto social que vamos mergulhar, um contexto institucional de internamento, cujos internados são idosos dependentes ou doentes – oncológicos, cardíacos, mentais, físicos – não é difícil encontrar a expressão dos sentimentos de medo, solidão, tristeza. Afinal, as pessoas internadas em lares de idosos, dificilmente regressarão às suas casas, às suas famílias, à “sua vida”. Escolhemos estudar a felicidade neste contexto, tendo em conta também, a crise de identidade que o processo de institucionalização pode desencadear ou agudizar. Não se pressupõe aqui que todos os internados são infelizes, nem que todos os lares de idosos sejam contextos desagradáveis, mas não podemos ignorar que as pessoas internadas neste tipo de instituições estão separadas da sociedade – incluindo da própria família, que não soube, não quis, ou não pôde encontrar outra forma de cuidado – e que, sob o ponto de vista das condições de saúde, se encontram num quadro de grande vulnerabilidade.

Mas como é que este tema pode ser olhado como objeto científico? Desde quando é que a felicidade pode ser olhada como problema social, se nem sequer é empiricamente delimitável? Consideram-se as razões em quatro planos distintos.

Em primeiro lugar, há uma relação entre a experiência coletiva e a felicidade pessoal. Se a felicidade é um produto de uma construção social, então não pode ser reduzida ao plano de um sentimento individual (Damásio, 2003:30). Em segundo lugar, entende-se a felicidade como sentimento. Os sentimentos são perceções e nesse sentido são comparáveis a outras perceções, como por exemplo, as perceções visuais. Nas perceções

¹ Para um melhor enquadramento do problema, procurou-se uma definição de felicidade: “Experiência de plenitude, satisfação resultante da obtenção daquilo a que o sujeito tendia ou que aspirava. Esta parece ser a concepção geral de felicidade, que está na base das inúmeras definições apresentadas pelos diferentes autores [...] É um facto amplamente confirmado pela experiência que nem sempre a obtenção daquilo que se desejou traz felicidade. Tal facto põe em evidência algo importante: há pseudo-felicidades, podendo o homem enganar-se acerca da verdadeira [...] A inteira vida humana desenrola-se sob o signo da felicidade (como móbil, não necessariamente como motivo) de todas as actuações individuais e colectivas ao longo dos tempos [...] Segundo o pensamento de inspiração cristã – com o qual coincidem outras concepções religiosas e filosóficas – a felicidade plena será ultraterrena [...] (um tema abundantemente desenvolvido por Santo Agostinho) e sobrenatural (superando as capacidades e exigências naturais do homem).” Roque Cabral, “Felicidade”, *Enciclopédia Logos*, volume 2, pp.475-477.

visuais, o estado das retinas altera-se em função de objetos exteriores ao corpo. Enquanto percepções, os sentimentos também têm um objeto imediato que origina uma série de sinais dentro do cérebro (Damásio, 108-109). Aqui reside a importância dos sentimentos, estes desempenham um papel importante no comportamento social, fazendo por isso parte daquilo que somos pessoal e socialmente (Damásio, 2003:299). Em terceiro lugar, os sentimentos são a expressão do crescimento ou do sofrimento humano, na mente e no corpo. A maior parte dos sentimentos são expressões de uma luta contínua para atingir o equilíbrio mental e corporal (Damásio, 2003: 20). O sentimento de felicidade é suscetível de ser sentido por qualquer indivíduo, independentemente da sua personalidade, contexto sociocultural, idade e recursos materiais. O que pode variar é a forma e o conteúdo da expressão com que esse sentimento surge. Em quarto lugar, pela visível preocupação social com as ofertas de felicidade – seja por via de estupefacientes ou por via de narrativas diversas produzidas pelos “saberes psi” massificados. Tendo em conta este contexto, considera-se que a felicidade pode ser olhada como objeto de indagação no terreno das ciências sociais.

Não pretendemos estudar as representações² da felicidade enquanto estados de espírito pessoais, nem enquanto expressão de sentimentos individuais só por si (Dantas, 2012: 16). Pretendemos analisar e compreender como as representações de felicidade influenciam as condutas e as práticas sociais dos atores. Não iremos apresentar avaliações nem medições das formas de sentir, não iremos recorrer a escalas ou outros instrumentos de medição. Pretendemos conhecer os contextos sociais em que se criam diferentes formas de sentir e de expressar o sentimento de felicidade, tentando identificar os fatores implicados (Dantas, 2012:23).

A realidade dos sentimentos é singular e complexa, podemos almejar apenas chegar à sua expressão e reflexo, é isto que em matéria de sentimentos Machado Pais considera concretizável (Pais, 2006:17), e é assim que pretendemos conhecer o sentimento de

² Para um melhor enquadramento do conceito, expomos uma definição de representação: “Designação geral de todos os estados e conteúdos da consciência enquanto por ela apreendidos e nela presentes. Neste sentido, a representação compreende praticamente toda a estrutura da vida psíquica – sensações, percepções, imagens, ideias ou conceitos – de que se ocupa, sobretudo, a psicologia. Mas é no domínio da filosofia e designadamente no contexto da teoria do conhecimento que a temática da representação se reveste de maior relevo e acuidade. De facto conhecer significa tornar presente ao espírito ou consciência, como sujeito, algum conteúdo ou realidade (sensível ou inteligível), como objecto. Trata-se, em qualquer dos casos, de uma segunda presença (re-representação) da realidade conhecida, o que lhe confere um novo modo de ser, liberto agora das determinações e limites com que se apresenta na natureza.” Manuel da Costa Freitas, “Representação”, *Enciclopédia Logos*, vol. 4, p.715.

felicidade neste trabalho. Os sentimentos individuais não escapam ao interesse da sociologia, se há algo que esta ciência tenha a dizer sobre os sentimentos será porque estes se revestem de profundas marcas sociais, apesar de se manifestarem individualmente (Pais, 2006: 14). Impõe-se por isso não procurar uma teoria que se possa generalizar, mas sim procurar compreender as representações de felicidade daquele grupo de pessoas entrevistadas, suas expressões e reflexos.

Na próxima alínea vamos dar atenção à forma como a felicidade dos indivíduos é abordada pelo serviço social no sentido de darmos mais um passo em direção à construção do objeto sociológico do presente trabalho.

1.2. O serviço social e a felicidade do indivíduo

O serviço social não tem estado orientado para a produção de um corpo de conhecimentos próprios, daí que tenha como objetivo fundamental a aplicação dos conhecimentos trazidos de outras disciplinas no sentido da transformação real. Ander-Egg vai mais longe e classifica esta profissão como “tecnologia social”, algo que Amaro (2012:72) discorda por considerar que o esvazia de conteúdos substantivos. Apesar de não se identificar um pensamento único em serviço social, uma vez que várias correntes atravessam esta disciplina e diferentes posturas têm sido adotadas (Amaro, 2012:65) não podemos ignorar que a teoria sociológica permite a construção de um plano de abordagem mais amplo ao problema proposto neste trabalho.

Sabemos que as ciências sociais e humanas não se definem apenas pelos fenómenos que estudam: nem todos os fenómenos económicos são apenas para os economistas, nem todos os fenómenos sociais são apenas para os sociólogos, nem todos os fenómenos políticos são apenas para os politólogos. As ciências sociais e humanas definem-se pela perspectiva utilizada para analisar os fenómenos, pelo modo como os delimitam enquanto objetos de conhecimento. O que queremos dizer é que é legítimo que cada disciplina avance sobre o “terreno de eleição” da outra (Campenhoudt, 2003:65). Goffman, por exemplo, ao estudar os hospitais psiquiátricos avançou sobre um terreno que habitualmente interessa apenas aos psiquiatras. Enquanto que aos psiquiatras interessava saber de que doença sofria o doente e qual o tratamento mais adequado para

lhe aplicar, a Goffman interessava compreender de que forma a estrutura da instituição influenciava os comportamentos dos internados. Repare-se que até a terminologia usada era diferente: Goffman tratava os atores sociais do seu estudo como “internados” e não como “doentes”, porque o que lhe interessava era a sua alienação social e não a sua alienação mental (Campenhoudt, 2003:64)³.

Neste capítulo, justificaremos a razão pela qual o estudo da felicidade pode ser um objeto científico que interesse a uma profissão de intervenção com os seus saberes específicos, como é o serviço social. Em primeiro lugar, é importante saber que existe uma matriz comum que atravessa todos os “serviços sociais” independentemente do local onde estes atuam: “a crença nas capacidades potenciais dos indivíduos e a orientação para o bem-estar e para a felicidade, com uma ênfase no humanismo” (Amaro, 2012:221). Em segundo lugar, o serviço social defende que todos os atores sociais, num contexto microssocial, são potenciais interferências na vida de outros atores, desde os elementos da sua rede social afetiva até à entidade local responsável pela higiene e limpeza da via pública, por exemplo. O que queremos dizer é que todos os elementos do meio social de um indivíduo, de alguma maneira, são potenciais interligações na sua vida. Estas interligações podem constituir-se como constrangimentos na felicidade dos indivíduos, ou no seu bem-estar, ou no seu acesso a bens básicos ou mesmo na sua sobrevivência. Em terceiro lugar, sabendo que o serviço social é um meio de interferir e melhorar a vida dos indivíduos através da intervenção social, importa considerar o diálogo possível com os recursos das ciências sociais e humanas, na leitura das problemáticas sociais que beneficiam dessa intervenção. As finalidades do serviço social são múltiplas. Amaro identifica quatro:

“As finalidades pré-técnicas, que passam pelo altruísmo mais ou menos profissionalizado; finalidades psicológicas, que remetem para o respeito pela pessoa para a ajuda psicossocial; finalidades sociológicas, que assumem as questões de promoção dos grupos e da integração social e finalidades económicas que se inserem a profissão no âmbito de uma lógica economicista” (Amaro, 2012: 221)⁴.

³ O autor recorreu a Castel, Robert (1968), *Présentation*, Goffman, Erving, *Asiles*, Paris: Minuit, pp.7-35 para documentar esta afirmação.

⁴ A autora recorre a Thévenet, Amédée, e Jacques Désigaux (2006 [1985]), *Les Travailleurs Sociaux*, Paris: PUF para defender o seu ponto de vista.

O serviço social, como prática científica neutra e racional (Amaro, 2012:65), usará qualquer uma das ciências sociais e humanas para compreender um dado fenómeno, no entanto, este será posteriormente analisado segundo métodos próprios, indo para o terreno, e tentando extrair dele um conjunto de necessidades e potencialidades. Já com a informação reunida, parte para uma produção própria, por exemplo, um desenho de um projeto de intervenção, ou uma proposta às autoridades locais no sentido de provocar alterações na legislação ou nas políticas sociais de um dado contexto. Foi o que fizemos na elaboração deste trabalho, usámos sobretudo a sociologia e a teoria social para compreender o fenómeno da felicidade, partimos para o terreno para ouvir os protagonistas, e com essa informação tentámos responder à pergunta - quais as representações de felicidade dos idosos internados em Lar? Não com o objetivo de definir uma teoria e generalizá-la, mas no sentido de compreender o que naquele contexto são as representações de felicidade daqueles idosos.

O espetro dos objetos das ciências sociais e humanas é tão amplo que pode ir desde, o estudo de fenómenos como as relações entre Estados, até ao estudo dos sentimentos dos sujeitos (Campenhoudt, 2003:125)⁵. Nesta investigação em específico, situamo-nos num dos extremos desse espetro, pretendemos estudar um fenómeno pessoal que se torna um fenómeno coletivo, como as representações de felicidade para os idosos internados em lar.

O serviço social que intervém apenas ao nível da sobrevivência dos indivíduos, que procura as desigualdades para intervir apenas sobre a redistribuição dos bens e da riqueza, é um serviço social sem um projeto ético-político. Se o serviço social não acompanhasse a transformação dos contextos sociais, poderia dizer-se que a grande finalidade do serviço social é a sua extinção, ou pelo menos, a eliminação dos fatores que justificam a sua existência, e acreditamos que assim não seja (Amaro, 2012:220). O que queremos dizer é que, mesmo que sejam sanados os conflitos de interesses ou suprimidas as diferenciações sociais, numa dada situação, há que gerir e fazer a manutenção dessas “soluções”. No serviço social, um fim nunca é mesmo um fim, no sentido de término, porque onde houver dois indivíduos, haverá sempre conflito de interesses. E se a sociedade não é estanque, porque é que as soluções deveriam ser?

⁵ O autor recorreu a Elias, Norbert (1975), *La dynamique d l'Occident*, Paris, Calmann Lévy para fundamentar o seu pensamento.

As sociedades desenvolvidas têm necessidade de repensar novos modelos de vida e de crescimento, têm necessidade de um projeto que esteja ligado às ideias de bem-estar, felicidade e dignificação do ser humano (Amaro, 2012: 259), e não só às ideias de redistribuições de recursos e do acesso a bens. Acreditamos que de entre as inúmeras organizações sociais existentes para responder aos problemas e necessidades dos indivíduos, o serviço social pode ter um papel importante não só naquilo que é a tradição da sua intervenção, aquilo que é o básico – supressão de diferenças e de conflitos, redistribuição de bens e serviços – como naquilo que pode ser considerado secundário, ou seja, naquilo que vai para além da sobrevivência ou bem-estar, naquilo que se considera ser a busca humana, na felicidade de cada indivíduo.

1.3. Para um modelo de análise das representações de felicidade

Analisar os processos que envolvem um fenómeno social é uma tarefa complexa, que envolve sérias dificuldades de operacionalização (Amaro, 2012:278). Desta dificuldade, existiu a necessidade de delimitar a investigação às representações de felicidade dos idosos internados.

Já o dissemos anteriormente, que pretendemos com este estudo compreender as representações da felicidade dos idosos internados em Lar. A resposta às necessidades de um objeto deste tipo, implicou delimitar o campo empírico a seis idosos internados num lar em Lisboa. O centro do olhar sociológico é a diversidade das interpretações da vida (Guerra, 2010:16) e não propriamente a quantidade das interpretações de vida. A abordagem compreensiva tem um posicionamento específico face ao papel do sujeito na vida social. Todas as teorias sociológicas assumem, de forma expressa ou implícita, uma determinada conceção do sujeito e da ação social. Esta diversidade vai desde o homem alienado ao homem integrado (Guerra, 2010:17)

No lar, o risco dos idosos cometerem erros que ponham em risco a própria vida é menor do que se vivessem sozinhos em casa, algo que admitiram unanimemente. Entre a higiene pessoal, a higiene habitacional, a confeção de alimentação, a toma medicamentosa e a supervisão médica, algum destes suportes correria sério risco de ser negligenciado, olhando às limitações de cada um dos entrevistados. Dos 120 idosos

internados no lar do Centro Social Paroquial em estudo, uma pequena parcela, cerca de 20 estariam em reais condições físicas e mentais de nos dar uma entrevista como a que elaborámos. Por uma questão de gestão recursos – humanos e temporais - reduzimos essa parcela para um número de entrevistas que considerámos ser suficiente quanto à diversidade das trajetórias. Identificámos seis idosos, três homens e três mulheres, com idades superiores a 65 anos⁶. Pelo conhecimento prévio da investigadora acerca do conteúdo das entrevistas de admissão e pelo comportamento social dos idosos dentro da instituição, entendeu-se que os seis idosos entrevistados apresentavam percursos de diversidade biográfica. Dados sobre os quais nos baseamos para esperar uma certa acumulação enriquecida dos fatores analisáveis.

O resultado que se pretende obter nesta investigação não é generalizar nenhuma teoria, nem elaborar um ideal-tipo de idoso feliz. Os seis idosos entrevistados não representam uma amostragem. Pretendemos compreender na perspetiva de cada um destes seis idosos, que representações têm da felicidade e como é que esta é vista por si à luz das suas memórias e expectativas.

Foi com base na revisão teórica que nos propusemos aos seguintes objetivos de pesquisa, e que se podem desdobrar desta forma: conhecer os fatores que os idosos percecionam como condicionantes da felicidade; identificar as idealizações de felicidade dos idosos; percecionar os aspetos de bem-estar social e material que influenciam a realização da felicidade para os idosos e finalmente, conhecer os fatores que influenciam a decisão dos idosos na escolha do internamento, suas estratégias de adaptação e as alterações nos seus estilos de vida relativamente à autonomia e liberdade.

⁶ Idade a partir da qual uma pessoa é considerada idosa, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Os indicadores de análise foram distribuídos desta forma pelos objetivos de pesquisa:

Quadro 1. Identificação dos indicadores de análise.

Pergunta de partida	Objetivos de Pesquisa	Indicadores de Análise
Que representações de felicidade têm os idosos internados em Lar?	Conhecer os fatores que os idosos percebem como condicionantes de felicidade. Identificar as idealizações de felicidade dos idosos.	Concepções da felicidade; percepção das condicionantes da variabilidade da felicidade; transições de vida significativas; sentimentos de satisfação e insatisfação face à trajetória de vida; diferenças sobre as perspectivas de felicidade ao longo da vida; projetos de vida; esperança e felicidade.
	Perceber os aspectos de bem-estar social e material que influenciam a realização da felicidade para os idosos	A importância das redes sociais na construção da felicidade; a vivência e percepção da solidão na terceira idade; as redes de suporte emocional e a sua relação com a felicidade; a felicidade associada à realização material; as condições materiais que permitem a satisfação e a percepção de felicidade; o consumismo como fonte de felicidade/angústia.
	Conhecer os fatores que influenciam a decisão dos idosos na escolha do internamento, suas estratégias de adaptação e as alterações nos seus estilos de vida relativamente à autonomia e liberdade.	Motivação para o internamento; estratégias de adaptação ao contexto institucional; principais alterações nas rotinas dos indivíduos; situações experienciadas pelos idosos cujo carácter confira autonomia e liberdade.

Para atingirmos os objetivos aos quais nos propusemos extraímos das entrevistas com os idosos, aquilo que descreve de forma marcante as transições de vida. Explorámos os acontecimentos da vida que têm importância do ponto de vista social – o nascimento, a entrada na escola, a puberdade, o emprego, o casamento, o nascimento dos filhos, o nascimento dos netos e a reforma, os acontecimentos mais ou menos constantes em todas as culturas (Battin, 2009:290). Foi a partir da exploração destes acontecimentos que partimos para algumas respostas.

A felicidade é construída através das relações dos indivíduos, nas suas ações e projetos, bem como nas suas trajetórias sociais. Neste sentido questionamos o que idealizam estes atores sociais acerca da felicidade. A sua conceção parece estar unanimemente ligada à vivência quotidiana, mas no entanto esta vivência tem inscrito um passado e um futuro, ou por outro lado, um conjunto de memórias e um conjunto de expectativas, que podem tornar essas idealizações singulares (Dantas, 2012:24).

No próximo capítulo iremos proceder ao desenho metodológico da investigação e perceber como foi organizada a mesma e como chegámos ao objeto sociológico estudado nos últimos subcapítulos.

2. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, vamos proceder ao desenho metodológico da pesquisa. Neste estudo, privilegiou-se um modelo de análise qualitativa da narrativa dos entrevistados, o acesso a estas narrativas foi feito com recurso à entrevista de natureza biográfica.

Por outras palavras, a nossa opção analítica definiu-se como uma análise sem categorias pré-determinadas. Este tipo de análise tem a particularidade de não contar com o estabelecimento de categorias *a priori*. As formulações conceptuais surgem de forma indutiva. Sem categorias pré-determinadas o ponto de partida para a análise dos discursos encontra-se na narrativa tecida pelos próprios entrevistados.

Pretendeu-se realizar uma pesquisa em que a construção da teoria decorresse de um processo de inter-relação com a empiria (Joaquim, 2012:90). Referimo-nos a uma análise de cariz indutivo, que não se limite apenas à descrição dos fenómenos observados. E isto pode ser conseguido utilizando uma “teoria enraizada”, cuja “raiz” se encontre nos dados recolhidos (Joaquim, 2012:90).

O paradigma das “teorias enraizadas”, diferente das metodologias hipotético-dedutivas, é um modelo compreensivo, que tenta alcançar a explicação do que está a acontecer por meio da pesquisa empírica. Daí que se tenha tido como prioridade definir as principais preocupações dos atores e a forma segundo a qual tentam resolver os seus problemas (Guerra, 2010:40).

Consideramos que um dos princípios gerais que se destacam nesta teoria seja a teorização em si mesma, fundamentada numa análise comparativa contínua dos dados, sobre os quais se constroem os conceitos e as categorias confrontados com a realidade (Joaquim, 2012:90). As investigações que se situam neste paradigma referem concretamente que a construção empírica das teorias consiste em definir os elementos importantes e as relações que se estabelecem entre si, na realidade em estudo e a partir do próprio terreno. Isto acontece consoante a recolha de dados e não a partir de um esquema conceptual concebido *a priori* (Joaquim, 2012:90)⁷.

⁷ O autor recorre a Micheline Milot para fundamentar o seu pensamento: Milot, Micheline (1991), *Une religion à transmettre ? Le choix des parents*, Laval, Presses de l'Université Laval.

Uma vez que se quer compreender porque é que os atores fazem o que fazem, a escolha de uma estratégia interpretativa revelou-se a mais adequada. Com esta estratégia podem ser explorados nos discursos dos entrevistados, os significados simbólicos, os motivos e as regras que orientam as ações dos mesmos e os seus comportamentos em contextos de mudança (Joaquim, 2012:91)⁸.

A análise de conteúdo é uma técnica que visa o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Nesse sentido a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva (que visa dar conta do que nos foi narrado) e uma dimensão interpretativa (que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo) (Guerra, 2010:62).

No sentido de fazer uma primeira aproximação às representações da felicidade dos idosos institucionalizados, escolheram-se de um universo de 120 idosos internados num dado Centro Social Paroquial em Lisboa, 6 idosos considerados entre os mais autónomos daquela instituição para aplicar a entrevista de natureza biográfica. Os critérios subjacentes à escolha dos entrevistados foram os seguintes: ter idade superior a 65 anos, estar internado no lar da instituição em causa, possuir a acuidade intelectual para compreender e responder às questões da entrevista. Sem qualquer outro propósito de limitação da faixa etária, estes idosos apresentaram-se com idades compreendidas entre os 79 e os 98 anos, três homens e três mulheres. Na altura das entrevistas, o tempo de institucionalização situava-se entre os 4 meses e os 5 anos. As entrevistas decorreram entre outubro de 2012 e março de 2013.

As entrevistas tornam-se importantes, porque representam o principal momento de exploração das ações orientadoras dos atores através do discurso destes. As entrevistas podem cumprir várias funções: exploratória (dado o desconhecimento do fenómeno estudado, inicia-se uma pesquisa de terreno); analítica (quando se pretende estabelecer uma teoria geral, que ultrapasse o contexto particular em que se realiza); expressiva (o material recolhido tem uma função mais de comunicação do que de pesquisa, trata-se sobretudo de fazer passar a mensagem) (Guerra, 2010:62).

⁸ O autor fundamenta o seu pensamento em Blaikie, Norman (2000), *Designing Social Research*, Cambridge: Polity Press.

O acionamento da análise de conteúdo torna-se difícil quando estamos perante entrevistas longas, o que tornam impossível a análise sistemática de todo o conteúdo disponível (Guerra, 2010:62). Uma vez realizadas as entrevistas torna-se necessário transcrevê-las e de seguida deve proceder-se a uma leitura cuidadosa de cada uma, onde poderão ser sublinhadas as partes que se consideram importantes para o tema elencado neste estudo. Não esquecendo que cada entrevista teve como suporte um quadro conceptual de problematização e um guião (Guerra, 2010:70).

Nesta investigação, o objetivo da utilização de uma análise de conteúdo sem categorias pré-determinadas foi constituir uma “interpretação local” do material empírico. A análise de cada entrevista foi composta por três momentos: a sinopse, o histórico e a mensagem. Não se trata de uma análise de conteúdo categorial, mas antes de um modelo de análise narrativa vertical, que visa manter a integralidade de cada enunciação biográfica e não a sua redução a categorias de análise horizontal (Monteiro, 2005)⁹.

Na “sinopse”, reproduz-se de forma sintética o discurso do entrevistado em palavras próprias do investigador. Implica já um certo nível de apropriação e abstração (Monteiro, 2005:159). As sinopses são sínteses do discurso que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fiéis à linguagem do entrevistado (Guerra, 2010:73). Segundo Guerra (2010) as sinopses têm quatro principais objetivos: reduzir o montante de material a trabalhar identificando o corpus central da entrevista; permitir o conhecimento da totalidade do discurso, mas também das suas diversas componentes; facilitar a comparação longitudinal das entrevistas; ter a perceção da saturação das entrevistas (Guerra, 2010:73).

Depois de realizada a sinopse, parte-se para o segundo momento da análise: o “histórico” da entrevista, que representa uma descrição do cronograma do “problema” do individuo (Monteiro, 2005:161), neste caso, cada idoso tem uma representação própria da felicidade à luz dos acontecimentos vividos no seu passado e das suas expectativas sobre a vida. Finalmente tenta extrair-se da entrevista, a “mensagem” que nos foi transmitida (Monteiro, 2005:163) ou seja, tentar compreender o que é que o entrevistado nos quis dizer, o que muitas vezes se encontra apenas implícito no

⁹ O método de investigação proposto pela autora partiu do método utilizado por Soulet, Marc-Henry (2002), *Faire face et s'en sortir: Développement des compétences et action collective*, Collection Res socialis, Fribourg: Éditions Universitaires, que por sua vez se baseia na proposta de modelização da pesquisa qualitativa preconizada em Maxwell, Joseph (2009 [1999]), *La modélisation de la recherche qualitative*, Academic Press Fribourg, Fribourg Suisse: Editions Saint-Paul

discurso. No final procura-se os pontos onde os discursos dos entrevistados se cruzam ou se singularizam. Esses “nós” permitirão a identificação dos “analistas” do discurso.

Por que o tema da felicidade não é redutível ao plano dos factos mensuráveis, houve a necessidade de recorrer a entrevistas de natureza biográfica. O recurso a métodos biográficos continua a ser um dos meios clássicos, utilizados na metodologia dos investigadores das ciências sociais e humanas. Este recurso é um meio de ancorar o simbólico em expressões de identidades pessoais e um meio de argumentar sobre o facto da história pessoal de cada um ter um determinado significado (Dubar, 2006:168). Isto permite-nos, não só aceder à compreensão dos fenómenos a partir do quadro de referências dos sujeitos que os protagonizam (Monteiro, 2005:144) como aceder ao “trajectivo” da vida dos indivíduos. Muitas vezes nas técnicas utilizadas pelas ciências sociais e humanas, explora-se mais o “objetivo” e o “subjetivo”, e pouco o “trajectivo”. O “trajectivo” não tem padrão definido, é constituído ora por contactos, ora por aproximações, ora por trajetos, ora deambulações, depende do que for entendido como mais marcante no discurso daquele entrevistado. O “trajectivo” revela-se mais importante porque muito do que é estranho no quotidiano, se dá nos espaços não visíveis a “olho nu” (Pais, 2006:22). Entenda-se “estranho” como aquilo que é singular. Nesta obra de Machado Pais (2006) o autor discorre sobre as representações sociais da solidão, defendendo que esta não é experiência comum sobre a qual possa existir um consenso. Para compreendê-la o autor foi à procura de quem a vive – sem-abrigo, idosos internados em lar, imigrantes – e descobriu a estranheza dessa vivência através da sua singularidade. É esta “estranheza” que procuramos também nos “trajetos” dos atores neste trabalho.

Segundo Isabel Guerra (2010:39), existem duas grandes críticas dirigidas às metodologias qualitativas: por um lado, a sua falta de representatividade, por outro a sua generalização selvagem. Neste trabalho não encontramos uma amostra representativa, no sentido de representatividade estatística. Poderá ser almejada uma representatividade social, mesmo com um número de casos reduzido? Pelas suas características a análise qualitativa nunca estuda muitos casos (Guerra, 2010:40), por isso pensamos que mesmo com um número de casos reduzido podemos almejar algum tipo de representatividade social, mais próxima do estatuto de exemplo. Tentámos valorizar a sociologia do

quotidiano e das pequenas coisas, porque assim se entende que os atores em cada circunstância concreta têm nas suas mãos o fermento da mudança (Guerra, 2010: 14).

As vantagens das metodologias compreensivas são de várias ordens: de ordem epistemológica, na medida em que os atores são considerados indispensáveis para entender os comportamentos sociais; de ordem ética e política, pois permitem aprofundar as contradições e os dilemas que atravessam a sociedade concreta; e de ordem metodológica, como instrumento privilegiado de análise das experiências e do sentido da ação (Guerra, 2010:10).

No próximo capítulo faremos uma leitura aprofundada da literatura respeitante ao envelhecimento, contextualizando-o, antes de mais, nas sociedades pós-industriais ocidentais e, posteriormente, no terreno das instituições que internam idosos.

3. O IDOSO EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS

3.1. O envelhecimento nas sociedades ocidentais

Este é o capítulo reservado à explanação das características do envelhecimento nas sociedades ocidentais: Que tipo de envelhecimento é o das sociedades ocidentais? Quem são os idosos de hoje, homens ou mulheres? Que implicações tem o envelhecimento na vida dos indivíduos? Quem são os cuidadores dos idosos dependentes? Estas são as questões às quais queremos dar resposta nas alíneas seguintes.

O acentuado envelhecimento populacional verificado ao longo das últimas décadas tem sido uma das mudanças mais estruturantes nas sociedades europeias contemporâneas (Aboim et al. 2010: 69)¹⁰. As pessoas com idade superior a 65 anos das sociedades ocidentais tem vindo a crescer. Em Portugal o índice de envelhecimento em 1960 era de 27 idosos para cada 100 jovens com menos de 14 anos, em 2001 esse número aumentou para 102 em 100 jovens e em 2021 prevê-se que esse número suba para 127 idosos por cada 100 jovens com menos de 14 anos (Ribeirinho, 2005:31)¹¹.

Na base do fenómeno de “transição demográfica” das sociedades ocidentais, encontram-se duas causas principais: o aumento sem precedentes da esperança média de vida dos indivíduos – resultado da melhoria das condições de vida e da prestação de cuidados de saúde – e a diminuição das taxas de natalidade e de fecundidade (Aboim et al. 2010: 69).

O envelhecimento das sociedades ocidentais poderia não ser considerado um problema, desde que o processo não se desenvolvesse num contexto desfavorável como é o atual, em que interferem outros fatores, não só a diminuição da taxa de natalidade, mas também a crescente instabilidade das formas familiares, a pouca disponibilidade da

¹⁰ Estes autores participaram num estudo comparativo ao nível de 23 países europeus, cuja coordenação em Portugal esteve a cargo de Machado Pais, Sérgio Ferreira (2010). Este estudo teve como base os valores e as atitudes dos cidadãos europeus em relação à organização do curso de vida e às estratégias mais valorizadas na sua planificação. Este estudo tomou também como instrumento de inquirição, um questionário aplicado a amostras representativas das populações dos países participantes, entre os quais se incluiu Portugal (Pais, 2010:22).

¹¹ A autora baseia-se em dados de 2002 do Instituto Nacional de Estatística para documentar esta afirmação.

família para dar apoio às pessoas idosas, a crise dos sistemas de proteção social, a individualização e fragilização das formas tradicionais de vinculação social. São estes fatores em simultâneo que agravam as condições de vida das pessoas idosas (Ribeirinho, 2005:34)¹².

É no contexto das sociedades ocidentais que, nas próximas alíneas, vamos abordar três temas relacionados com o envelhecimento: as mudanças identitárias às quais estão sujeitas as pessoas idosas; a dependência física e intelectual como obstrução à qualidade de vida e, finalmente, as dificuldades dos cuidadores de idosos e das instituições em prestar os serviços a esta população.

3.1.1. A identidade e o envelhecimento

Embora o processo de envelhecimento, de um ponto de vista biológico, se inicie exatamente no momento em que se nasce, de um ponto de vista social este só começa a ser conceptualizado enquanto realidade biográfica substancialmente mais tarde. Ao longo da vida, a personalidade do indivíduo está submetida a uma série de mudanças. A “meia-idade” está frequentemente, associada a uma situação de “crise”, esta faz com que o sujeito se questione sobre a sua existência identitária e social¹³. Acreditamos que na velhice, situada cronologicamente depois da “meia-idade”, o indivíduo se confronta com mais “crises”. Em primeiro lugar, pela experiência do contacto com a morte – amigos, familiares ou de outros que lhe são significantes; em segundo lugar, pelo confronto com os sinais fisiológicos e morfológicos da sua mudança corporal; em terceiro lugar, porque o avanço no seu ciclo vital significa o avanço no ciclo vital da sua rede social - no crescimento e autonomização dos filhos ou outros familiares próximos (Aboim et al. 2010:73); em quarto lugar, pela perda de papéis sociais na sociedade e na família – o que obriga os indivíduos idosos a reequacionar os seus objetivos pessoais de forma a se adaptarem às condições que o rodeiam (Ribeirinho, 2005: 43). Assim, no processo de envelhecimento não podemos considerar apenas os fatores intrínsecos,

¹² A autora baseia as suas afirmações na obra de Fernandes, Ana Alexandre (1997), *Velhice e sociedade: demografia, família e políticas sociais em Portugal*, Oeiras, Celta.

¹³ Portugal está entre os países onde a entrada na “meia-idade” é considerada mais tardiamente, já próximo dos 50 anos (Aboim et al. 2010:74)

aqueles que dizem respeito apenas ao envelhecimento do corpo, mas também os fatores extrínsecos.

Deste estudo destacamos as conclusões que dizem respeito à identidade no processo de envelhecimento: hoje pode ser-se jovem aos 35 anos ou mais, enquanto em contrapartida, uns 60 anos bem conservados não são necessariamente um atributo de velhice. Quanta mais idade se tem, mais se tende a pensar que é preciso ter mais idade para se ser considerado velho. Por outro lado, quanto mais velho se é, mais se tende a fugir da velhice - em Portugal, os inquiridos com mais de 60 anos tendem a considerar velhos os mais de 70 anos. Para os jovens, a média da idade normativa da velhice é de 67 anos (Pais, 2010:22-23). Contudo o marcador de transição para a velhice mais valorizado, segundo as estatísticas, está relacionado com uma lógica de dependência de outrem, ou seja, o facto de se precisar que outras pessoas tomem conta do idoso em causa, ou em segundo lugar, se este se encontrar fisicamente debilitado (Aboim et al. 2010:79-80). Para os europeus, a obtenção da condição de “reformado” por si só não constitui um marcador de passagem para a “velhice”, desvalorizando este fator em detrimento da condição de saúde (Aboim et al. 2010:78).

A “idade” é um sistema de codificação social do tempo biográfico que a partir de determinado momento da vida, muitos tentam ignorar, desvalorizar e negar (Aboim et al. 2010: 73). A indústria de engenharia e *design* corporal das sociedades ocidentais é uma evidência disto mesmo (Aboim et al. 2010: 73).¹⁴

As normatividades etárias não são efeito puro da realidade biológica, elas constituem também um campo de luta simbólica (Pais, 2010:20). Esta luta simbólica faz do envelhecimento um processo diferencial. Cada indivíduo envelhece de um modo particular, diferente de outro, conforme os modos de vida, - se casou, se teve filhos, se viveu só, o tipo de profissão que teve - diferença entre trabalho manual ou intelectual; os acontecimentos traumáticos - mortes, doenças, desemprego, violência, separação ou divórcio; bem como outros fatores de ordem social, como a escolaridade, a condição social - com reflexos designadamente nos hábitos de higiene, alimentação, e outros, como hábitos tóxicos - a ingestão de álcool, o uso de tabaco ou drogas. Os fatores

¹⁴ Os autores baseiam o seu pensamento em Ferreira, Vítor Sérgio (2008), “Be some body: modificação corporal e plasticidade identitária na sociedade contemporânea”, *Itinerários. A investigação nos 25 anos do ICS*, orgs. Manuel Villaverde Cabral et al. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 671-689.

intrínsecos e extrínsecos encontram-se interligados e fazem do envelhecimento um processo singular na vida de cada indivíduo (Ribeirinho, 2005:37)¹⁵.

A população idosa das sociedades ocidentais apresenta-se com características muito particulares: existe um elevado número de pessoas a viverem sós, maioritariamente mulheres - devido à feminização do envelhecimento, associado à maior longevidade das mulheres em relação aos homens; a rede de suporte familiar não consegue por si só assegurar os cuidados aos seus idosos seja qual for a sua condição de saúde – o que faz com que recorram a respostas fora da família, formais ou informais; a melhoria no acesso aos cuidados de saúde e o crescimento dos serviços de apoio domiciliário permitiram que os idosos se mantenham até a uma idade mais longa nas suas casas (Sousa, 2011:20).

A identidade não é apenas pessoal, ela é também social. O “ser social” dos indivíduos, na perspetiva durkheimiana, é considerado como aquilo que eles herdaram sem o quererem (Dubar, 2006:13). A identidade social apresenta uma forte correlação com a categoria de pertença. A pertença a uma categoria mede aspetos importantes da vida dos indivíduos das sociedades modernas e determina, de forma mais ou menos expressiva, exibem-se maneiras de fazer, de sentir e de julgar. Por estas razões, o género não pode hoje em dia ser negligenciado pelas análises sociológicas. Ninguém escolhe o género ao qual pertence e as instituições da sociedade ocidental continua a tratar homens e mulheres de forma diferente mesmo que estes se encontrem em situações semelhantes, por exemplo, na mesma função muitos homens continuam a receber um salário superior ao das mulheres (Dubar, 2006:12). O estudo coordenado por Pais e Ferreira (2010) salienta como o género afeta as atitudes perante a vida (Nata e Menezes, 2010:235). A perceção diferenciada da entrada na “velhice” consoante o género tende a dominar nos vários países da Europa, com as mulheres a serem geralmente consideradas “idosas” mais cedo do que os homens, em média, um ano e quatro meses (Aboim et al. 2010: 75).

A evolução das atitudes perante a vida estão fortemente dependentes do género, da idade, mas também do contexto nacional (Pais e Ferreira, 2010:254). As relações de

¹⁵ A autora fundamenta os seus argumentos em Fernandes, Ana Alexandra (2002), “Investigação, Formação e Intervenção - Reflexão em Torno dos Condicionantes à Intervenção no Campo da Gerontologia Social”, *Futurando*, nº5/6/7, ISSS-CESDET, pp.25.

dominação nas sociedades, desde o seu início na história da humanidade, são quase sempre estabelecidas entre homens e mulheres mas também entre velhos e novos (Dubar, 2006:22-24). Mas o contexto socioeconómico mais abrangente onde estas “dominações” tomam lugar tem também um papel importante.

O estudo de Pais e Ferreira (2010) deu-nos uma visão heterogénea de como os indivíduos constroem significativamente a sua vida, centrando-se em indicadores relevantes do domínio pessoal e social, como a satisfação com a vida e a sociabilidade. Em relação a Portugal, concluiu-se que tem uma média ligeiramente negativa de satisfação com a vida, assim como de envolvimento comunitário. Pelo contrário apresenta níveis elevados relativamente à sociabilidade. Os resultados reforçam o peso de variáveis de natureza relacional, económica e política na satisfação com a vida, sugerindo que a construção subjetiva e pessoal da felicidade é efetiva e inevitavelmente efetuada “em contexto” (Nata e Menezes, 2010:253-254).

Na próxima alínea vamos desenvolver o tema da condição de saúde implicada na velhice e da forma como a dependência física ou mental de um idoso pode ditar a sua adesão, ou não, aos serviços dirigidos para idosos como o apoio domiciliário e os lares de idosos.

3.1.2. A dependência

Por detrás da condição de dependência dos idosos está uma série de causas. Entre outras: os acidentes vasculares cerebrais e suas variantes; as doenças pulmonares; a doença de Parkinson; as doenças osteoarticulares; as demências de vária ordem, entre as quais a doença de Alzheimer; as síndromes depressivas; as quedas que levam a fraturas de ossos e variantes (Ribeirinho, 2005:54). Estas são as causas mais frequentes nas incapacidades das pessoas idosas.

Para podermos aprofundar o conceito de dependência, parece-nos relevante analisarmos também conceitos adjacentes, tais como autonomia e independência. A autonomia pode ser entendida como a capacidade de decisão e de comando da própria vida e a independência como a capacidade de realizar algo com os seus próprios meios

(Ribeirinho, 2005:55)¹⁶. Em ambos os conceitos está presente a possibilidade do indivíduo se poder relacionar com outros de forma igualitária, numa relação sujeito-sujeito (Ribeirinho, 2005:55)¹⁷.

As alterações funcionais associadas ao processo de envelhecimento e aliadas à maior prevalência de doenças crônicas podem efetivamente conduzir à deterioração da habilidade de manutenção da independência.

A condição de dependência de um idoso pode constituir um ponto de viragem na sua vida e na da sua família pois a manutenção da qualidade de vida está intimamente ligada à autonomia e independência dos indivíduos. Em primeiro lugar, altera a forma como a sua vida está organizada, o local onde vive pode mudar, as pessoas que com ele vivem podem mudar, a organização da vida da família pode mudar. E em segundo lugar, dependendo do tipo de dependência, esta poderá ser a condição que levará o idoso a precisar da ajuda de terceiros para a realização das suas atividades de vida diária, ou seja, para fazer a sua higiene pessoal e vestir-se, fazer a higiene habitacional, confeccionar alimentação, ir às compras, tomar a medicação e outras atividades similares que impliquem a sua alimentação, higiene e saúde em geral.

O impacto da dependência na vida de um idoso é maior do que na vida de um indivíduo adulto, uma vez que um idoso, mesmo que à partida não padeça de nenhuma doença crónica, o seu corpo apresenta menos recursos biológicos para se reabilitar, recuperar e reagir. A gestão da situação que envolve a dependência de um idoso está sobretudo assente no meio social onde este se insere, o que está ao seu próprio alcance é pouco - para além de colaborar com os que lhe prestam assistência. A manutenção da situação de dependência vai depender de diversos fatores: quem vive com o idoso (está ou não em condições físicas e intelectuais de prestar assistência?); se o idoso tem outros recursos familiares para além das pessoas que vivem com ele em casa (filhos, irmãos e outros); os recursos da comunidade (o local onde vive tem ou não serviços de apoio domiciliário, centro de saúde, clínica de fisioterapia?). Vejamos um caso particular de

¹⁶ A autora baseia-se na obra de Netto, Matheus Papaléo e Ponte, José Ribeiro da (2002), "Envelhecimento: desafio na transição do século", Netto, Matheus Papaléo, *Gerontologia - A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*, São Paulo, Atheneu, pp.3-12.

¹⁷ A autora fundamenta as suas afirmações em Monteiro, Pedro Paulo (2003), "Espaços Internos e Externos do Corpo: Envelhecimento e Autonomia", *Serviço Social & Sociedade*, 75, Cortez, pp.143-152.

um idoso casado e sem filhos que fique dependente. É muito provável que o seu cônjuge também seja idoso. Neste caso, vamos ter um idoso a cuidar de um idoso dependente. Com o desgaste físico é provável que o idoso cuidador dentro de pouco tempo precise também ele de um cuidador. A ajuda profissional fará o levantamento de necessidades daquela família perante a situação nova, definirá como atuar sobre as necessidades, organizando um novo conjunto de hábitos com vista à recuperação do idoso dependente e protegendo a condição de saúde do idoso cuidador. Neste itinerário, torna-se, assim necessário enfrentar as questões relativas aos cuidadores de idosos. É esse o objetivo da próxima alínea deste estudo.

3.1.3. Os cuidadores de idosos

O envelhecimento coloca novos desafios aos idosos, às suas famílias mas também às instituições e serviços a eles dirigidos. Consideramos indispensável e inadiável o investimento na formação do pessoal que lida diretamente e diariamente com os idosos nos lares e nos serviços de apoio domiciliário (Sousa, 2011:12).

O cuidador é entendido como aquele que cuida, que presta apoio e assistência a um indivíduo em situação de dependência, podendo esta ser temporária ou definitiva. Distinguem-se os cuidadores informais e os cuidadores formais. Os cuidadores informais – familiares, amigos, vizinhos e voluntários – são os que assumem, de forma não remunerada, parte ou a totalidade dos cuidados; os cuidadores formais – ajudantes familiares - são profissionais contratados para levarem a cabo a prestação de cuidados no domicílio ou em instituição (Sousa, 2011:23).

Tendo em conta o número crescente do número de idosos, mas também o facto de estes funcionários serem ainda pouco escolarizados, consideramos inadiável o investimento na formação destes profissionais. Além disso, alguns não possuem vocação para esta atividade, trabalham em condições deficientes, não encaram a profissão como uma carreira, e desenvolvem sentimentos negativos relacionados com o estatuto e a imagem social da profissão, que é socialmente pouco valorizada (Sousa, 2011:24).

Nos contextos institucionais, estes cuidadores formais cuidam de uma população idosa por vezes numerosa (dão banho, mudam a fralda, alimentam, posicionam, reposicionam, transportam), população que, com frequência, apresenta estádios avançados de patologias como a doença de Alzheimer, esclerose múltipla, outras doenças terminais e doença mental (Sousa, 2011:25).

A função de ajudante familiar – cuidador formal - é percebida de forma positiva pelas famílias, mas dificilmente escolhida como profissão, devido à exigência emocional e física que implica este lidar com a fragilidade do outro (Sousa, 2011:25). As lesões na coluna destes trabalhadores representam cerca de 43% do total de lesões verificadas neste ramo de atividade. As longas jornadas de trabalho, o número insuficiente de pessoal, a falta de reconhecimento profissional, a exposição do profissional a exigências como, o contacto com o sofrimento, a dor e muitas vezes a morte, fazem com que o desempenho destes profissionais, exija um controlo mental e emocional muito maior do que o exigido em outras profissões. Estes profissionais lidam com pacientes em estado grave; compartilham com o enfermo e seus familiares e angústia, a dor, a depressão e o medo de padecerem (Sousa, 2011:26-27).

Na próxima alínea, será desenvolvido o tema dos lares de idosos. Estes são um dos locais de trabalho de muitos cuidadores e de entre os contextos onde estes profissionais trabalham este é o que nos interessa aqui aprofundar.

3.2. Os lares de idosos como instituições totais

Os lares de idosos têm a sua origem histórica nos asilos e surgem como alternativa para as pessoas idosas dependentes ou em situação de maior risco de perda de autonomia. Em Portugal, a grande maioria dos asilos estava ao cuidado da Igreja. O grande aumento destes equipamentos deu-se entre 1986 e 1995, com a criação de 317 novos lares não lucrativos. Em 2005 existiam 805 lares administradas por instituições particulares de solidariedade social, num universo de 3828 valências existentes para idosos (Ribeirinho, 2005: 72)¹⁸.

¹⁸ A autora baseia-se num artigo de Jacob, Luís (2001), “Serviço para idosos”. Disponível em www.luisjacob.planetaclix.pt consultado em 10/09/2004.

O lar de idosos pode ser enquadrado no conceito de “instituições totais”, por ser “um local de residência de um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (Goffman, 2008 [1961]: 11). Dentro deste tipo de instituições encontram-se reunidas as condições necessárias para normalizar o viver dos internados, uma vez que num só local estão concentradas: água, energia, alimentação, medicação e tratamento médico, condições para levar a cabo a higiene pessoal e dos espaços do edifício, para além das condições que permitem aos internados dormirem, descansarem ou terem momentos de lazer. São estas as características que conferem às “instituições totais” o carácter de “totalidade”. Recorreremos a alguns argumentos do autor para melhor compreendermos o contexto institucional de Lar. Neste subcapítulo serão abordadas questões relativas a instituições totais que respondem às necessidades dos idosos e às das suas famílias e aos obstáculos com os quais ambos se confrontam. Importa, pois, encontrar um quadro de compreensão para a leitura das situações prévias e posteriores ao internamento de um idoso em Lar.

Com um idoso dependente ao seu cuidado, a família vê-se em primeiro lugar confrontada com a emergência da reorganização familiar e depois com a sobrecarga física, emocional e financeira que assistir um idoso implica. Em consequência de todos estes fatores, a opção de institucionalização acaba por constituir, em muitos casos, a escolha de muitas famílias e de algumas pessoas idosas (Ribeirinho, 2005:94).

Para as famílias dos idosos, a decisão do internamento em Lar pode ser complexa e enigmática. Por um lado sentem a pressão social do dever de assistir o seu idoso, do dever da solidariedade e reciprocidade, por outro lado não se encontram preparadas – do ponto de vista material e emocional - para lidar com o processo da perda de capacidades do seu idoso ou mesmo de o assistir até à sua morte.

Numa situação de vida conjunta com estranhos e com diferentes modos de vida, e sujeitando-se a um tratamento igualitário, a pessoa idosa internada fica limitada na sua autonomia (Ribeirinho, 2005:93). Ninguém nasceu para viver em Lares (Ribeirinho, 2005:93)¹⁹, há quem defenda até ser uma solução “antinatural” (Ribeirinho, 2005:93)²⁰.

¹⁹ A autora baseia-se em Bruto da Costa, Alfredo (1998), *Exclusões Sociais*, Lisboa, Gradiva.

É em virtude desta imagem negativa sobre a institucionalização, que Goffman afirma que o internamento significa uma rutura com o quadro de vida quotidiano do individuo, representando para esta uma mudança, muitas vezes radical no seu padrão de vida, tendo de encarar uma realidade completamente nova (Ribeirinho, 2005:92)²¹. Para a pessoa idosa, a simples perspetiva da mudança de um ambiente familiar para um ambiente desconhecido, pode acarretar uma sensação de perda múltipla e uma ameaça à sua segurança (Ribeirinho, 2005:93)²². A sensação de perda é de uma maneira geral sentida pelos idosos internados mas sobretudo por aqueles que são forçados à institucionalização – perda da intimidade, da privacidade, da autonomia, dos vínculos (Ribeirinho, 2005:93).

Vamos abordar na alínea que se segue a cultura interna de uma instituição total, analisando o internamento sobre a perspetiva de quem se encontra no seu interior.

3.2.1. A cultura interna

Goffman desenvolveu o tema das instituições totais nos anos 60. O referido autor e a sua obra “Manicómios, prisões e conventos”,²³ serão de referência fundamental nesta alínea. Goffman fez um levantamento crítico da vida em instituições totais fechadas e demonstrou como este contexto atua sobre as pessoas internadas. O autor privilegia o estudo dos “manicómios” e conclui que os comportamentos e atitudes das pessoas internadas nestes locais estão mais relacionados com o contexto de internamento do que propriamente com a doença. Será que podemos dizer o mesmo sobre os comportamentos e atitudes dos idosos nos lares?

Goffman vai mostrar que, estudando os casos extremos, se pode compreender melhor o funcionamento das instituições comuns como escolas, empresas e instituições de solidariedade social como é o caso dos Centros Sociais Paroquiais (Campenhoudt, 2003:48).

²⁰ A autora consulta a obra Rocha, João Manuel (1999), "O direito à dignidade, sempre", *Cidade Solidária*, nº3, SCML, pp.8-14.

²¹ A autora fundamenta o seu pensamento em Pimentel, Luísa (2001), *O lugar do idoso na família - contextos e trajetórias*, Coimbra, Quarteto.

²² A autora baseia as suas afirmações em Fernandes, Purificação (2002), *A depressão no idoso*. 2ª ed, Coimbra, Quarteto.

²³ Goffman (2008 [1961]).

Difícilmente os indivíduos internados em lares de idosos voltarão a sair da instituição de forma autónoma ou dificilmente voltarão aquilo que compreendiam como a sua “vida normal”. Os indivíduos internados em lares de idosos são internados para aí permanecerem até à sua morte. Machado Pais diz que uma população com estas características encontra-se quotidianamente “exilada da vida”, adotando dentro da instituição uma “sobrevida” (Pais, 2006:157).

A instituição total é um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal, é nesta composição que reside a sua especial relevância social e interesse sociológico (Goffman, 2008 [1961]:22). O interesse do estudo das instituições totais reside no facto dos fenómenos que nelas ocorrem aparecerem com maior clareza do que nas instituições não-totais (Campenhoudt, 2003:63).

O aspeto central das instituições totais é que, em primeiro lugar, todos os aspetos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade; em segundo lugar, cada atividade de vida diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo de pessoas e todas elas são tratadas da mesma forma e levadas a fazer as mesmas coisas em conjunto; terceiro lugar sabe-se que todas as atividades de vida diária são rigorosamente estabelecidas em horários, impostas de cima para baixo, por um sistema de regras formais explícitas. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planeado para atender aos objetivos oficiais da instituição (Goffman, 2008 [1961]:17-18).

Possuir uma “cultura aparente” é comum aos indivíduos recém-internados neste tipo de instituições. Estes indivíduos antes de serem internados tinham uma forma de vida particular, aceite sem discussão até ao momento da admissão na instituição, mas essa cultura “doméstica” irá ser afetada e modificada ao longo do internamento (Goffman, 2008 [1961]:23). O indivíduo recém-internado chega ao estabelecimento com uma conceção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no mundo externo. Ao entrar numa instituição total, o indivíduo é imediatamente despido de tais disposições (Goffman, 2008 [1961]:24).

Após alguns dias de internamento, o indivíduo descobre, de forma prática, que perdeu alguns dos papéis sociais em virtude da barreira que o separa do mundo exterior (Goffman, 2008 [1961]:25-26). Goffman refere-se a esta situação como o encontro com a “morte civil” na qual o indivíduo deixa de ser considerado como um cidadão, uma vez que abandonou de forma consciente ou inconsciente o “mundo da civilização”. Isto representa uma deformação pessoal que decorre não apenas das patologias que possui e do seu nível de dependência mas também das intervenções frequentemente efetuadas ao corpo, que num lar de idosos podem ser múltiplas - a higiene pessoal, a mudança de fralda, o tratamento de escaras ou outras feridas na pele, a toma medicamentosa, a alimentação eventual por sonda gástrica, a algáliação, o uso de medicamentos intravenosos, as transferências da cama para o cadeirão e vice-versa, a eventual mudança de quarto sem a ter requerido e as deslocações aos hospitais em maca, cadeira de rodas ou com outros recursos de apoio.

A vida em grupo exige disciplina, cumprimento de horários e como o que está em causa é a manutenção da higiene, alimentação e saúde de vários indivíduos ao mesmo tempo, existem inúmeras situações onde os indivíduos sentem os seus problemas expostos aos olhos dos outros internados. Mas com o tempo, essa exposição passa a ser encarada como um “mal menor”. Imaginemos por exemplo o que seria se cada vez que se fosse fazer a higiene a um acamado, todos os outros indivíduos, também acamados e dependentes, tivessem que ser retirados do quarto. Esta prática de levar a cabo a higiene dos internados acamados é comum nos lares de idosos pois normalmente não existe a possibilidade de fazer esta tarefa num espaço individual ou separado. Seria uma organização de trabalho pouco eficaz. Existem modos de proteger a intimidade dos internados, nem que seja uma “intimidade mínima” sem comprometer o cumprimento dos objetivos de higiene. Esta “intimidade mínima” pode implicar colocar uma cortina em torno da cama antes de se proteger à higiene, de forma a proteger o corpo de cada internado dos olhares de outros internados. No entanto se o internado que tiver a ser higienizado sofrer de dores no corpo, por exemplo, todos ouvirão os seus lamentos e o diálogo com os cuidadores.

É comum que nos lares, à semelhança também dos hospitais descritos por Goffman, algumas atividades de animação sejam coletivas – por exemplo jogos ao livre, bailes, participação em cantos, ensino de artes, trabalhos manuais, etc. Essas atividades podem

ajudar os indivíduos a suportar a tensão psicológica dos ataques ao “eu” e das intervenções ao corpo (Goffman, 2008 [1961]:65-66).

No “mundo exterior” o internado costumava poder decidir fazer ou não, certas tarefas e necessidades sem pensar muito, como por exemplo, comer ou fumar. Numa instituição total, a satisfação destas necessidades podem tornar-se problemáticas, devido à rigidez dos horários e das regras dos funcionamentos dos espaços. Existem horas específicas para comer e espaços específicos para fumar. Principalmente no início do internamento, a atenção do internado pode passar a fixar-se nesses recursos e a ficar obcecado pelos mesmos. Os indivíduos podem passar os dias obcecados em pensamentos a respeito da possibilidade de conseguirem certas satisfações e na contemplação da hora em que devem ser distribuídos certos bens ou efetuados apoios para certas tarefas. A construção de um “mundo” em torno desses privilégios secundários é talvez o aspeto mais importante da cultura dos internados. Compreende-se por isso que a conversa dos internados muitas vezes se centralize numa “fantasia de libertação”, no caso dos hospitais psiquiátricos (Goffman, 2008 [1961]:50-51). As fantasias ligam-se ao sentimento de que os “civis”, ou os cidadãos do “mundo exterior”, não compreendem como as suas vidas são maravilhosas e livres (Goffman, 2008 [1961]:51).

Uma das formas mais eficientes para perturbar a “economia” da ação de uma pessoa é obriga-la a pedir permissão para realizar quase todas as atividades secundárias que a pessoa poderia executar sozinha no “mundo exterior”. Essa obrigação não apenas coloca o indivíduo no papel de submisso, “não-natural” para um adulto, como também em vez de ser atendido imediata e automaticamente, o internado pode receber uma resposta negativa, ser interrogado ou ser ignorado (Goffman, 2008 [1961]:44). Isso pode fazer com que o internado tente obter certas satisfações por meios ilícitos ou pelo menos à margem das regras da instituição. A vida nas instituições totais é mais complexa do que aquilo que as versões oficiais deixam fazer crer, em cada interstício deixado pelas próprias atividades regulamentares desenvolve-se uma vida paralela (Campenhoudt, 2003:60). Assim, a cultura que é desenvolvida pelo internado, mostra que a posição de inferioridade, quando comparada com aquela a que tinha acesso no “mundo externo”, cria um meio de fracasso pessoal. Como resposta a isso, o internado tende a criar uma narrativa – que é usada como um tipo de lamentação ou defesa (Goffman, 2008 [1961]:63).

Goffman defende que as pessoas internadas desenvolvem, nas condições em que se encontram, uma vida própria, que se torna significativa, razoável e normal, desde que nos aproximemos dela (Goffman, 2008 [1961]:8). Mesmo que pareça absurdo ou anormal ao observador externo, se este se aproximar da situação que a partida lhe parece absurda e anormal, irá compreendê-la e acabar por aceitá-la como adequada.

O estudo de Goffman teve o mérito de alargar a perspectiva para os doentes. Tendo em conta que este estudo se debruça sobre um certo contexto institucional torna-se pertinente abordar as adaptações dos idosos ao meio, uma vez que estas estão implicadas nas suas representações de felicidade.

3.2.2. As adaptações ao meio

Os idosos internados na instituição em estudo estão na sua maioria numa condição física e psíquica com inúmeras limitações, o que não lhes permite prosseguir uma vida “normal” e autónoma. É difícil prosseguir com uma vida “normal” quando associados aos sinais da velhice, temos também os sinais das doenças. As doenças caracterizam-se pelas incapacidades de resposta às adversidades do quotidiano (Bauman, 1995:121-122). Conviver com uma doença numa situação de internamento institucional significa viver duas crises em simultâneo, a crise causada pela doença e a crise vinculativa. Ambas dificultam ainda mais a adaptação ao meio e a convivência com estranhos.

Há duas táticas recorrentes para o convívio com estranhos: uma consiste em reduzir drasticamente o elemento surpresa, ou seja, eliminar a imprevisibilidade no comportamento dos estranhos; a outra concretiza-se na fusão dos movimentos de estranhos num plano de fundo ao qual não temos de prestar atenção, deixando-os fora das nossas preocupações. Ambas as táticas têm o objetivo de transformar um dado contexto num “mundo de rotina”, um mundo onde tudo é previsível. O “mundo do internado” é por isso, um mundo regularizado, para que os homens e mulheres que nele habitem apresentem comportamentos também regulares (Bauman, 1995:134-135).

Viver com estranhos numa instituição total é uma experiência subjetiva porque é uma experiência com inúmeras perspectivas. A experiência de viver com estranhos pode implicar uma série de provações, às quais o indivíduo recentemente internado estará sujeito (Dubar, 2006:154-155).

O sistema de privilégios e os processos de mortificação constituem as condições às quais o internado precisa de adaptar-se. O mesmo internado empregará diferentes táticas de adaptação em diferentes fases do seu internamento (Goffman, 2008 [1961]:59). Estas táticas resultam das obsessões faladas anteriormente e originam pensamentos concentrados em satisfações específicas ou em privilégios específicos. Goffman enumera em primeiro lugar, a tática de “afastamento da situação”: o internado deixa de dar atenção a tudo, com a exceção dos acontecimentos que cercam o seu corpo, abstendo-se da participação de todos os acontecimentos. Tendo em conta os recursos escassos para contrariar este comportamento, esta tática de adaptação é tendencialmente irreversível. Em segundo lugar existe a tática da “intransigência”: o internado desafia intencionalmente a instituição ao negar-se a cooperar com os funcionários. A intransigência é geralmente temporária e constitui a fase inicial de uma reação. Uma terceira tática padronizada no mundo da instituição é a “colonização”, um pouco do “mundo externo” que é dado pela instituição é considerado pelo internado como um todo. Um quarto modo de adaptação ao ambiente da instituição total é o da “conversão”: o internado parece aceitar a equipa de funcionários e tenta representar o papel do internado perfeito (Goffman, 2008 [1961]:59-61).

O internamento, a doença e a dependência são três fatores que podem representar mudanças abruptas no estilo de vida de qualquer indivíduo (Pais, 1998:23). Um idoso apresenta uma potencial predisposição para viver pelo menos uma destas mudanças. Neste capítulo procurou-se apresentar o que está em causa na vida dos idosos em contextos institucionais, sob o ponto de vista social, assinalando a complexidade do processo precedente e procedente. Na velhice, os indivíduos estão menos predispostos biologicamente às mudanças exigidas pelo meio e encontram-se mais vulneráveis perante as adversidades deste. Sabendo isto, podemos imaginar como será lidar com elementos novos a cada semana, mês ou ano. Entre outros, uma queda, o agravamento de uma doença, a perda de capacidades que se multiplica, as crises de identidade, a ponderação constante sobre a necessidade de uma reorganização familiar diferente, a

resistência para se reconhecer que se precisa de ajuda para levar avante o dia a dia, que meses antes se geria sozinho. E, ainda, perante o esgotamento de recursos da família e da comunidade, enfrenta-se a ponderação de uma solução definitiva e quase sempre irreversível, o internamento institucional. O processo de internamento vai confrontar o idoso com mais dificuldades: um contexto novo (novas pessoas, novas regras); a exigência de mais uma mudança do estilo de vida, para além daquelas que foram feitas até ao momento (para um idoso é um processo que comporta mais complexidade, precisamente pela menor predisposição mental e física para o fazer); os fatores implicados na dependência, na doença (podem dificultar ainda mais a adaptação ao meio e à cultura interna da instituição). Todos estes fatores fazem do processo de internamento em lar um processo complexo.

No próximo capítulo, vamos poder conhecer o essencial das trajetórias de vida de seis idosos internados. Estes idosos fizeram percursos semelhantes aos descritos neste capítulo. Todas as trajetórias de vida têm pelo menos uma característica em comum: todas estão a viver a experiência de internamento institucional.

4. A FELICIDADE DOS IDOSOS: REPRESENTAÇÕES, PRÁTICAS E DINÂMICAS SOCIAIS

4.1. Trajetórias biográficas dos atores sociais

Neste capítulo pretende expor-se o essencial das trajetórias biográficas de cada um dos seis idosos entrevistados. Afinal as suas narrativas biográficas constituem o material empírico sobre o qual se suportou esta investigação. O resumo dos percursos de vida têm a vantagem de, mantendo o rigor de uma leitura vertical, trazem para a análise o enraizamento biográfico concreto. O objetivo da apresentação destas trajetórias biográficas não é apenas conhecê-las só por si, o objetivo final apresentar-se-á no próximo capítulo quando ao conhecimento adquirido sobre a vida destes idosos juntarmos a revisão da literatura. Desta forma pretendemos recuperar o objeto sociológico desenvolvido nos primeiros subcapítulos desta investigação.²⁴

4.1.1. “Sempre tive uma vida de trabalho”

Isabel foi nascida e criada em Cótimos, numa casa pequena por onde em tempos “passaram os Mouros”. Afirma que naquele tempo era como agora, vivia-se com “poucos dinheiros”. Foi uma das mais novas de seis irmãos, quatro dos quais faleceram prematuramente. Dos filhos que sobreviveram, foi a única que não foi à escola. O pai começou a levá-la para o trabalho de campo diariamente quando tinha treze anos, não permitindo que esta se tornasse letrada porque na sua opinião as mulheres não precisavam de saber ler, algo que Isabel lamenta agora na velhice. O seu pai veio a falecer de doença súbita e desconhecida quando Isabel tinha dezassete ou dezoito anos de idade. A partir desta altura começou a trabalhar sozinha com um burro e uma vaca – dando continuidade ao que fazia em conjunto com pai - plantava batatas, trabalhava na vinha e nos olivais. A mãe era uma mulher “de casa”, gostava mais de cozinhar e os irmãos nunca foram ensinados a trabalhar a terra.

No mesmo ano da morte do pai, enquanto cavava batatas, Isabel cegou do olho esquerdo depois de ser atingida por um pedaço de aço da enxada. E nesse mesmo ano, toda a família (nessa altura, composta pela mãe e os dois irmãos) se mudou para casa da sua

²⁴ Os nomes dos entrevistados foram mudados.

madrinha de batismo. A madrinha veio a tornar-se uma pessoa que exerceu grande influência na sua vida. Era uma mulher com posses, ofereceu melhores condições de habitação à família, e apesar de se dar com “fidalgas” era uma pessoa muito generosa e discreta no ato de dar. Isabel gostava muito dos bailaricos de domingo – foi lá que ganhou dois pretendentes, um rico e um pobre. Diz que decidiu ficar com o pobre porque gostou mais dele. Casou com uma idade superior a vinte anos, não sabe ao certo.

No final dos primeiros dois anos de casamento o marido foi para França trabalhar, logo a seguir ao nascimento das duas filhas. Durante o tempo que o marido esteve em França, Isabel nunca parou de trabalhar no campo e ajudar a mãe e a madrinha. A certa altura, a mãe com setenta e cinco anos de idade, sofreu uma trombose, ficou acamada durante nove semanas até falecer. Isabel foi a principal cuidadora da mãe, alimentou-a e fez-lhe a higiene pessoal até aos momentos finais. Com um ano de diferença, faleceu a madrinha com cancro no fígado, Isabel também a assistiu nos momentos finais. O marido voltou de França antecipadamente, porque, em termos de trabalho, não correu como esperava. Quando chegou a Portugal continuou a trabalhar com Isabel, nas terras de família e também por conta de outrem. O casamento não foi infeliz, porque segundo diz, o seu marido nunca lhe bateu, mas “mais para o fim” começou a fumar e a beber muito. Quando o encontrava assim, Isabel não falava e assim evitavam-se “arrelias”. Este veio a aparecer morto – eram 22:00 horas do dia 5 de novembro – depois de ter estado todo o dia a carregar e a descarregar tratores de madeira. As filhas ainda eram menores de idade. Isabel ficou sem tino, quando a vieram chamar saiu para a rua com a saia vestida ao contrário e por cima da camisa de dormir.

Considera que a sua infância tenha sido pobre porque os pais e os irmãos viviam praticamente do que a terra dava. Mas depois melhorou, assumindo o papel de principal responsável por essa mudança na família. Na altura em que a madrinha faleceu já tinha algum dinheiro acumulado. Pensa que trabalhou muito, e atribui à profissão os males do corpo dos quais padece hoje, sobretudo dores de pernas tão fortes que às vezes apetece-lhe chorar. Acha que se fosse hoje, não trabalhava tanto, levava a vida menos preocupada porque diz que teve tudo para agora não ter nada. Apesar das terras continuarem no mesmo sítio, e de ainda lhe pertencerem, estão ao abandono, porque ninguém as quer. Sente que foi um trabalho perdido, mas conforta-se dizendo que um dia vai ser tudo das filhas. Só pede para voltar à terra, no dia em que morrer, porque é lá que quer ser enterrada.

Na altura em que se reformou – não se lembra com que idade –, já tinha ajuda do Serviço de Apoio Domiciliário da aldeia para a ajuda nas suas atividades da vida diária. Sentiu uma grande tristeza quando as filhas modificaram a casa, e relaciona esse facto com o acidente vascular cerebral que sofreu no ano 2000 – foi num dia de vindimas.

Considera que nunca na vida foi feliz, a não ser agora no Lar, porque sempre teve uma vida de trabalho. Na vida de solteira trabalhou muito e depois de casada diz ter trabalhado a dobrar. Isabel considera nunca ter tido sorte na vida e, para o justificar, relembrou a morte do pai, o episódio em que ficou cega do olho esquerdo, a morte da mãe, da madrinha, do marido, da irmã e do sobrinho. Isabel afirma que o “que está feito está feito” e “o passado não tem remédio”. Considera que a sua vida acabou.

4.1.2. “A vida de casada foi feliz”

Antónia nasceu e viveu em Vilar de Rei até aos catorze anos. Foi uma das mais novas de oito filhos, seis raparigas e dois rapazes. Hoje tem vivos três irmãos e irmãs, mas pouco fala com eles. Viveu sem dificuldades, o pai trabalhava nos caminhos de ferro, e por isso a família tinha apoios nas custas da alimentação e outras necessidades diárias. Toda a família estava sujeita a mudar de casa algumas vezes, consoante a construção da linha férrea. Todos os seus irmãos tiveram oportunidade de estudar, mas Antónia deixou de estudar no 3.º ano de escolaridade, por escolha própria. Antónia também nunca teve uma profissão, foi doméstica.

A mãe era muito rígida na educação religiosa, principalmente na das raparigas. A família, exceto o pai, ia todos os domingos à missa. Com catorze anos saiu de Vilar de Rei para ir morar com a irmã mais velha, Laurinda, em Lisboa. E foi nesta cidade, durante as festas de Santo António, que conheceu aquele que viria a ser o seu marido. Antónia foi a penúltima das filhas a casar, depois de ter saído de casa (foi morar para Campolide) viu a sua mãe ficar muito isolada em Vilar de Rei. Então aos dezanove anos tomou a decisão de levar a sua única filha para Vilar de Rei para que a sua mãe a criasse até aos cinco anos, enquanto Antónia, no início da sua vida de casada se mudava para Beja. Na verdade Antónia chegou a ter duas filhas gémeas mas só uma sobreviveu (uma das filhas faleceu passados quinze dias). O homem com quem casou, era filho de “pais ricos”, tinham herdades, e por isso, nenhum dos dois, nem Antónia e nem marido,

precisavam de trabalhar nessa altura. Já em Beja dedicaram-se à vida do campo. Em Beja, Antónia, o marido e a filha viveram mais de vinte anos. A sua filha no início da idade escolar volta a viver com ela e com o seu marido em Beja.

No início da idade escolar dos netos, Antónia e o marido mudam-se para Lisboa. Diz que se sentia muito isolada em Beja. Mudam-se novamente para Campolide onde ficam a viver, mais vinte anos. O marido de Antónia arranja trabalho na empresa UCAL, como coordenador de serviços. Durante a vida de casada ia muito ao teatro, ao cinema, jantar e almoçar fora, tinha empregada doméstica em casa, levantava-se tarde. A vida de casada foi feliz, o marido chegou a levar-lhe o pequeno-almoço à cama, andavam sempre juntos. Antónia considera que o marido era um “santo”. Não tem fotos do marido no quarto, prefere guardar no álbum. Os seus passatempos, enquanto o marido trabalhava, passavam por ver televisão, ouvir telefonia, fazer *crochet*. Hoje em dia gosta de ler orações.

O marido fumava dois ou três maços de tabaco por dia. Já perto da idade da reforma começou a ter muitas dores de pernas. Antónia não se recorda do nome da doença, mas sabe que o marido teve de amputar as duas pernas, entrando numa espiral depressiva. Depois de ficar viúva, mais ou menos há cinco ou seis anos atrás, a filha convida a mãe a viver com ela, mas a relação entre ambas é conflituosa – sempre foi. A relação deteriorou-se principalmente depois do casamento do segundo neto. Antónia era já utente da Instituição antes de se proporcionar o internamento, recebia o almoço em casa – uma das vertentes do chamado Serviço de Apoio Domiciliário.

Hoje Antónia é diabética, ouve mal, vê mal e tem artroses. Consegue ler, mas escrever não, mas ainda é capaz de assinar o seu nome. Diz que às vezes se sente só e aborrecida, porque está “*sozinha*” no Lar, porque não tem ninguém de família e devido à sua condição de saúde não pode participar em muitas atividades, como por exemplo as atividades de costura do Centro de Dia. Antónia considera que não há nenhum utente que considere amigo, porque há muitas pessoas que em termos de saúde estão piores que Antónia e muitas vezes não conseguem conversar. Quanto aos utentes que estão mais ou menos lúcidos e autónomos, Antónia diz não ter afinidade com eles.

4.1.3. “Construí a felicidade dentro da minha cabeça”

Mariana foi nascida e criada em Lisboa, apesar de ter vivido na Guarda durante três anos marcantes e dois anos no Porto. Ambas as mudanças derivaram da profissão de tintureiro do pai, que obrigou Mariana a mudar de residência e de amigos até aos vinte um anos, idade com que saiu de casa depois de casar. De todas as moradas, viveu mais tempo em Lisboa, num agregado com seis pessoas, entre as quais, os pais, um casal de tios, a própria e uma prima, numa casa com catorze divisões. Diz que não sabe o que poderia ter tido mais para que a sua infância pudesse ter sido melhor. Uma das suas avós dizia que era “um raio de sol” porque estava sempre a cantar e saltar. Quando se mudou para a Guarda diz ter-se deparado com pessoas “muito diferentes” do seu “meio”. Diz ter recebido da mãe uma educação rigorosa, lendo nos olhos desta, orientações sobre o seu comportamento em público.

As doenças marcaram a sua vida desde os cinco anos de idade. Com esta idade teve uma nefrite (inflamação dos rins). Teve tuberculose com dezassete ou dezoito anos, contraída na convivência com uma amiga, chegou a ser internada numa espécie de sanatório. Teve um cancro no útero com trinta e seis anos. Tem Osteoporose. Diz que teve perto da morte várias vezes. Tem um *pacemaker* há vinte anos, para além do problema de saúde que pesou na sua decisão de procurar Lar: os problemas na medula e na coluna vertebral, algo que acredita, que a deixará “paralítica” num curto espaço de tempo. Talvez sejam estas as razões que levam Mariana a dizer que é obcecada com a saúde. De entre todas as mazelas, a que mais a marcou foi o facto de não ter sido mãe, algo que pode ter influenciado em muito o rumo da sua vida e especificamente do seu casamento.

Os pais tinham ambos o 4º ano de escolaridade, mas o seu pai falava francês e tinha tios formados em latim. Chegou a ser admitida na Faculdade de Letras, gostava de ter sido assistente social. Fez também o 6º ano no conservatório de música (piano). Não seguiu nenhum dos dois sonhos por imposição do marido, diz que naquele tempo as mulheres ainda não se tinham emancipado. Diz que foi feliz até casar, chegou a pensar que o dia do seu casamento foi o “expoente máximo” da sua “felicidade”, mas que depois “foi uma desgraça”. Eram muito diferentes, ele de poucas falas, e ela “a pessoa mais alegre... a pessoa que tinha necessidade absoluta de beijar e de ser beijada”. Aos

quarenta anos, quando estava casada há cerca de vinte, descobre que o marido mantinha uma relação extraconjugal duradoura com uma ex-empregada, de onde nasceram filhos. Diz que depois da morte dos pais, a descoberta da vida dupla do marido, foi o pior momento da sua vida, mas “o casamento era p’ra toda a vida” e nunca se divorciou “porque não ia dar esse desgosto” à mãe. Diz que perdoou o marido baseando-se na vontade imensa que este tinha em ser pai, reconhecendo que não tinha o direito de impedir que isso acontecesse.

Mariana considera que o que realizou de mais importante foi ter gerido uma lavandaria durante dez anos com o objetivo de pagar dívidas do pai, “foi o que eu fiz de melhor na minha vida, foi poder ajudar os meus pais”. Diz que o pai e ela própria têm a mesma tendência de ajudar os próximos, mas considera ter “mais tino” porque não se endividava.

A vinda para o Lar foi encarada com naturalidade porque a escolha foi sua, mas confessa que os últimos dias, em sua casa, os passou “embriagada”. Sente que perdeu com a mudança, apesar de já se sentir integrada entre os outros utentes e sentir-se bem recebida. Se tivesse mais capacidade económica teria preferido pagar a pessoas que a assistissem em casa. Tenta esquecer tudo na sua vida e procura adaptar-se a “uma maneira menos rococó” de viver. Algumas rotinas do Lar chocam-na: “Quando acabo de jantar eu não vou prá sala...não me posso ver ali naquela carreira... ali tudo em fila... vai contra tudo quanto existe na minha cabeça...”.

Afirma que durante a sua vida, construiu a felicidade dentro da sua cabeça. Diz que o pouco riso que teve foi criado pelo seu espírito. Admite já ter pensado em suicidar-se, deixando de tomar a medicação, mas não queria ter um “fim tão triste”.

4.1.4. “Um funcionário exemplar”

Edgar nasceu numa aldeia sem escolas e sem médicos. É viúvo há oito anos. A sua infância foi pobre mas salvaguarda que nunca chegou a passar fome porque o seu pai era um homem “muito sério” e “muito trabalhador”, além disso a família mantinha uma horta onde podiam colher “tudo”. Além disso criavam também duas cabras, que Edgar, com 10 ou 11 anos, tinha a responsabilidade de pastar e alimentar. Aos 4 anos,

Edgar perde a mãe, lembra-se de a ver na cama “muito doentinha” morreu com a “pneumónica” uma doença que, segundo diz, “correu o país inteiro”. Com a morte da mãe, Edgar passou a viver só com o pai e a irmã mais nova. Mas pouco depois da viuvez, o seu pai casa-se a segunda vez, tem 8 filhos com a segunda mulher e afasta-se afetivamente dos filhos mais velhos. Edgar diz que ele e a sua irmã eram quase desprezados pela madrasta “porque é claro – não sabe o que é madrastas, pois não?”. Um dia, numa desavença com esta, Edgar “tinha uma tomáz na mão”²⁵, levantou-a em direção à madrasta e “[risos] olhe, foi um inferno, tive que dar à sola, o meu pai era um bocado nervoso e fugi”.

Ao contrário dos seus irmãos que viveram em melhores condições para poderem estudar, Edgar até aos quinze anos tinha apenas o 2º ano de escolaridade, pouco mais sabia do que ler e escrever. Diz que foi um jovem com as suas “extravagâncias” e que “não pensava em nada”. Mas quando foi levado pelo pai, aos dezassete anos, para os trabalhos na via-férrea, começou a interessar-se por aprender o ofício. A desavença com a madrasta foi o ponto de partida para uma vida independente. Com os rendimentos que provinham do seu trabalho na via-férrea alugou um “barracãozito” e foi gradualmente tornando-se mais autónomo. No início, carregava e distribuía água aos trabalhadores e depois passou a fazer-lhes o almoço. Ao longo do tempo foi ficando mais interessado no trabalho, e subindo de categoria, a certa altura foi “obrigado” a completar o 4º ano de escolaridade se quisesse subir de categoria. Refere que os anos de trabalho o marcaram muito, orgulha-se de ter mandado em muita “gente” e de saber mandar, porque para o fazer é preciso “ter voz”. Os seus locais de habitação desde tenra idade estiveram sujeitos aos trabalhos efetuados nas vias-férreas, primeiro pelo pai e depois por si. Por este motivo, Edgar viveu em mais de dez locais diferentes.

Refere que o seu trabalho foi muito mental, exigia capacidade de pacificar conflitos e capacidade de cálculo. O facto de ter sido um funcionário exemplar, sem nenhuma repreensão, é sua realização mais importante. Esteve solteiro até aos vinte e dois anos e depois casou-se com uma prima afastada. As memórias mais felizes que guarda foram vividas na sua vida de solteiro, entre risos refere que casar-se tão cedo foi a sua “morte”. Começa por dizer que o casamento foi feliz e infeliz, mas depois admite que “não foi muito feliz” devido à doença da mulher. Nunca se soube qual o nome da doença, e

²⁵ Trata-se de uma adulteração oral do nome de uma ferramenta usada para manusear lenha na lareira.

segundo Edgar, era uma doença incurável, “de um momento para o outro dava-lhe aquilo”. Refere que a mulher morreu quase “podre” e que devido à doença, esta o tratava mal às vezes mas, “eu tudo lhe perdoava, deixei andar, deixei andar até que ela morreu, ela morreu, fiquei bem.”. Os problemas de saúde da mulher, motivaram Edgar a dedicar-se mais aos filhos – “eu é que fui tão amigo das crianças, tão amigo, que de pequeninos, e a educa-los e tal, e a levá-los ao ponto de eles hoje serem uns homens com a minha ajuda”.

Reformou-se aos sessenta e dois anos, numa altura em que a idade da reforma era aos sessenta anos. Diz que já não ouve como ouvia e que não lê como lia, mas interessa-se pelo que se passa no país. Sobre a empresa onde trabalhou quarenta e cinco anos, diz que está como todas as outras “está tudo escangalhado”. Refere que a vinda para o Lar representou para si “um descanso” porque morrer sozinho era para si uma preocupação. Edgar diz que hoje faz por se esquecer da sua vida, das pessoas que conheceu e orientou, do sucesso no trabalho, da vida de solteiro e da infância dos filhos. Admite (com ironia) que os momentos felizes lhe dão tristeza.

4.1.5. “Fui filho da pouca sorte”

Ricardo viveu com os pais e a irmã mais nova numa casa emprestada pelos caminhos de ferro. A mãe de Ricardo era guarda de passagem na ferrovia de Sintra. O pai podia ter sido um dos homens mais ricos de Sintra. Não menciona dificuldades financeiras, mas começa por dizer que é filho de pessoas pobres. A sua irmã veio a falecer com dezanove anos, “doente do coração”. Diz que teve uns pais “extraordinários” e emociona-se quase todas as vezes que fala deles. Eles fazem parte das suas memórias felizes, mas ao mesmo tempo, entristece-se com isso porque “desapareceram”. Em jovem “jogou à bola” no Sintrense e na Tuna de Sintra. Chegou a ser federado na Associação de Futebol de Lisboa, com 16 ou 17 anos, e considerado inúmeras vezes o melhor guarda-redes em campo. Ricardo chegou a sair nos jornais locais, mas “aleijavam-me muito e desisti”. Quando completou o Curso Industrial, os pais de Ricardo faziam questão que o filho continuasse os estudos, mas este achava que os pais já tinham feito o esforço suficiente para que estudasse até tão tarde. Começou a sua vida profissional aos “vinte e poucos anos”. Diz que em termos de trabalho foi “filho da pouca sorte”, porque trabalhou muito

e nunca se sentiu proporcionalmente valorizado. Chegou a dizer à mãe que tinha a sensação que toda a gente lhe passava à frente. Entre outras coisas, foi topógrafo. O seu primeiro trabalho foi no porto de Lisboa, na elaboração de desenhos, que culminavam com a construção e manutenção de navios de guerra. Ricardo deixou a casa de família depois de casar, aos vinte sete anos, e passou a viver maritalmente com a sua esposa, uma prima direita. Diz que estava interessado numa amiga dela, mas esta casou com outro. Depois de casar, foi viver em primeiro lugar para o Bairro da Serafina, onde morou durante quarenta anos e depois para Benfica onde esteve até setembro de 2012. Só saiu do Bairro quando construíram o eixo Norte-Sul, a troco de uma indemnização que classificou de “ridicularia”. Quando completou quarenta e quatro anos de serviço, reformou-se mesmo contra a vontade dos chefes, porque diz que estava farto do ambiente no trabalho – uns a serem beneficiados em detrimento de outros. Considera que a sua maior batalha foi aquela que travou juntamente com um Pároco, no sentido de impedirem a demolição das casas no Bairro para a construção do Eixo Norte-Sul. Entre as quais se incluía a sua própria casa. Uma luta inglória.

A mulher sempre o acusou de não gostar dela, mas Ricardo diz que não era verdade, admite que talvez não gostasse da maneira que ela desejava, mas achava-a uma “mãe extraordinária”. A mulher veio a falecer na situação de acamada. Prometeu-lhe, que iria todos os domingos ao cemitério durante o primeiro ano, e depois desse ano passaria a ir uma vez por mês. No dia do funeral, em Sintra, deu-lhe um beijo e parece que ainda sente esse beijo. Ricardo deixou de poder ir ao cemitério, por questões relacionadas com a sua saúde, mas ficou com a consciência pesada, até ouvir um Padre dizer-lhe que o corpo de um morto não passa disso mesmo, o que tem significado é o sentido que lhe damos e os sentimentos que nutrimos por essa pessoa, porque a pessoa já não está ali.

A vinda para o Lar significou muito. Com esta mudança diz que não ganhou nem perdeu, apenas deixou a sua casa para ter outra. Quando morrer quer que as pessoas em vez de flores contribuam para a obra que está feita e que atualmente é a instituição onde vive.

4.1.6. “As minhas coisas acabaram todas”

Miguel é viúvo há seis anos, quis internar-se no lar por sua iniciativa, altura em que sofria de depressão. Miguel refere-se à sua infância como uma fase marcante da sua vida devido à pobreza a que foi sujeito que muitas vezes incluiu passar fome. Aos sete anos começou a ser incumbido da tarefa de principal responsável pela sua irmã mais nova durante o dia, enquanto os pais iam para o campo trabalhar. Quando não tinha essa responsabilidade, também ajudava o pai no campo. Miguel, até aos vinte e sete anos, exerceu trabalhos na agricultura, tendo sido pastor e guardador de animais. É da sua opinião que naquela altura se viveu pior do que se vive hoje, porque existiam guerras e “ninguém dava nada a ninguém”.

A vida só melhorou quando aos dezasseis anos começou a ganhar dinheiro. Miguel teve seis irmãos, dos quais, três faleceram na infância, e o outro faleceu em 2012 de doença oncológica – tinha oitenta anos. Uma das irmãs morreu com quatro anos afogada num poço. Esta morte marcou Miguel, porque ao tentar salvá-la, esta morreu-lhe nos braços. Tem ainda outro irmão a viver há muitos anos em Macau, mas perdeu-lhe o rasto. Apenas convive com a irmã que “criou” na infância e têm uma relação de proximidade e amizade. O seu pai faleceu pouco tempo depois da morte do primeiro filho. Miguel foi ao funeral do pai no mesmo dia em que ingressou na tropa.

Durante a infância, Miguel, nunca frequentou a escola, mas com uma iniciativa do regime de Salazar, aos dezanove ou vinte anos completou o terceiro ano na escola noturna. Mais tarde, aos vinte e dois ou vinte e três anos, completou o quarto ano de escolaridade, durante o serviço militar. Recorda que o seu professor foi um Padre, um homem muito dedicado ao ensino, e que ensinava “coisas” que não faziam parte da 4ª classe. Saiu de casa da mãe aos vinte e sete anos. Reconhece que naquela altura era uma idade acima da média para se sair da casa, mas com a mãe sempre doente, “não podia governar outra vida”. No dia em que veio para Lisboa, diz que lhe custou muito, mas deixou a casa “farta” para dar alguma qualidade de vida à progenitora.

Dois anos depois de ter vindo para a capital, aos vinte e nove anos, casa-se com uma mulher dez anos mais velha, sua conterrânea e conhecida com quem costumava, até então, comunicar por carta. Viveu quarenta e quatro anos de um casamento que diz ter

sido muito feliz. A vida laboral de Miguel em Lisboa iniciou-se na construção civil. Depois esteve, durante seis anos, num armazém de tecidos, onde chegou a chefe de secção. Posteriormente esteve quarenta e cinco anos numa sapataria em Campolide. Refere que, quando aí começou a trabalhar, este estabelecimento estava moribundo por ter um patrão que não pagava a quem devia. Apesar de Miguel o considerar um homem sério, diz que este se dedicava pouco ao negócio e gastava mais dinheiro do que o previsto, por manter uma relação extraconjugal.

Aos setenta e três anos, Miguel ficou viúvo, refere que a mulher foi vítima de um enfarte aos oitenta e três anos, tendo morrido no seu colo no dia 23 de agosto de 2007, às sete da manhã. Miguel ainda tentou fazer respiração boca-a-boca, enquanto aguardava pela chegada do INEM. A morte da mulher foi inesperada, porque ele diz que ainda estava na sua vida ativa, na sapataria, apesar de nessa altura já receber a sua pensão de reformado. Diz que ficou “meio maluco” e teve o seu primeiro contacto com a solidão.

Pouco tempo depois de ficar viúvo, deixou-se seduzir e enganar por uma mulher que convenceu a emprestar muito dinheiro. Em troca de companhia e trabalhos domésticos, Miguel pôs as poupanças de uma vida em risco. Diz que a adaptação ao Lar foi difícil, muito devido aos acontecimentos antecedentes na sua vida, a viuvez, o roubo, a depressão – foi nestas condições que Miguel foi admitido. No primeiro ano de estadia, não saiu do quarto. Hoje sente-se integrado e bem acompanhado e tenta até colaborar voluntariamente ajudando outros utentes em pequenas tarefas, como por exemplo, fazendo o transporte de utentes em cadeira de rodas para a capela.

Encarou a entrada no Lar como quem se entrega num Seminário: “eu vim pra’qui pra me entregar aqui, como quem vai para um seminário ou outra instituição do género, o resto acabou, as minhas coisas acabaram todas”.

Findo capítulo que pretendeu apresentar os atores sociais e protagonistas desta investigação. Expusemos o essencial das suas trajetórias biográficas. No próximo subcapítulo vamos identificar e analisar as categorias que sobressaíram dos seus discursos.

4.2. A felicidade e os seus contextos

A alínea anterior elucidou-nos dos aspetos que considerámos ser mais relevantes no discursos dos entrevistados para que pudéssemos melhor compreender o sentido que estes dão às palavras. Desta forma partimos para um aprofundamento mais específico dos discursos com categorias definidas segundo aquilo que considerámos ser os cruzamentos dos conteúdos das entrevistas. A exposição anterior, relativa às trajetórias biográficas, permite manter presente a singularidade de cada informante. Deste modo análise vertical levada a cabo anteriormente, irá ser enriquecida por uma análise horizontal compreensiva apresentada nesta alínea, o que permitirá identificar o «senso comum» dos atores, aproximando-nos de uma «teoria emergente» sobre a felicidade dos idosos.

4.2.1. As transições de vida

O tema das transições de vida leva-nos a explorar os pontos de viragem da vida destes idosos. Vamos identificar o que há de comum e de distinto nas transições de vida que identificámos nos discursos dos entrevistados como sendo significativas, ou seja, importantes para os próprios entrevistados e as que foram alvo de maior desenvolvimento nos seus discursos. Destacamos: a infância; a educação; a vida ativa; o casamento e a entrada no lar como as cinco transições de vida mais significativas, de entre as elencadas pelos idosos nos seus discursos e serão estas que serão aqui desenvolvidas.

Antes de passarmos à descrição e análise dessas transições, é de ressaltar algumas características comuns a todos os idosos ou à sua maioria: quando nasceram, todos os idosos tinham os dois pais vivos, mesmo aqueles idosos que viram um dos pais falecer mais tarde – a mãe de Edgar faleceu quando este tinha 4 anos de idade, mas ainda assim teve posteriormente uma figura materna; o pai de Isabel faleceu quando esta tinha 17 ou 18 anos – a maioria destes idosos viveu com duas figuras parentais até ao final da puberdade ou decidir sair de casa.

Todos os idosos entrevistados conviveram com a presença de irmãos e similares (por, exemplo primos da mesma idade). Mariana foi filha única, mas ainda assim durante o

tempo que viveu em Lisboa o seu agregado familiar foi composto por pais, tios e uma prima da sua idade. Todos os idosos na sua infância conviveram com outras crianças em casa.

Em relação à conjugalidade, todos os idosos foram casados e viveram com os seus cônjuges até à sua morte, levando este aspeto comum a um outro, o da viuvez. Todos os idosos são atualmente viúvos, e viveram a viuvez de duas formas distintas: o do alívio (Edgar refere que devido à doença da mulher não foi muito feliz no casamento, dizendo que “depois ela morreu e fiquei bem”), e a tristeza, os sintomas depressivos e a sensação de vazio (Miguel diz que ficou “meio maluco” e identifica inúmeras vezes a solidão como herança da viuvez, ou o exemplo de Antónia que diz que o marido “era tudo”).

A presença dos pais à nascença, a convivência com irmãos ou similares, o casamento e a viuvez constituem os primeiros quatro de um conjunto de cinco aspetos que identificámos de comum no trajeto de vida destes idosos, estruturantes das transições de vida. Alguns dos aspetos têm exceções como pudemos verificar, mas mesmo as exceções mantiveram aspetos similares aos restantes. Independentemente do trajeto que fizeram na sua vida ou da classe social à qual pertenceram, a última transição de vida destes idosos culminou com o internamento em lar, ainda que nem todos tivessem tido a iniciativa de se internarem, todos os idosos entraram no lar voluntariamente.

a) Infância

A infância é uma construção social, produto de um tempo e de um espaço. Ao contrário do que pode parecer ao senso-comum, a infância não é uma categoria universal, a sua construção é fruto de um meio social específico (Almeida, 2011:142-143).

Em metade dos discursos dos entrevistados foi possível identificar a presença de pobreza e dificuldades de subsistência na família. Isabel refere que a sua infância foi “fraca” porque o pai não considerou ser importante que esta frequentasse a escola e aos 13 anos começou a trabalhar “na frente das vacas”. Miguel refere que a sua infância foi “muito muito marcadora”, e que chegou a passar fome, diz que viveu num tempo em que “ninguém dava nada a ninguém” e a crise económica que se vive atualmente “não é nada” porque “naquele tempo havia guerras” e a pobreza estava relacionada com isso.

Edgar refere-se à sua infância como “pobrezinha”, mas salvaguarda nunca ter passado fome, por mérito do seu pai, que era trabalhador, e porque mantinham uma horta, de onde provinha a base da alimentação familiar. Antónia, Mariana e Ricardo não referem dificuldades na infância. De entre os que não conviveram com dificuldades de subsistência na infância, Mariana é a que desenvolve mais o assunto, dizendo que foi muito amada e acarinhada e que nunca lhe faltou nada “em nenhum sentido”, os dois outros entrevistados não exploram com pormenor esta fase da vida. Mesmo o Ricardo, que se emociona inúmeras vezes quando fala sobre os pais – diz que teve uns pais “extraordinários” – deixou informações escassas acerca dos meandros da sua infância.

As infâncias que os idosos classificam de «felizes», foram as dos idosos que não sentiram nem conviveram com a pobreza nem com a escassez de recursos. Mas Antónia e Ricardo, apesar de não terem convivido com a pobreza na infância, por alguma razão não desenvolvem muitos pormenores sobre esta, podem apenas não se recordar ou podem não ter considerado o que viveram como importante. Mariana foi uma das entrevistadas que não conviveu com a pobreza na infância e teve a consciência disso quando se refere que outras crianças eram “diferentes do meu meio”. Esta entrevistada descreve com pormenor episódios que ilustram o tipo de relação que tinha com a sua mãe. O desenvolvimento que o tema da infância tem no discurso de Mariana pode decorrer do facto de esta ter sido filha única, e ter sido alvo da atenção exclusiva dos dois pais, tendo por isso mais histórias para contar, ou podem ter a ver com o facto de ser a entrevistada com mais habilitações literárias e por isso ter a capacidade para desenvolver qualquer tema. Mas outros idosos com menos habilitações também desenvolveram o tema, pelo que esta questão não se impõe realmente.

Nos meios económicos mais pobres, as crianças representavam uma mão de obra indispensável começando a trabalhar muito cedo (Vaquinhas, 2011:145). Este é o caso de Isabel, Edgar e Miguel. Segundo Vaquinhas (2011:145), apanhar pasto ou pinhas, arrecadar estrume, acartar água, guardar animais, cuidar dos irmãos mais novos eram tarefas comuns desempenhadas pelos mais pequeninos no meio rural, à medida das suas possibilidades, decorrendo muitas vezes de castigos da inadequação entre a imaturidade infantil e a responsabilidade laboral que lhes era exigida. Mariana, Ricardo e Antónia, não viveram esta cultura na infância, e aqui se encontram um dos sinais de diferenciação do seu estrato social em relação aos outros idosos. O tipo de infância que viveram dizem-nos quais os estratos sociais aos quais estes idosos pertenceram.

Nas classes populares a criança era vista como um pequeno adulto, desde que fisicamente apta era posta a trabalhar na rede familiar. Esta classe recusava a cultura escolar ou reduziam-na à sua expressão mínima (Almeida, 2011:148). Os casos de Isabel (que não sabe ler nem escrever porque o pai não permitiu que fosse à escola), Edgar (que terminou aos 15 anos pouco mais sabia que ler e contar, tendo terminado a 4ª classe já em adulto) e Miguel (que terminou a 4ª classe apenas durante o cumprimento do dever militar) são exemplos do pouco investimento dos pais na cultura escolar dos filhos.

Os mesmos idosos que foram forçados a trabalhar na infância, Miguel, Isabel e Edgar, relatam-nos histórias de mortes de pessoas próximas na família. A experiência dessas mortes foram para eles marcantes, para além da já relatada situação de pobreza. Os mesmos três idosos, tiveram irmãos que faleceram na infância devido sobretudo às doenças ou a acidentes domésticos. Miguel viveu as duas situações – um dos irmãos morreu com o tétano e os outros dois de acidente doméstico.

A mortalidade infantil em meados do século XIX era muito elevada, principalmente entre as camadas mais baixas (Lopes, 2011:187). Esses valores mantinham-se altos ainda no início do século XX, tempo em que situou a infância destes idosos. Esta informação sobre a mortalidade infantil, confirma o que já antes tínhamos concluído sobre a infância de Isabel, Miguel e Edgar, todos nasceram no seio de famílias pobres. A vivência da morte, tal como a infância deve ser contextualizada, cultural, social e economicamente.

b) Educação

A ascensão social na época contemporânea quase sempre estava associada ao saber ler, escrever e contar. Mas para as classes populares, o ingresso e a frequência da escola era apenas uma hipótese que não se concretizaria. Pelo contrário, para a classe média, o acesso à educação era determinante na busca dos sonhos mais ambiciosos. (Silva, 2011:407)

No tema da educação, e à luz do que foi referido no discurso dos idosos, estão agregados dois tipos: a educação dos pais e a educação da escola. Isabel, Miguel, Antónia e Mariana elevam a figura materna como o elemento propulsor na sua

educação. Isabel refere que foi o seu pai que a impediu de ir à escola por considerar que nenhuma vantagem daí adviesse, apesar disso, considerou-o “muito amigo” dos filhos porque nunca lhes “deu uma bofetada nem nada”, morreu no início da maioridade de Isabel, tendo o discurso primado pela referência à mãe e à madrinha. Mesmo depois de casar dois ou três anos depois, Isabel continua a referir a presença e a importância da mãe e da madrinha na sua vida, talvez já não como educadoras mas como figuras centrais na sua vida e na resolução de problemas. À semelhança de Isabel também Miguel perdeu o pai no início da maioridade, este facto pode estar relacionado com a saída tardia de casa (Miguel saiu de casa aos vinte e sete anos). Vendo a mãe como viúva, doente e com filhos a cargo, optou por continuar a trabalhar na aldeia e assegurar mais qualidade de vida à progenitora, adiando assim a constituição da sua própria família.

Em relação a Antónia, que se refere pouco ao pai (talvez porque este estava sempre fora de casa a trabalhar para sustentar a família) e mais à mãe, principalmente quando fala na aprendizagem de tarefas domésticas às quais todas as raparigas naquele agregado estiveram sujeitas. Já Mariana fala-nos de uma mãe rigorosa na educação, não desenvolvendo tanto o discurso em relação ao seu pai. É um caso semelhante ao de Antónia, em que o pai era o sustento da casa, e a mãe ficava encarregue da educação. No entanto as atividades extracurriculares de Mariana primaram invulgarmente pela aprendizagem do piano, canto e da sua conduta social em público. Outra evidência que diferencia o “berço” de Mariana dos restantes idosos, uma vez que segundo Cascão (2011:233) a educação musical fazia parte integrante da formação cultural e social dos filhos de classes mais abastadas. Ter um piano em casa era um imperativo da época contemporânea relativamente à aristocracia e burguesia (Cascão, 2011:233).

Ricardo e Edgar são casos distintos dos idosos referidos anteriormente. Ricardo fala dos pais em simultâneo sem destacar nenhum, fala de algumas conversas que tinha com a mãe, dos conselhos que esta lhe dava e de alguns feitos do pai na zona onde residiu em Sintra. Edgar perdeu a mãe quando tinha 4 anos, pouco tempo depois o pai casou com outra mulher, que se tornou a madrastra de Edgar. Esta figura materna não foi apreciada por Edgar que se sentiu desprezado, principalmente depois de esta ter tido mais oito filhos.

Em relação à educação da escola, já nos referimos a Isabel como não tendo quaisquer habilitações, diz ter “muita pena” de não saber ler e escrever. O mesmo não aconteceu aos seus irmãos. Isabel foi a mais nova de seis irmãos e a única que não foi à escola, não sublinha nenhuma razão para o pai ter optado por si. De qualquer modo quatro dos seus seis irmãos faleceram na infância, restando ao pai poucas hipóteses de ajuda no trabalho do campo. A mãe de Isabel, segundo a própria diz, não era uma mulher para trabalhar no campo, estava mais talhada para a “lida da casa”. Edgar e Miguel estiveram até depois da adolescência sem habilitações literárias, ambos concluíram o 4º ano já na vida adulta. Edgar dentro da empresa onde trabalhou e Miguel durante o cumprimento do dever militar. Uma vez que o percurso escolar de Miguel, Edgar e Isabel foi curto ou inexistente, o elo formativo enquanto crianças foi suportado pela família. Naquela época educar era tarefa quase exclusiva da família, e dentro da família permanecia uma cultura sobretudo «maternocêntrica» (Vieira, 2011:174). No entanto este tipo de cultura é extensiva aos restantes idosos, mesmo os que tiveram oportunidade de estudar, como é o caso de Mariana e Antónia.

Antónia estudou até ao 3º ano de escolaridade e abandonou porque não gostava da escola. Mariana foi a entrevistada que foi mais longe nos estudos, chegou até à frequência universitária, tendo esta sido interrompida quando casou e por imposição do marido abandonou a conclusão da sua formação. Mariana refere que naquela altura as mulheres ainda não se tinham “emancipado”.

No tema da educação podemos concluir que à exceção de Isabel, todos os entrevistados sabem pelo menos ler e escrever e que a figura principal na sua educação foi a figura materna, à exceção de Edgar que perdeu a mãe aos quatro anos de idade. Ricardo fala da mãe e do pai com similar intensidade e frequência, não havendo realmente lugar de destaque para nenhum dos dois.

Consideramos importante referir que Miguel, Mariana e Edgar são os idosos que apresentaram mais desenvolvimento e coerência nos seus argumentos. Um facto curioso e que pode estar associado é que todos eles deixaram a escola depois da puberdade e idade adulta. Podendo desta forma estarem preparados *a priori* para desenvolver e refletir sobre a sua trajetória biográfica.

c) A vida ativa

Desde o seu nascimento, os homens estavam destinados a uma ocupação profissional que garantisse o sustento da família ou fomentasse a progressão de uma carreira. Na época contemporânea a valorização a exaltação do trabalho decorreu do triunfo dos ideais de uma burguesia liberal (Silva, 2011:402). Durante a primeira metade do século XX o amor ao trabalho figurava entre os valores cultivados pelo homem honrado. Era a forma mais nobre de ganhar o pão para si e para a família. Ao homem era atribuído o dever do sustento da família e à mulher era atribuída a lida doméstica e o apoio ao marido (Silva, 2011:403).

Edgar e Miguel trabalharam quarenta e cinco anos, cada um na sua profissão, conforme os anos iam passando foram assumindo mais responsabilidades, atribuídas pelas chefias. Ambos se sentiram reconhecidos pelos seus pares. A profissão destes idosos permitiu-lhes relacionarem-se com centenas de pessoas. Edgar porque chegou a chefiar trinta e cinco homens numa linha férrea e Miguel porque tirou uma sapataria moribunda da falência, convivendo com o atendimento ao público durante anos.

Dos idosos que tiveram uma profissão, Ricardo é único que demonstra alguma frustração em relação ao trabalho. Diz que trabalhava muito, inclusivamente em funções de responsabilidade, e que não era reconhecido financeiramente nem socialmente por isso. No entanto, afirma ter recusado trabalhos que implicassem mais responsabilidade e que se reformou contra a vontade dos chefes.

Antónia não teve qualquer profissão durante a idade ativa, esta idosa diz ainda que da lida doméstica fazia pouco, estava sim responsável por orientar a empregada. Pelo contrário, Miguel, Edgar, Mariana e Isabel dizem terem tido sucesso na sua profissão, ou porque atingiram os objetivos pretendidos ou porque se sentiram reconhecidos no seu meio profissional. Ainda que Mariana tenha trabalhado apenas 10 anos, foi esse o período temporal necessário que precisou para fundar e gerir uma lavandaria com o intuito de pagar dívidas do pai. Isso foi motivo de muitas discussões entre os dois, porque na sua perspetiva pôs o bem-estar da família em risco. Para além desse período temporal Mariana considera ter levado uma vida fútil, assume-o, para “não pensar”.

Isabel é a única idosa do grupo das mulheres entrevistadas que teve uma profissão desde a juventude até à velhice, à semelhança do que aconteceu com os idosos homens, Edgar,

Ricardo e Miguel. Isabel ingressou na lida do campo, não por opção, mas por obrigação. Trabalhou muito e atribui os males do corpo à profissão – é cega de um olho, e tem fortes dores nas pernas. Atualmente acha não deveria ter trabalhado tanto, mas reconhece que as suas condições de vida melhoraram.

Nas classes populares existia a preocupação em torno do trabalho diário e da posse de uma propriedade. Constituir um lar consistia num objetivo impreterível para os trabalhadores rurais (Silva, 2011:403). Isabel conseguiu atingi-lo, mas diz que hoje tem as terras ao abandono e de que nada valeu tanto esforço. De qualquer modo, orgulha-se de ter património para deixar às filhas.

Todos os idosos, à exceção de Antónia e ainda que por poucos anos, tiveram atividades profissionais bem-sucedidas, no sentido em que viram aumentadas as suas competências e tiveram o reconhecimento dos seus pares. Além disso, as atividades profissionais bem-sucedidas permitiram aos idosos referidos melhorar as condições de vida, falamos mais uma vez de Isabel, Miguel, Mariana e Edgar. No entanto, apenas Edgar e Miguel dizem terem tido gosto pela profissão.

d) O casamento

Isabel diz que depois de casada começou a trabalhar o dobro do que trabalhava em solteira. Acha que não foi um casamento infeliz, uma vez que o marido nunca lhe bateu, como via outros fazerem. Nos últimos anos de casamento, o marido começou a beber e a fumar muito. Evitaram-se muitas discussões entre os dois, porque Isabel não as alimentava – ficava em silêncio ou retirava-se. É curioso que Isabel fale com orgulho não do que o marido tenha feito de bom, mas sim do que ele não tenha feito de mal. Todos os idosos entrevistados viveram num tempo em que os casamentos eram únicos na vida da maioria das pessoas. A moratória social ditava a obrigação de permanecer no casamento independentemente de qualquer situação entre o casal.

A propósito deste tipo de convivência entre Isabel e o marido, Silva (2011:403) diz-nos que cabia à esposa camponesa sofrer os maus-humores do marido e dar-lhe sempre razão, porque ele era o senhor da casa. O que nos faz concluir que o que Isabel vivia era extensivo a outros casais das zonas rurais, algo “normalizado” e comum.

Entre as expectativas mais comuns das mulheres, independentemente até do *status* social, sobressaía o vulgar anseio de alcançar o casamento. O casamento significava para as mulheres uma vida regular e formal de constituição da família (Silva, 2011:384). Isabel não se alonga tanto tempo no assunto como Mariana, mas sabemos que casou por amor, embora se possa ter mantido casada mais por amor à harmonia familiar. Isabel nunca põe em causa o seu matrimónio, relata apenas que não gostava de arrelias com o marido. Entre um rico e um pobre que conheceu no baile, escolheu o pobre. Numa época em que se “arranjavam” casamentos, ter tido a possibilidade de escolher com quem casar foi um privilégio.

Mariana considerou-se uma criança feliz e considerava-se uma jovem feliz. Via no casamento uma continuação dessa felicidade. Esta idosa desenvolve com emoção este tema no seu discurso, e segundo as suas palavras julgou o dia em que se casou como o “expoente máximo” da sua felicidade. Afinal era para a vida matrimonial que as jovens se preparavam desde muito cedo (independentemente das clivagens socioeconómicas), quer pela elaboração do dote, quer pela aprendizagem das lides domésticas ou ainda pelo sentimento de subserviência relativamente ao esposo, cuja autoridade se substituíria à do pai ou do irmão mais velho (Silva, 2011:384).

O casamento acabou por não ser o que Mariana idealizava. Esta idosa diz que o expoente máximo de felicidade acabou por ser “uma desgraça”. Identifica inúmeras razões para o sucedido. Antes de mais, eram pessoas muito diferentes. Mariana refere-se ao falecido marido como sendo de poucas falas e ela como uma pessoa que tinha necessidade “absoluta” de “beijar e ser beijada”. Abandonou o Conservatório de música e a Faculdade a pedido do marido, duas atividades que Mariana gostava e que hoje se arrepende de ter abandonado. Em terceiro lugar, não puderam ter filhos devido aos problemas de saúde de Mariana. Em último lugar e a mais marcante para Mariana, com vinte anos de casamento descobriu um caso extraconjugal do marido. O marido tinha uma relação extraconjugal de longa duração, da qual tinham nascido três filhos. Mariana relaciona este acontecimento com o facto de o marido ter sentido desde sempre “uma vontade imensa” de ser pai. Foi um acontecimento marcante que trouxe muito sofrimento a Mariana, equipara-o emocionalmente à morte dos pais anos mais tarde.

Nas primeiras décadas do século XX e enquanto vigorou o Estado Novo, imperava a ideia que à mulher cabia sacrificar-se em proveito da família. A mulher deveria

simplesmente aceitar os desígnios de Deus, e resignar-se perante a dor e as penas que lhe coubessem suportar – entre outras situações - maridos infiéis, alcoólicos ou violentos (Casimiro, 2011:118). Talvez por isso Mariana tenha acabado por decidir manter-se casada e não apenas para não dar “esse desgosto” à mãe, ou ainda porque, o “desgosto” da mãe pudesse a advir da violenta censura social. O que é certo, é que Mariana pensou em divorciar-se ou separar-se e isso já era tido como algo excêntrico.

Os papéis das mulheres casadas eram essencialmente dois, a glorificação através da maternidade, e o dever de dar estabilidade à família. Daí que o divórcio²⁶ fosse considerado pecado e eram mal vistas as mulheres que o procuravam (Casimiro, 2011:118).

Mariana quando soube do caso extraconjugal do marido, já carregava um fardo demasiado pesado, o da infertilidade. Desta forma já não estava apta a cumprir um dos papéis que lhe foram atribuídos como mulher. Se se tivesse divorciado, quebraria outro dever, o de dar estabilidade e harmonia à família.

Ainda a propósito da extraconjugalidade e para termos a noção que a dor de Mariana não era isolada, nos anos 50, Portugal era o país da Europa com maior número de nascimentos ilegítimos (Aboim, 2011:86)²⁷.

Miguel pelo contrário diz ter sido muito feliz no casamento, casou com uma mulher dez anos mais velha, o que também não era comum, para além do facto de se ter casado com quase trinta anos de idade. Depois de enviudar diz que nunca mais foi o mesmo homem, entrando numa espiral depressiva. Foi por conviver mal com a viuvez e por se sentir só que tomou a decisão de se internar num lar de idosos.

Antónia também refere ter sido muito feliz no casamento, também conviveu mal com a viuvez, pouco tempo depois de o seu marido ter falecido solicitou apoio domiciliário em casa, chegou também a viver com a filha, até ter tomado a decisão de se internar no lar.

Miguel e Antónia falam ambos com saudade e admiração dos seus respetivos cônjuges falecidos, algo recorrente no discurso dos dois ao longo de toda a entrevista. O mesmo não podemos dizer de Isabel, Mariana, Ricardo e Edgar. Estes idosos também expõem

²⁶ Além disso só foi autorizado para os casamentos católicos pela Igreja a partir de 1975 (Casimiro, 2011:118).

²⁷ Dados do Anuário Demográfico de 1959 das Nações Unidas.

algumas das suas emoções em relação ao tempo em que estiveram casados e em relação aos seus falecidos cônjuges, mas não da forma como o fazem Antónia e Miguel.

Edgar refere não ter sido muito feliz no casamento, apesar de ter considerado a mulher muito “prendada” para a lida da casa. Esta sofreu de uma doença grave durante muitos anos, da qual Edgar não sabe o nome, refere que quando “lhe davam aqueles ataques” não sabia o que fazer. Refere que a mulher tratava-o mal devido à doença, mas que por outro lado levou-o a aproximar-se dos filhos porque muitas vezes teve que assumir o papel de pai e de mãe em simultâneo. Depois do falecimento da mulher refere ter ficado “bem”. Edgar refere que se casou muito novo (aos vinte e dois anos) que ainda eram apenas “dois garotos”, esteve casado setenta anos e considera que se voltasse atrás não casava tão cedo. Vemos aqui algum arrependimento por se ter casado cedo, Edgar considera que não aproveitou totalmente a juventude por se ter casado. Depois de muitos anos a conviver com a doença da mulher, a ver o seu papel de esposa ficar aquém das expectativas, Edgar discursa como se tivesse sentido alívio depois da mulher ter falecido. Mais um sinal de que a atitude perante o casamento era de que este era tido como um compromisso para a vida e que o divórcio ou a separação não eram opções a considerar. Isto foi dito por um homem que enquanto jovem se considerava com “extravagâncias”, parece uma contradição, mas não é, as extravagâncias de Edgar eram apenas adaptadas à época.

Ricardo diz que não casou com quem queria e que a mulher acabou por sentir isso, admite que não gostava dela da maneira que ela desejaria mas considerou-a “uma mãe extraordinária”. No dia funeral beijou-a na face e diz que ainda sente esse beijo. Não expõe mais sentimentos em relação à mulher para além destes. Elogia-a enquanto mãe, por mais do que uma vez, mas apenas isso, não prolongando o discurso em relação à cônjuge enquanto esposa.

Todos os idosos entrevistados foram casados e viveram em conjugalidade. Todos casaram depois da maioridade e apenas um não teve filhos.

Nas décadas de 50 e 60, a entrada na vida a dois correspondia na esmagadora maioria das vezes a um ritual de passagem marcado pela cerimónia católica, a forma legítima de «dar o nó». O casamento era para a vida e era aí que raparigas e rapazes encontravam as suas identidades adultas e os seus destinos sociais (Aboim, 2011:85).

e) A entrada no lar

A entrada no lar foi um dos momentos mais marcantes na vida destes idosos. Neste ponto trataremos das questões relacionadas com as razões por detrás dessa entrada e do tempo de internamento e adaptação ao mesmo.

Razões: todos os idosos encararam a entrada no Lar como uma necessidade, independentemente das causas por detrás dessa mesma necessidade.

Dois dos entrevistados já eram utentes de outros setores da mesma instituição aquando da entrada – Antónia já era utente do Apoio Domiciliário e Ricardo já era utente do Centro de Dia, ambos encararam a entrada no lar com alguma naturalidade, talvez por já serem assistidos pela instituição, e pelo contexto já ser conhecido.

Mariana considerou a entrada no lar como um mal necessário, custou-lhe muito vender tudo o que tinha, reunir todas as poupanças que pôde e internar-se. Diz que com a entrada no lar perdeu o seu espaço, a sua intimidade, deixou de comer o que queria. Mariana diz que se pudesse financeiramente, preferia ser assistida em casa, mas sabe que isso não seria viável a partir de certa altura, e como não tem descendentes não arriscou, preferiu organizar a sua vida enquanto está mentalmente capaz. Sabe que não está no local que desejaria mas que nada lhe irá faltar na hora da dependência física total (Mariana acredita que vai ficar paraplégica) ou na hora da morte. Apesar de referir todas estas frustrações, Mariana refere que se sente integrada, mas não se sente a fazer parte porque não se identifica, não se revê nas pessoas nem no local. Teve que aprender a viver uma vida “menos rococó”, sente falta do seu pão, da sua manteiga, e de ter um espaço exclusivo para si.

Isabel e Edgar ponderaram o internamento em lar, em primeiro lugar, por sugestão dos filhos, mas posteriormente, enquanto aguardavam a sua concretização começaram a desejá-lo. Também ambos por motivos de doença e dependência física e mental.

Miguel procurou o internamento como forma de combater a solidão deixada pela viuvez e porque sentia que precisava de alguém que tomasse conta dele e para isso estava disposto a pagar o que fosse preciso.

Todos os idosos falam em medo de ficar sós, solidão, medo de morrer sós, medo de ficar dependentes e sem assistência como razões para a entrada no Lar. Isabel, Mariana e Ricardo, acrescentam para além destas razões, não terem querido sobrecarregar os familiares, nomeadamente os filhos ou sobrinhos.

Tempo de internamento e adaptação: os idosos encontravam-se internados na altura das entrevistas entre os quatro meses e os cinco anos. Dois idosos encontravam-se internados há menos de seis meses: Ricardo e Mariana. Mariana é a entrevistada que faz mais críticas ao local, e ao sistema de funcionamento do lar, enquanto que Ricardo valoriza a instituição e tece elogios ao pessoal e à forma como os idosos são tratados. Por detrás desta diferença podem estar os ritmos de adaptação diferentes. Mariana ainda não se aproximou da realidade da instituição ao ponto de poder compreendê-la e considera-la normal, como Goffman fez no seu estudo. E Ricardo conhecia o local da instituição desde a infância, já frequentava a instituição antes de ser internado, a sua rede social e afetiva fá-lo sentir em casa. Esta diferença poderá esbater-se com o tempo, para uma melhor adaptação – menos críticas – ou para uma pior adaptação – mais críticas – no entanto, se consultarmos o discurso do entrevistado há mais tempo internado, Edgar (internado há cinco anos), este diz que “se não fossem estas casas o que seria dos velhinhos”. Este idoso diz que tem a impressão que o número de idosos “abalados da cabeça” está a aumentar e que isso lhe faz uma “confusão danada”.

Estes discursos parecem indicar que a adaptação não é um processo estável, o idoso internado há mais tempo e globalmente adaptado ao sistema institucional aponta fatores que o incomodam na atualidade. As instituições não são estanques porque são constituídas por pessoas, se as pessoas internadas envelhecem e se as pessoas admitidas apresentam cada vez mais dependência é lógico que isso vai afetar os internados mais antigos. Edgar diz ter-se adaptado ao lar com facilidade e não tinha qualquer relação afetiva nem com as pessoas nem com o local, simplesmente estava adaptado a que lhe fossem impostas regras. Na sua vida profissional Edgar também dormiu com mais pessoas em camaratas, passava vários dias seguidos fora de casa, comia o que havia disponível e nem sempre o que desejava. Hoje diz-nos que quando não gosta da comida come menos, quando considera que está a ser incomodado fala com os responsáveis ou abandona o local. Apesar de sempre se ter sentido adaptado desde o início, Edgar vê agora à sua volta situações que o incomodam, mas se não se tivesse adaptado estaria mais vulnerável a elas. Outro exemplo diferente de adaptação, Miguel diz que se sente

totalmente integrado mas reconhece que a velhice “é outra vida”, e que teve um período de adaptação muito difícil, não saiu do quarto no primeiro ano de internamento. Um exemplo contraditório é o de Isabel, que apesar de gostar de viver no lar e parecer adaptada, porque convive calmamente com funcionários e outros utentes, diz que “eu nem agora estou adaptada às pessoas, muitas das que estão além, eu não convivo com elas, gosto muito de conviver comigo sozinha”.

Um idoso adaptado que enfrente situações no lar que lhe desagradem sabe que pode falar com o responsável do piso, com o assistente social, com o diretor técnico, sabe como evitar essas situações indo para outro local da instituição. Um idoso não adaptado pode entrar em pânico, o seu sistema nervoso pode ser alterado, pode piorar o seu estado de saúde, pode recusar-se a comer, pode tornar-se violento, entre outros comportamentos secundários. A adaptação implica aceitar o funcionamento e as regras da instituição como elas são. Pode haver quem nunca se adapte, pode haver que se adapte de imediato. Mas quem vive em comunhão com outros, está sujeito que sempre ocorram situações que lhe incomodem, a questão é saber defender-se e proteger-se delas para conseguir ter qualidade de vida.

f) Os projetos de vida

Entendemos projetos de vida como algo que se desenha mentalmente para o futuro e isso tem que ver também com o passado vivido por cada um. Este não pode deixar de estar presente e ter em conta o percurso já percorrido por cada indivíduo. No entanto, um projeto para o futuro tem que ser algo que esteja ao alcance de cada um, tem que ser mais do que um simples desejo.

A maioria dos idosos entrevistados não tem um real projeto de vida definido. Alguns dos idosos consideram que não têm desafios a enfrentar, e nos seus discursos é elencado o desejo de viver mais tempo, de viver até que “Deus” assim queira, e de ver os netos a crescer, nenhum destes “projetos” está na diretamente dependentes dos próprios, são apenas desejos. Um dos idosos – Ricardo – diz que apesar de saber que não tem muito mais para viver, planeia viver mais um “pouco”, mas planejar supõe algo que possamos controlar, e não será o caso em relação à “hora da morte”, a não ser que cometamos um

suicídio. Ricardo quer controlar o seu tempo de vida e tal não será possível a não ser os seus esforços por comer bem, dormir bem, tomar a medicação, evitar acidentes domésticos, para além disso nada mais está ao seu alcance que o faça viver mais tempo. Outro dos idosos – Edgar – pergunta “batalhas pra enfrentar? contra quê e contra quem? não tenho”.

Entre o que ficou por fazer foram enumeradas diversas atividades singulares. Isabel, gostava de ver a filha casada; Mariana gostava de ter sido “alguma coisa”, entre pianista, cantora e assistente social, refere que “afinal de contas não fui nada”; Edgar diz que nada ficou por fazer, e com ironia diz que aguarda “um anjo” que o leve; Miguel diz que gostava de ter comprado uma casa, porque comprou casa para vários familiares e não comprou para si – mas na realidade não pondera atualmente comprar uma casa, é apenas algo que considera que devia ter feito e não fez; Ricardo diz que gostaria de ter sido mais útil à comunidade; Antónia diz que gostaria de ver resolvido um conflito familiar entre a filha e o neto.

Entre o concreto dos bens materiais, e o abstrato do metafísico e dos bens emocionais, nenhum idoso tem projetos de vida que não se reportem ao passado ou a situações sobre as quais não têm qualquer poder direto em concretizar. Esta conclusão é uma ilustração sobre a perspectiva da vida a partir da velhice, nesta fase o nosso olhar paira mais sobre “o espelho do retrovisor”.

4.2.2.As redes de suporte emocional

As redes de suporte emocional consideram-se não apenas a família e amigos no exterior da instituição mas a rede social que os internados estabelecem dentro da instituição.

Incompleto e incapaz de se bastar a si próprio, o Ser humano tem necessidade do outro para conhecer a felicidade. No entanto, por depender da relação com outros, os indivíduos estão inevitavelmente condenados às deceções e às mágoas da vida (Lipovetsky, 2010:301-302). Nos lares essas relações entre os internados são provocadas pelos funcionários orientados para esse objetivo, como é o caso dos animadores sociais ou socioculturais e educadores sociais. Algumas atividades de distração são coletivas – por exemplo jogos ao ar livre, bailes, participação em cantos,

ensino de artes, trabalhos manuais, etc. Essas atividades podem ajudar o indivíduo a suportar a tensão psicológica usualmente criada pelos ataques ao Eu (Goffman, 2008 [1961]: 65). No caso dos idosos internados – à exceção de Ricardo que participa ativamente - nenhum participa em nenhuma das atividades lúdicas e recreativas propostas pela instituição. Essas atividades são sobretudo mobilizadas pelo Centro de Dia, mas são extensivas aos idosos do Lar, que são também chamados a participar mas com pouca adesão. Mariana diz que não vê interesse nenhum numa atividade que consiste em atirar balões a outra pessoa; Antônia e Isabel só participam nas atividades do Centro de Dia se sentirem bem de saúde, mas na verdade a sua participação é residual. No entanto, Isabel refere “eu em tendo saúde, sou calma, eu acompanho a alegria que os outros tiverem, agora quando tenho muito mal é que não.”

Os indivíduos que trabalham investem mais em redes sociais estabelecendo mais ligações e criando mais laços de confiança interpessoal (Pais e Ferreira et al. 2010:264). Edgar e Miguel são os idosos mais sociáveis dos seis entrevistados, porque circulam pela instituição, porque cumprimentam dezenas de pessoas por dia e são os mais sorridentes. A diferença entre os dois é que Miguel mantém a autonomia necessária para sair da instituição e deslocar-se em transportes públicos, e Edgar já não tem essa capacidade. Estes são dois exemplos de idosos que foram bem-sucedidos nas suas profissões, trabalharam lidaram durante muitos anos com indivíduos de personalidades variadas e encontram-se em melhores condições de estabelecer novas ligações em contextos que à partida lhes eram desconhecidos.

Em relação as redes sociais fora da instituição prevalecem as ligações afetivas a filhos, netos, irmãos e sobrinhos. Miguel refere-se muitas vezes à irmã e aos sobrinhos como sendo o seu suporte emocional. Mariana refere-se sobretudo aos sobrinhos e os restantes idosos aos filhos e netos.

4.2.3.A realização pessoal e material

Em relação à realização material, podemos dizer que está muito presente na nossa sociedade o poder do dinheiro. Ao contrário do que diz o ditado popular, “o dinheiro

não traz felicidade”, um inquérito feito recentemente aos residentes nos países europeus mostra que, quanto mais elevados são os rendimentos, maior é a satisfação com a vida, cujos itens podem variar de sociedade para sociedade (Pais e Ferreira et al. 2010: 30). A questão do dinheiro foi referida inúmeras vezes no discurso dos idosos entrevistados. Estes encontram-se mais ou menos protegidos dos aumentos de preços. A mensalidade do Lar é estabelecida antes do internamento em acordo com a família e só é aumentada se a reforma também aumentar. Mesmo que o custo de vida aumente, as mensalidades manter-se-ão, podendo vir a ser mais elevadas para as novas admissões no Lar. Ainda assim, Mariana diz viver aterrorizada com o dia em que não tiver dinheiro para pagar a mensalidade, apesar de ter herdado bens do seu marido, tem uma reforma abaixo do salário mínimo. Dos seis idosos entrevistados, são os homens os detentores de reformas mais elevadas. Isabel e Antónia dizem que o assunto do pagamento das mensalidades está confiado às filhas, não tendo conhecimento sequer do valor sobre a mensalidade. Todos os outros idosos têm esse conhecimento. Edgar refere que há pouco tempo se reuniu com o técnico responsável do Lar para lhe pedir que baixasse a mensalidade, sendo este um sinal de que continua com o hábito de poupar. Dos seis idosos, três falam em ter hábitos de poupar, dois dos quais, Edgar e Miguel, pouparam na vida adulta com intuito num possível internamento em Lar.

Em termos de realização pessoal, e à semelhança dos projetos de vida, as afirmações foram variadas. O que há de comum entre elas é que todas as realizações pessoais têm conexões afetivas: Isabel sente-se realizada a nível pessoal quando diz ter deixado património às filhas; Antónia sente-se realizada por ter colaborado na educação dos netos; Mariana orgulha-se de ter podido ajudar os pais a pagar dívidas e a assisti-los até à sua morte; Edgar orgulha-se de ter educado os filhos com os seus próprios meios e de estes se terem tornado homens com sucesso profissional; Ricardo orgulha-se de ter colaborado na construção do seu bairro e da sua comunidade; Miguel diz que o de mais importante que realizou foi sempre ter tratado bem a sua mulher.

4.2.4.As concepções de felicidade dos idosos

Este é o espaço para explorar as concepções de felicidade dos idosos, a partir dos marcadores mais explícitos. Dividimo-lo em três subtemas: imagens da felicidade, fase mais feliz da vida e infelicidade e solidão.

Isabel, Edgar, Ricardo e Antónia consideram que cada individuo encontra a felicidade com os outros, e que a felicidade não é algo que se encontre sozinho. Isabel diz que com os outros as pessoas se “distraem” dos problemas. Edgar diz que uma pessoa sozinha “não é nada” na vida; Ricardo considera que é no convívio com os outros que encontramos a felicidade porque o que pensamos pode não corresponder à realidade. Antónia considera que a felicidade se encontra com os outros e com duas condições adicionais - se tivermos saúde e não se “dever nada a ninguém”. Pelo contrário, Miguel considera que se um individuo tiver adaptado a uma vida solitária pode ser feliz à sua maneira, levanta a questão do hábito e da adaptação à situação estabelecida.

Antónia, Mariana, Ricardo e Miguel destacam a forma de tratamento pelo pessoal no Lar como fonte de felicidade no seu quotidiano. Estes idosos elencam a “amabilidade”, as “brincadeiras”, o “bom tratamento” do pessoal do Lar como causas da sua felicidade no quotidiano. Os outros dois idosos (Edgar e Isabel) apesar de reconhecerem méritos no pessoal do Lar, destacam o reconhecimento dos filhos em relação ao seu desempenho como pais, e isso é considerado fonte de felicidade.

a) Imagens da felicidade

As memórias de felicidade passada parecem atenuar a infelicidade do presente. (Machado Pais, 2006:152) Esta afirmação confirma-se diretamente nos discursos de alguns atores: Edgar diz que as suas imagens de felicidade estão relacionadas com as recordações do seu “princípio” de vida, nomeadamente do que diz respeito à sua vida profissional e vida de solteiro, refere que não se importava de viver tudo novamente; Antónia também se sustenta em imagens do passado como as suas imagens de felicidade no presente, pensa sobretudo no marido e na sua vida de casada.

Ricardo e Mariana, definiram a “liberdade” como as suas imagens de felicidade. Ricardo toma essa liberdade num sentido mais concreto - de poder sair da instituição para visitar os amigos - diz com desagrado que se não tem “liberdade” para sair da instituição e que deve essa situação à filha. Mariana, refere-se à “liberdade” num sentido mais abstrato de se libertar dos pensamentos negativos - hoje com 90 anos ainda pensa “naquela mulher” referindo-se ao caso extraconjugal do falecido marido, esforça-se por não lhe “desejar mal” e diz que está “quase a conseguir”.

Já Miguel e Isabel têm ideias distintas dos outros idosos sobre as imagens de felicidade: Miguel diz que quando pensa em felicidade, pensa inevitavelmente em igrejas, capelas e imagens religiosas, daí sair todos os dias da instituição para visitar locais religiosos diferentes. Recordemos que na história de vida de Miguel, este e a sua família, em primeiro lugar com a mãe e depois mais tarde com a mulher, tinham por hábito ir à missa. Para além deste hábito, Miguel completou o 4º ano de escolaridade com um professor que era padre, uma pessoa que admirou e que ensinava “coisas que não eram da 4ª classe”. Miguel traz essas recordações felizes para o seu dia a dia, visitando e conhecendo igrejas, capelas e imagens religiosas todos os dias. Tem necessidade de vê-las para se sentir bem. Isabel tem um discurso muito centrado numa morte “santa” e de “aparecer no outro mundo sem saber aonde nem quando”. As imagens de felicidade desta idosa assentam sobretudo no desejo de ter memória até ao seu último dia de vida.

b) Fase mais feliz da vida

Isabel e Ricardo dizem que a fase mais feliz da vida é a atual, a vida que vivem no Lar. Isabel refere mesmo que em toda a sua vida nunca foi feliz, porque em solteira trabalhou muito e depois de casada trabalhou “a dobrar”, para além disso sente que viveu sempre oprimida com a educação da madrinha, e que não podia “fazer nada”, ou seja, não lhe era permitido ter iniciativa. No entanto, defende que os pais que deixam os filhos fazer “tudo” não sabem educar. Ricardo considera que finalmente vive sem preocupações e que deixa a filha também livre de preocupações, e por isso a sua vida atual é a mais feliz de todas as fases pelas quais já passou.

Antónia e Miguel consideram ambos que a vida que viveram com os seus cônjuges foi a fase mais feliz da vida. Antónia considera que os últimos anos de casamento, ainda antes da doença do marido, foram os seus anos mais felizes. Miguel diz que o tempo

que esteve casado com a mulher foi a fase mais feliz da sua vida e que nunca a esquecerá.

Mariana e Edgar têm opiniões distintas. Mariana considera que foi feliz durante toda a sua vida até casar, mas que depois construiu a felicidade dentro da sua cabeça e daí ter recorrido aquilo que diz ter sido “uma vida fútil, para não pensar”. Edgar diz que a fase mais feliz da sua vida foi quando educou os filhos. Descreve sentimentos de orgulho sobre os filhos quando conclui que deu um contributo que os levou “ao ponto de eles hoje serem uns homens”.

Edgar não destaca a fase mais feliz da vida como sendo a presente mas transporta a fase mais feliz da vida até à atualidade. Edgar diz que quando vê que os filhos reconhecem nele um bom pai, diz que esse reconhecimento lhe dá saúde.

Miguel, Mariana e Antónia situam a fase mais feliz da vida no passado, relacionadas com pessoas já falecidas e não parecem transporta-las para o presente, tal como faz Edgar. Mariana tem a particularidade de descrever acontecimentos que lhe trouxeram mágoas e tristezas num lugar que à partida era para desenvolver o tema da felicidade. Falou da fase mais feliz da vida mas logo de seguida refere que esta desapareceu, vivendo posteriormente uma felicidade “artificial”, o que vai de encontro ao que Machado Pais (Machado Pais, 2006:152) diz e que referimos na alínea das imagens de felicidade, mas ao contrário: as memórias de “infelicidade” passada parecem “incrementar” a infelicidade do presente. Mariana diz que não sabe se hoje é feliz ou infeliz, diz que depende das situações, no entanto não se considera uma pessoa infeliz.

c) Infelicidade e solidão

Para uma visão mais aprofundada das representações dos entrevistados acerca da felicidade é necessário considerar-se também as formas vividas e representadas de infelicidade e solidão.

Miguel diz que apesar de hoje se considerar feliz no Lar, refere que há sempre uma tristeza latente, diz que dentro da sua cabeça “há sempre aquela coisa que não sai”. Esta sombra de tristeza é atribuída à morte da mulher. Pensamos que por outras palavras, o mesmo acontece a alguns dos outros idosos, principalmente os que enumeram várias fontes de infelicidade.

Mariana e Isabel enumeram mais do que uma fonte de infelicidade. Isabel considera que ver a dependência dos idosos acamados é fonte de tristeza, assim como a observação das funcionárias “novinhas” e que trabalham muito, lembra-se do que passou. Para Isabel é também fonte de tristeza que uma das filhas não seja casada e que não tenha ninguém que tome conta dela quando Isabel morrer.

Em relação a Mariana, são os sentimentos negativos que nutre por “aquela mulher” referindo-se à amante do marido, a sua fonte de infelicidade. Esta fase do seu casamento marcou-a negativamente e podemos perceber isso quando afirma “vivi o inferno com o meu marido”. Elenca também algumas situações do dia a dia da instituição - o não comer o seu pão, não comer a sua manteiga e não ter um quarto só para si.

Edgar diz que lhe faz uma “confusão danada” os doentes “abalados da cabeça”, e as ofensas proferidas por uma utente em relação a si, que Edgar diz tê-lo ofendido por mais do que uma vez, por situações relacionadas com o lugar no refeitório ou mal-entendidos. Ricardo não gosta dos conflitos entre utentes, e faz um esforço por lidar com todos por igual, precisamente para evitar esses conflitos.

Machado Pais (2006:14) refere que a solidão é um fenómeno social, sobre o qual não existe experiência compartilhada, conferindo à sua vivência singularidade. Podemos confirmar esta singularidade nos discursos dos seis idosos. Mariana, Ricardo e Isabel dizem não sentir solidão atualmente nem nunca a terem sentido. Mariana diz que aprendeu a estar sozinha sem se sentir só, mas não fala em sentimentos relacionados com a solidão. Ricardo e Isabel dizem também não sentir solidão nem nunca ter sentido. Isabel atribui esse feito às filhas que não deixam que isso aconteça. Ricardo refere que no Lar se sente sempre acompanhado.

Antónia e Miguel dizem já ter passado pela experiência da solidão. Antónia diz ter sentido solidão quando enviuvou mas que hoje em dia não se sente só apenas considera que quando não tem ninguém para conversar se sente “aborrecida”. Miguel diz que a solidão foi uma das razões que o trouxe ao Lar, acrescenta ainda que a “velhice é outra vida” porque a “pessoa sente que está fora da sociedade”. Quando enviuvou, Miguel considera que não foi acolhido pela “sociedade”, viu-se sem filhos, enganado por uma mulher com quem tentou viver em união de facto depois da viuvez e com um luto por resolver, caiu na solidão. Por não ter suportado a solidão, desenvolveu uma depressão, e

foi nesta condição de saúde que entrou no Lar, daí ter relatado que durante o primeiro ano de internamento praticamente não saia do quarto.

Edgar nega sentir solidão, mas reconhece que quando não tem ninguém para conversar é “um bocado solitário”. A noção de solidão não deixa de estar presente, mas de uma forma menos intensa, porque refere-se ao seu aparecimento como temporário apenas nas situações em que não tem ninguém com quem conversar. Talvez porque Edgar tenha uma rede emocional apoiada nos filhos que estão muito presentes no seu dia a dia e que apesar sentir momentos “solitários” não se sente completamente só.

4. AS REPRESENTAÇÕES DE FELICIDADE COMO PROBLEMA: CONTEXTOS E SUBJETIVIDADE

Foi pela ausência de obras que documentem e reflitam sobre as experiências de vida longas que o testemunho dos idosos entrevistados se revelou fulcral. Como observou J. Machado Pais: “Podemos sentir empatia com as crianças porque já fomos como elas. Mas faltam-nos experiências que nos permitam compreender os idosos” (Machado Pais, 2006:174). Escasseiam os estudos no âmbito das ciências sociais sobre as vivências dos idosos, por outro lado, são mais abundantes os estudos clínicos em relação a esta população. A aproximação aos discursos destes idosos oferece-nos uma aproximação à ancianidade como cultura. Sem os seus discursos não teríamos a noção da dimensão das experiências nem do que estas significaram para os próprios.

Mesmo que saibamos da existência de diferenças entre o que se diz e o que faz (ou o que se fez), nada no discurso dos entrevistados deve ser desvalorizado. Como diz Machado Pais, os atos discursivos constituem-se em si mesmos práticas sociais e as suas inconsistências e incoerências não devem ser lidas como desprovidas de interesse. (Machado Pais, 1998:20). Por este motivo, tudo dentro do discurso de um entrevistado deve ser tido em conta ainda que saibamos que através das incoerências não corresponda totalmente aos factos. Isto não quer dizer que o entrevistado esteja a faltar à verdade, é apenas a forma como este vê representada determinada situação. Essas representações são os suportes das identidades dos atores e daí advém a sua importância (Machado Pais, 1998:22).

O Homem muda ao longo de toda a sua vida e não esperamos ao longo da existência sempre as mesmas satisfações. Isto significa que uma «teoria da felicidade» terá que ser desunificada, pluralista, eclética e mutável (Lipovetsky, 2010:316). O estudo de Pais e Ferreira (2010:254) acrescenta ainda a subjetividade a esta caracterização da felicidade. Uma das conclusões deste estudo é que “A construção da felicidade é subjetiva, pessoal e inevitavelmente construída em contexto”, apesar de ter sido mencionado anteriormente, nesta fase do trabalho interessa mencionar este estudo novamente porque a sua conclusão revelou-se muito importante para compreendermos o ecletismo por detrás dos discursos destes idosos. Além disso, esta conclusão inibe-nos da ideia de procurar um ideal-tipo da pessoa feliz ou uma fórmula para encontrar a felicidade.

Podemos verificar nos resumos dos discursos dos entrevistados no capítulo anterior, que existem inúmeras características em comum mas também outras totalmente distintas entre eles, o que faz com que a forma de olhar a vida seja também ela distinta e única. Não há nenhum discurso que nos diga “é isto que o/a faz feliz”, porque agora sabemos que a felicidade é subjetiva (não pode ser mensurada, enumerada, definida concretamente), pessoal (é suscetível que lhe ser atribuída mais do que uma definição) e construída em contexto (está diretamente dependente do contexto social onde se desenvolve, ou seja, dependente de inúmeros elementos).

Sobre o que existe de comum e de distinto entre o discurso dos entrevistados podemos dizer que em relação ao que é comum que todos os entrevistados recordaram os pais com saudade e admiração. Todos os entrevistados a dada altura da entrevista se emocionaram ao falar dos pais, exceto Edgar, que como sabemos perdeu a mãe aos 4 anos e foi educado por um pai e por uma madrasta distantes afetivamente. Esta singularidade na vida de Edgar podia tê-lo feito emocionar-se por razões diferentes, ou seja pela ausência, mas não foi o caso. Edgar abandonou o papel de filho quando saiu de casa subitamente para ir viver sozinho, tendo investido desde esta altura na vida profissional. E no seu discurso a vida profissional é recorrente.

Outra das características comuns entre os entrevistados é que todos sem exceção foram casados uma vez e que atualmente são viúvos. Lembramos que o critério de escolha dos entrevistados se baseou na idade, no discernimento psicológico e na exigência de serem utentes internados e não no seu estado civil. A explicação pode estar no tipo de critérios que a instituição adota para admitir os utentes no Lar. A instituição dá preferência aos idosos isolados ou com fraca rede familiar e daí advém uma maioria de idosos viúvos. Esta característica também se aplica a outros setores da instituição como o Centro de Dia, em que a maioria das inscrições é feita depois da viuvez.

Miguel apresenta uma singularidade em relação aos outros entrevistados, este idoso faz verdadeiras declarações de amor na sua entrevista em relação à sua falecida esposa, discursando como um homem inconsolado. Miguel é um homem sorridente, mas entendemos que seja por este desgosto que hoje diga que apesar de estar feliz, na sua cabeça “há sempre aquela coisa que não sai”.

Os seis idosos entrevistados são viúvos e antes da entrada do Lar todos viviam pelo menos uma de duas situações: tinham esgotado os recursos familiares em relação à sua

própria assistência, ou não tinham de facto quem os assistisse. Esta instituição entende que um idoso mais ou menos autónomo e com recursos familiares pode recorrer a outro tipo de serviços que não o Lar. Portanto os idosos entrevistados foram necessariamente admitidos, pelo menos em uma situação de perda: perda de autonomia, perda do cônjuge, perda da rede social anteriormente existente.

Nas sociedades ocidentais, consome-se hoje o triplo da energia que se consumia nos anos 60, quem seria capaz de afirmar que somos três vezes mais felizes? (Lipovetsky, 2010:296) Além disso temos cada vez mais acesso aos cuidados de saúde, mas isso não impede que muitos de nós nos tornemos hipocondríacos. Por esta razão se diz que vivemos numa sociedade paradoxal, plena de contrariedades. (Lipovetsky, 2010:12) Recordemos o discurso de uma das entrevistadas – Mariana, fala da alimentação do Lar e enumera uma serie de alimentos que acredita serem prejudiciais à sua saúde, um discurso bastante credível, mas depois termina dizendo que “no fundo tudo me faz mal”. Mariana assume-se obcecada pela doença, e numa obsessão há sempre uma noção de exagero ou de irrealidade. Mesmo numa situação familiar sem filhos, apresentou-nos um estilo de vida desafogado, uma infância feliz, maior acesso à educação comparativamente a outros idosos, e no entanto apresenta frustrações e preocupações que outros idosos não apresentaram em relação à sua saúde. De todos os idosos, Mariana foi a única que disse já ter pensado em suicidar-se. Um exemplo claro de Lipovetsky de que os bens materiais não trazem felicidade mas ainda assim os buscamos para suprimir carências e medos. Mariana diz que a vida fútil que levou a ajudava a “não pensar”. Entendemos que Mariana não queria pensar no seu frustrante papel de esposa, nem no seu papel de mãe que nunca se concretizou e também nos seus medos relacionados com o viver dependente fisicamente e financeiramente de outros.

Falámos com idosos que pertenciam a estratos sociais diferentes e continuam a pertencer (pelos seus rendimentos e educação), mas dentro da instituição e no entender dos idosos essa diferença encontra-se esbatida. Se assim não fosse, Mariana teria direito a comer o “seu” pão e a “sua” manteiga e quem sabe a viver uma vida mais “rococó” que diz ter perdido. Embora existam práticas para personalizar o atendimento (na medida em que todas as pessoas são tratadas pelo nome, por exemplo) no geral as condições de alimentação, saúde e higiene em que as pessoas vivem na instituição são basicamente as mesmas. Depois do falecimento do marido, Mariana viu-se com menos poder económico, e apercebeu-se que não era possível manter o mesmo estilo de vida,

tendo sido racionalmente “obrigada” a vender património para assegurar a sua manutenção definitiva num Lar. Atualmente esforça-se por se adaptar, porque sabe que não tem uma real alternativa, apesar de ter alguns recursos familiares. Este igualitarismo no dispositivo institucional, é uma descontinuidade com a vida social anterior, marcada pela diferenciação, exigindo por vezes novas aprendizagens sociais numa altura em que as pessoas têm menos recursos para gerir a adaptação, neste caso a um meio que à partida lhes é estranho.

Tal como Goffman (2008 [1961]: 8) pretendeu conhecer o mundo social dos internados num hospital psiquiátrico para melhor compreender esse mundo, neste trabalho pretendemos compreender o mundo social dos idosos internados não só para melhor compreender esse mundo, como também para melhor compreender as suas representações sociais. Esse “mundo” neste contexto, não é mais do que um conjunto de memórias e expectativas, e dentro destas encontram-se as representações sociais que procurámos nos discursos dos atores.

Um indivíduo que esteja biologicamente no percurso final da sua vida, sem o apoio familiar suficiente, que se veja fechado num local que para si é mais ou menos desconhecido, tem reunidas as condições que favorecem uma experiência de algum tipo de sofrimento. Foram referidos inúmeras vezes nas entrevistas sentimentos de tristeza, sintomas de depressão e comportamentos de apatia. Se não fosse alguma boa gestão da parte dos lares em relação a estas situações, aumentava o número de suicídios, trabalhariam neles maior número de profissionais de saúde mental, e não existiam tantos idosos a quererem entrar voluntariamente. Apesar da vida quotidiana na maioria dos lares de idosos, ser entendida como rigidamente disciplinada, de se verificar uma forma de tratamento que oscila entre a infantilização e a despersonalização e de existir frequentemente a decadência da identidade, nem em todos os lares, os idosos coabitam com o sofrimento e a solidão (Machado Pais, 2006:157). Edgar diz que não teve qualquer dificuldade em adaptar-se à alimentação e à condição de ter que dormir com mais pessoas no quarto, porque na sua vida profissional, também dormiu em camaratas e diz que quando não lhe agrada a alimentação, come menos – não diz que rejeita, que abandona o refeitório ou que pede outro prato. A aparente adaptação sem dificuldades de Edgar deve-se em muito ao estilo de vida que levou, ter muito em comum com o estilo de vida “imposto” institucionalmente, pelo menos no que diz respeito ao partilhar e ao convívio com outros. Já Mariana assume uma atitude oposta e ao mesmo tempo

contraditória, diz que se sente bem recebida no Lar, considera-se bem tratada, mas recusa participar nas atividades lúdicas e recreativas por não se identificar com estas, considera um “horror” a quantidade de massa e arroz que se come na instituição, e refere inúmeras vezes o desejo de ter um quarto só para si. Isto reporta-nos mais uma vez a Goffman e às táticas de adaptação. Os lares favorecem institucionalmente condições de dessocialização e ressocialização, o que pode implicar para os internados alguns custos pessoais. É missão das instituições investir na ressocialização de cada idoso internado.

Consideramos que as mulheres e os homens entrevistados revelaram táticas de adaptação ao meio institucional consoante o género. O que só confirma o que Pais e Ferreira (2010:254) dizem no seu estudo das atitudes sociais mencionado em capítulos anteriores. O género é um dos critérios que pode diferenciar como o indivíduo vive a sua velhice – além do critério da idade e do contexto nacional também mencionados no estudo.

Assim, nesta investigação sublinha-se como vantajoso a utilização de uma estratégia que combine uma dimensão extensiva com uma combinação intensiva. A dimensão extensiva refere-se à recolha e análise de dados estatísticos existentes com o objetivo de contextualizar o problema. Daí que a consulta do estudo de Pais e Ferreira (2010) se tenha revelado crucial. A dimensão intensiva concentra-se na situação concreta de cada ator que de seguida se aprofunda do ponto de vista teórico para posteriormente ser caracterizada do ponto de vista empírico (Joaquim, 2012:93).

Segundo Goffman (2008 [1961]:59), o mesmo internado tende a colocar em prática táticas de adaptação diferentes em diferentes fases do seu internamento. Apesar disso, consideramos que no geral os seis idosos entrevistados primam por duas táticas em particular: a do afastamento da situação – em relação a Isabel, Antónia e Mariana, e a da conversão – em relação a Edgar, Ricardo e Miguel. Recordamos que na primeira tática identificada, o internado deixa de dar atenção a tudo, com a exceção dos acontecimentos que cercam o seu corpo, abstendo-se da participação de todos os acontecimentos. Apesar de Goffman considerar que é possível que cada internado adote mais do que uma tática, o autor considera que esta tática (afastamento da situação) é irreversível. Nenhuma das idosas mencionadas participa nas atividades do Centro de Dia. Isabel diz que só acompanha a alegria dos outros quando se sente bem de saúde, mas na verdade é

com frequência que não acompanha, ou porque muitas vezes não se sente bem ou porque raramente sente disposição para participar mesmo que se sintam bem de saúde. Mariana não se identifica com as atividades de Centro de Dia – não gosta de estar na sala de estar com os outros utentes e sempre que pode gosta de ler e estar no seu quarto a descansar. Antónia, neste aspeto, é um caso semelhante ao de Isabel, dando-se aos outros quando tem disposição, mas na verdade não se dando muito.

Acerca de Mariana acrescentamos ainda que se preocupa com os acontecimentos relacionados com o seu corpo quando se assume como obcecada pela saúde, e mostra desagrado quando a instituição, ao preparar-lhe a medicação, substitui os originais pelos genéricos.

Na tática da conversão, Goffman (2008 [1961]:59) refere que os internados parecem aceitar a equipa de funcionários e tentam representar o papel do internado perfeito. Identificamos esta tática com os três homens entrevistados muito devido à sua disposição para serem sociáveis, e de se relacionarem com outras pessoas mesmo estas sendo desconhecidas, e ao seu esforço por serem cordiais e por fazerem questão de ajudar os funcionários em certas tarefas. Por exemplo, Miguel leva os utentes em cadeira de rodas para a capela na hora da missa. Ricardo é o único idoso dos seis que participa nas atividades do Centro de Dia e considera de máxima importância não entrar em conflito com ninguém. Edgar diz que é ofendido muitas vezes por uma utente “abalada da cabeça”, mas que nem sempre faz queixa aos funcionários, porque sabe que estes não podem dar atenção a tudo. Além disso circula por toda a instituição, cumprimentando quem passa.

Qual a explicação para estas coincidências - todos os homens têm uma tática de adaptação igual entre si e todas as mulheres têm outra tática de adaptação igual entre si?

Talvez a resposta esteja na forma como estes idosos vivem hoje a sua velhice, as suas limitações e não só. Conviver com uma doença numa situação de internamento institucional significa viver duas crises em simultâneo, a crise da doença e a crise vinciativa. Em simultâneo, as duas crises, dificultam ainda mais a adaptação ao meio e a convivência com estranhos. Por outro lado, parte da resposta também pode estar na forma como estes idosos viveram, ou no estilo de vida adotado enquanto adultos mais jovens.

Na época contemporânea, as diferenças de género eram explicitadas desde o nascimento. Os rapazes não deviam ser educados com as raparigas, para não se tornarem “piegas” e as raparigas não deviam ser educadas com os rapazes para não se tornarem “cavalonas”. As crianças tinham educações distintas em esferas separadas porque as expectativas também eram completamente diferentes. Na época contemporânea a educação variava conforme o género, a idade e o meio social (Silva, 2011:387). Nos meios populares, as mulheres queriam-se fortes, sadias, trabalhadoras. O dia a dia das mulheres, tanto para as casadas como para as solteiras era repartido entre tarefas domésticas e os trabalhos de campo (Silva, 2011:388). Mesmo as jovens de origem aristocrática, educadas no seio de matrizes conservadoras, tinham de adquirir conhecimentos práticos de culinária e costura (Silva, 2011:390). Nas elites e nas classes médias urbanas, as senhoras da alta sociedade portuguesa repartiam o seu quotidiano entre a orientação da lida doméstica, o cuidado na educação dos filhos, a ociosidade e bailes, das idas ao teatro, dentro de círculos de sociabilidade consentâneos com o estatuto social e conjugal (Silva, 2011:391). Isto explica que desde sempre, as mulheres, e estas idosas em particular, outrora completamente autónomas, foram habituadas a conduzir a sua vida e a ter algumas iniciativas, mesmo dentro de certos limites que eram estabelecidos socialmente.

Entendemos que para os idosos autónomos de uma maneira geral, seja mais difícil a adaptação a um local, onde “não têm voto”, já alguém estabeleceu as regras anteriormente. Mesmo em relação ao Centro de Dia, essa dificuldade existe. Para as mulheres a dificuldade de adaptação ao lar talvez se explique através desta via, porque se entende que sofreram mais perdas. Outrora habituadas a tratar da sua roupa, a confeccionar a sua alimentação, a comprar os produtos que entendiam ser melhores, a educar os filhos, a cuidar dos pais, sogros e cônjuges, no momento do internamento são confrontadas com maiores obstáculos de adaptação ainda que de origem psicológica. Edgar e Ricardo tiveram ambos as mulheres dependentes e acamadas antes de estas falecerem, mas tinham alguém responsável pela higiene destas que não os próprios. Miguel foi enganado por duas mulheres que o tentavam seduzir e extorquir dinheiro, mas este idoso apenas procurava alguém que “tomasse conta” dele, referindo-se também às tarefas domésticas.

O papel principal desempenhado pelos homens sempre foi o de sustento da família, a perda desse papel é interiorizada no momento em que se decidem reformar. Evita-se

assim um conflito interno. O mesmo não se pode dizer em relação às mulheres, que além de não serem tão úteis na família para tarefas que estavam habituadas a concretizar, os pais morreram, os filhos estão criados, a saúde já não permite cozinhar nem sequer fazer a higiene das suas casas sozinhas, podem por estas razões enfrentar maior conflito interno.

De uma maneira geral o que mobiliza os idosos na adaptação ao meio é o poupar a família de trabalhos “forçados” com a sua pessoa, porque se dependerem da família vão sentir-se ainda mais dependentes. Se dependerem de um lar, a sua condição de dependência é vista de outra forma. Procurar o internamento institucional, é uma maneira muitas vezes de mostrar à família que apesar de dependentes, continuam a conseguir resolver os seus problemas, ainda que seja com a ajuda exterior à família. Esta questão é mais ou menos unanime entre os idosos, estando aqui a questão de género completamente ausente.

Outras motivações são elencadas para o internamento, nomeadamente a solidão ou o medo de morrer sem assistência. Mas curiosamente nenhuma mulher as nomeou como motivos de internamento em lar, talvez porque convivam melhor com o viver só. Temos o exemplo de Mariana que considerava o marido como um homem de “poucas falas” e ela a pessoa que tinha a necessidade “absoluta” de “beijar e ser beijada”.

Todos os idosos independentemente do contexto social em que se encontrem inseridos têm um legado cultural. As características que podemos destacar na cultura da ancianidade neste contexto institucional são as seguintes: os receios pela iminência da chegada da morte são preocupações comuns que se destacam nesta população; a inatividade ou desocupação que levam os idosos a esperar apenas pela próxima refeição; o facto de não assumirem a atitude de amparo e segurança afectiva comum entre avós e netos, estes idosos pelo contrário esperam atitude de amparo e segurança afetiva de outros para com eles; o desinteresse pelo quotidiano nacional e internacional, levam-nos a concluir que nesta altura da sua vida são idosos concentrados em si próprios.

A viuvez, o internamento que os separa fisicamente do exterior e os problemas de saúde podem contribuir para que estas características de destaquem e façam parte da personalidade destes homens e mulheres enquanto idosos. Outrora foram homens e mulheres ativos, com motivações, com ambições que a dada altura se foram perdendo. O internamento pode tê-los forçado a interiorizar que tudo teve o seu tempo e que

terminou. Por exemplo, Miguel, que de entre os idosos é o mais ativo, porque tem mais autonomia, ainda sai do lar para passear e até usa transportes públicos, diz que “as minhas coisas acabaram todas”. Isabel, é um outro exemplo, esta idosa pergunta-se o que é que ainda anda “cá a fazer?” (apesar de dizer que “Deus” sabe o que faz). Antónia vai na mesma linha de pensamento. Mariana pelo mesmo lado, não podia estar mais desiludida com a vida e com a sua situação de saúde, inclusivamente chegou a refletir sobre fazer abstenção à medicação como forma de suicídio. Mesmo Edgar, que tem um discurso positivo, diz que a vida no Lar por vezes é solitária. Além disso, temos o testemunho dos idosos sobre os projetos de vida, nenhum idoso entrevistado apresentou um projeto de vida concreto para realizar, exceto o querer viver mais tempo (como foi o caso de Ricardo) e ver um conflito familiar sanado (como foi o caso de Antónia), mas na nossa perspetiva não passam de desejos.

Finalmente, o conteúdo das entrevistas destes idosos deveria fazer-nos aceder a uma compreensão do que seja a felicidade.

Entendemos que as condições do estilo de vida enquanto adultos, podem ser fatores preponderantes na adaptação ou inadaptação ao contexto institucional, enquanto idosos. Viver bem e conviver bem num lar é um trabalho diário de contenção, respeito pelo próximo, paciência, é um treino de observação e comunicação com os outros. Com 120 idosos internados, esperar é uma atitude que os afasta de inúmeros conflitos. É com esse número de idosos distribuídos equitativamente por quartos de 2 ou de 3, e dois refeitórios comuns que os idosos partilham o acordar, as refeições e o deitar. Mesmo com funcionários a assistir e a servir estes idosos nas 24 horas do dia, encontramos idosos profundamente insatisfeitos, inquietos, aborrecidos. Isto leva-nos a dizer que a felicidade não pode ser reduzida a uma política do bem-estar. A felicidade não é “cama, comida e roupa lavada”. A satisfação ou a insatisfação de cada um perante o quotidiano vai além disso, e pensamos que mais uma vez continua ligada de alguma forma ao estilo de vida, mas também à personalidade. Pudemos constatar que de entre os entrevistados, os idosos que não tiveram uma profissão, que tiveram mais acesso a bens materiais e certas comodidades individuais e personalizadas convivam com mais dificuldade neste contexto institucional, pelo menos na fase de adaptação. E na adaptação cada um a vive ao seu ritmo. Por exemplo, Miguel um idoso que diz ser feliz no lar, esteve 1 ano consecutivo sem sair praticamente do seu quarto. Diz que a adaptação foi dura não porque não gostasse do lar, mas porque sofria de depressão. Como já foi referido

anteriormente, o momento do internamento coloca os idosos em duas frentes, uma de dessocialização do mundo exterior e outra de ressocialização com o mundo interior. E nem todos podem ter as características para gerir tanta informação diferente.

CONCLUSÃO

Partiu-se para esta investigação elegendo, como objeto, as representações dos idosos internados em lar acerca da felicidade, através do estudo das suas produções próprias em contexto institucional. Face a este objeto, definiu-se como problema mobilizador da pesquisa a caracterização dessas representações de felicidade e a compreensão do modo como estas influenciam as condutas e as práticas sociais dos atores.

Tendo em conta tudo o que até aqui se apresentou, pode dizer-se que os objetivos inicialmente propostos foram alcançados na medida em que foi possível identificar cinco transições de vida significativas, que ressaltaram no discurso destes idosos: infância, educação, vida ativa, casamento e internamento em lar. Foi também possível identificar sete outros contextos na biografia destes idosos com importância para a compreensão do objeto em causa: os projetos de vida, as redes de suporte pessoal e material, as concepções de felicidade, as imagens de felicidade, a fase mais feliz da vida, as experiências de infelicidade e solidão.

A felicidade é um sentimento que vai além da experiência individual, congrega uma dimensão coletiva de espaço e de tempo. É uma construção social porque aquilo que um ser humano precisa para viver feliz varia consideravelmente com as circunstâncias socioculturais, idade e recursos materiais. Os sentimentos são perceções, focos de estudo da neurobiologia, que os compara a outras perceções como as visuais. Enquanto perceções, os sentimentos têm um objeto exterior ao corpo que origina uma série de sinais dentro do cérebro, o que faz com que a configuração dos sentimentos, biologicamente falando, seja singular e complexa. Neste trabalho, tentámos compreender esta realidade através da identificação das expressões desses sentimentos. Pudemos também constatar que a mudança de atitudes perante a vida estão fortemente dependentes do género, da idade, mas também do contexto social.

Alguns constrangimentos se impuseram no decorrer do trabalho. O primeiro constrangimento com o qual nos deparámos no decurso desta investigação decorreu do facto de o tema da felicidade ter uma ampla inscrição filosófica, tornando-se necessário articular, de forma interdisciplinar, a hermenêutica filosófica e a teoria social. O segundo constrangimento foi a escassez de literatura das ciências sociais e humanas

sobre a felicidade dos idosos. Na teoria social, o tema da felicidade é abordado, por exemplo, por Lipovetsky e Bauman, no entanto, não especificamente sobre a população idosa. De qualquer modo, sublinha-se a pertinência desta literatura que nos apoiou na construção de um quadro teórico de conhecimento, o que nos permitiu formular a problemática de investigação e analisar o objeto de estudo identificado. É neste sentido que se torna fundamental a complementaridade dos saberes teóricos e dos resultados da análise dos relatos dos indivíduos. O terceiro constrangimento diz respeito às limitações dos próprios entrevistados no que concerne às suas capacidades de reconstruir um discurso acerca de si. Esta é uma condicionante importante, já que os materiais analisados eram de natureza discursiva.

As sociedades desenvolvidas têm necessidade de um projeto que esteja ligado às ideias de bem-estar. Mas a felicidade não pode ser reduzida a uma política do bem-estar. A satisfação ou a insatisfação de cada um perante o quotidiano está diretamente ligada ao estilo de vida adotado por cada indivíduo e à forma como se olha para a realidade através da personalidade. Não podemos ignorar que a felicidade é construída através das relações dos indivíduos, nas suas ações e projetos, bem como nas suas trajetórias sociais. A sua busca poderá ser mais ou menos intencional, consciente ou consequência da ação.

O quadro conceptual teve como referências estruturantes Zygmunt Bauman, Gilles Lipovetsky, Erving Goffman e Machado Pais. O pensamento destes autores foi fundamental para a análise da narrativa dos atores. Privilegiou-se um modelo de análise qualitativa, com recurso à entrevista de natureza biográfica. Assim foi possível compreender a linguagem, os significados atribuídos, as práticas e os contextos descritos pelos atores.

As pessoas idosas são uma população crescente nas sociedades ocidentais e especificamente em Portugal. Ora, sendo esta uma população socialmente vulnerável e em número crescente, urge remodelar as políticas existentes. No entanto, perante o atual contexto económico será facilmente posta de parte qualquer decisão de investimento em políticas para idosos. Acreditamos que para um grande número de idosos se apresentam inúmeras dificuldades na integração em lar, quando ficam dependentes. Não porque não existam instituições em número suficiente, mas porque uma grande fatia da população

idosos em Portugal não preenche os critérios para integrar lares privados. Por outro lado, os lares públicos assim como os lares das instituições de solidariedade, não oferecem as vagas suficientes para a procura existente. Esta situação prolonga a estadia dos idosos nos hospitais, onde experimentam um mais elevado risco de serem vítimas de infecções ou vítimas de tratamentos desadequados por cuidadores esgotados.

A autonomia física e psicológica de um indivíduo pode fragilizar-se no período da velhice. Por detrás da condição de dependência dos idosos está uma série de causas, sobretudo problemas de saúde que o sistema nacional tenta sanar – e ao longo dos anos tem-lo feito com progressivas melhoras em ordem à universalidade. Mas o problema causado pela dependência não desapareceu, mesmo sendo adiado pelo aumento da esperança média de vida. Teremos que, como sociedade civil, continuar a procurar formas de viver condignamente os últimos anos de vida. Num contexto de Estado social, a dignidade dos últimos anos de vida de cada um não deveria estar tão dependente do rendimento *per capita* ou do rendimento acumulado.

Esperamos que este estudo possa ter estimulado a reflexão sobre a problemática dos idosos. Almeja-se ter dado visibilidade ao problema e ter contribuído para a construção de linhas de ação que visem melhorar a vida dos idosos internados.

BIBLIOGRAFIA

Aboim, Sofia (2011), “Dentro de Portas: Os Bastidores – Vidas Conjugais: Do Institucionalismo ao Elogio da Relação”, Mattoso, José (Dir.) Almeida, Ana Nunes de (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: Os Nossos Dias*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.80-111.

Aboim, Sofia et al. (2010), “Transições para a Velhice”, Pais, José Machado e Ferreira, Vítor Sérgio (Orgs.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses 10, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.69-104.

Almeida, Ana Nunes de (2011), “Do Lado do Averso: Mundos e Experiências de Vida - Os Mundos da Infância: Olhares, Espaços e Personagens”, Mattoso, José (Dir.) Almeida, Ana Nunes de (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: Os Nossos Dias*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.142-173.

Amaro, Maria Inês (2012), *Urgências e Emergências do Serviço Social: Fundamentos da Profissão na Contemporaneidade*, Lisboa: Universidade Católica Editora.

Battin, Margaret (2009), “A Dignidade Humana e as Pessoas Muitos Idosas”, Fundação Calouste Gulbenkian (Org.), *O Tempo da Vida – Fórum Gulbenkian de Saúde Sobre o Envelhecimento*, Lisboa: Principia Editora, pp. 289-305.

Bauman, Zygmunt (2007 [1995]), *A Vida Fragmentada: Ensaios sobre a Moral Pós-Moderna*, Lisboa: Relógio d'Água.

Cabral, Roque (2006), “Felicidade”, *Enciclopédia Logos*, Vol.2, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, pp. 475-480.

Campenhoudt, Luc Van (2003), *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*. Lisboa: Gradiva – Trajetos.

Cascão, Rui (2011), “O Quadro Doméstico: «Em Família» - Em Casa: O Quotidiano Familiar”, Mattoso, José (Dir.), Vaquinhas, Irene (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.222-251.

Casimiro, Cláudia (2011), “Dentro de Portas: Os Bastidores – Tensões, Tiránias e Violência Familiar: Da Invisibilidade à Denúncia”, Mattoso, José (Dir.) Almeida, Ana

Nunes de (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: Os Nossos Dias*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.112-140.

Dantas, Ana Roque (2012), *A Construção Social da Felicidade*, Lisboa: Edições Colibri.

Dubar, Claude (2006), *A Crise das Identidades: A Interpretação de uma Mutação*, Porto: Edições Afrontamento.

Freitas, Manuel da Costa (2006), “Representação”, *Enciclopédia Logos*, Vol.4, Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, pp.715-721.

Giddens, Anthony (1996), *As Consequências da Modernidade*, Lisboa: Celta.

Goffman, Erving (2008 [1961]), *Manicómios, Prisões e Conventos*, São Paulo: Perspetiva.

Guerra, Isabel (2006), *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e Formas de Uso*, Estoril: Príncípia.

Joaquim, Henrique (2012), *Lógicas de Ação Social no Contexto Católico*, Lisboa: Universidade Católica Editora, pp.90-93.

Lipovetsky, Gilles (2010), *A Felicidade Paradoxal - Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo*, Lisboa: Edições 70.

Lopes, Maria Antónia (2011), “O Quadro Doméstico: «Em Família» - As Grandes Datas da Existência”, Mattoso, José (Dir.), Vaquinhas, Irene (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.152-193.

Monteiro, Teresa Líbano (2005), *Famílias e Novos Movimentos Religiosos: Trajetória Familiar, Individualização e Identidade Espiritual*, Dissertação de Doutoramento, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, pp.142-168.

Nata, Gil Menezes, Isabel (2010), “Ciclos de Vida e Atitudes Perante a Vida: Satisfação com a Vida, Religiosidades e Redes de Relações Sociais”, Pais, José Machado (Org.), Ferreira, Vítor Sérgio (Org.), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da*

Europa, 10. Atitudes Sociais dos Portugueses. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.225-254.

Osório, Augustín Requeijo et al. (2007), *As Pessoas Idosas: Contexto Social e Intervenção Educativa*, Horizontes Pedagógicos, Lisboa: Piaget, pp.131-250.

Pais, José Machado (1998), “Introdução”, *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, pp.17-52.

Pais, José Machado (2006), *Nos Rastos da Solidão – Deambulações Sociológicas*, Porto: Âmbar.

Pais, José Machado (2010), “Cursos de Vida, Padronizações e Disritmias”, Pais, José Machado e Ferreira, Vítor Sérgio (Orgs.), *Tempos e Transições de Vida. Portugal ao Espelho da Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses 10, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.19-35.

Pais, José Machado e Ferreira, Vítor Sérgio, Orgs. (2010), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses 10, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Ribeirinho, Carla (2005), *Concepções e Práticas da Intervenção Social dos Cuidados Sociais ao Domicílio*, Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social.

Silva, Susana Serpa (2011), “Segredos e confidências: Sonhos e Ideais de Vida. Sonhos Privados/Sonhos Globais”, Mattoso, José (Dir.), Vaquinhas, Irene (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.382-427.

Sousa, Maria Miguela (2011), *Formação para a Prestação de Cuidados a Pessoas Idosas*, Cascais: Principia Editora.

Vaquinhas, Irene (2011), “O Quadro Doméstico: «Em Família» - Família, essa «Pátria em Miniatura» ”, Mattoso, José (Dir.), Vaquinhas, Irene (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.118-151.

Vieira, Maria Manuel (2011), “Do Lado do Averso: Mundos e Experiências de Vida – Aprendizagens, Escola e Pedagogização do Quotidiano”, Mattoso, José (Dir.) Almeida, Ana Nunes de (Coord.), *História da Vida Privada em Portugal: Os Nossos Dias*, Maia: Temas e Debates, Circulo de Leitores, pp.174-207.

ANEXOS

Anexo A: Guião de Entrevista

Parte I

PARTE BIOGRÁFICA – Leitura do curso de vida do entrevistado.

1. Como considera que tenha sido a sua infância?
(pobreza/abundância; condições habitacionais; quantos irmãos e irmãs teve; onde cresceu; estudou/não estudou; porque não estudou; idade com que casou/idade que saiu da casa dos pais; educação recebida pelos pais).
2. Como descreve o seu casamento/ sua relação amorosa mais importante?
(Como foi o seu casamento? No caso de ser viúvo/viúva, em que situação faleceu o seu companheiro/ a sua companheira; Como lidou com essa morte; Teve outras relações depois de enfiuvar? Se não casou, porque não casou?)
3. Qual foi a sua profissão? Como começou essa profissão?
(Porque a escolheu? o grau de satisfação com a profissão.)
4. E para além do trabalho que atividades levava a cabo nos tempos livres? Com quem? E que a atividades costumava fazer com os amigos?
5. Com que idade se reformou? E porquê?
(Como se sentiu depois de se reformar? Que atividades passaram a fazer parte do seu dia depois de se reformar?)
6. Qual foi a razão que a/o trouxe ao Lar?
(motivo de internamento; processo de transição; estado de saúde à entrada)

PARTE DAS PERSPETIVAS SOBRE A FELICIDADE

1. Questões de Pesquisa: Que “Imagens” de felicidade são idealizadas e pensadas pelos idosos?
 - 1.1 Eixos de Análise: Felicidade - Transições de vida significativas para a terceira idade.
 - 1.1.1 Que fase da sua vida em que considera ter sido uma pessoa mais feliz?
(situação socioeconómica familiar e não tanto a cronologia)
 - 1.1.2 Está satisfeito com o seu passado?

1.1.3 O que considera mais importante do que já realizou?

1.1.4 O que faltou realizar?

1.1.5 Quais as experiências que o fizeram sentir-se mais orgulhoso de si mesmo?

1.1.6 Qual a memória mais feliz que tem? Se pudesse escolher só uma, qual seria?

1.1.7 Qual a memória menos feliz que tem? Se pudesse escolher só uma, qual seria?

1.1.8 Há quem diga que a velhice é uma fase tranquila da vida das pessoas. Acha que esta visão corresponde a realidade?

1.2 Eixos de Análise: Felicidade - Projetos de vida *Esperança e felicidade.

1.2.1 Quais os planos que tem para a vida?

1.2.2 Quais as batalhas que ainda pensa enfrentar?

1.2.3 Pensa que nesta altura da vida a rotina e a tranquilidade trazem mais felicidade do que ter planos e desafios? Porquê?

Parte II

2. Questões de Pesquisa: Quais aspetos de bem-estar social e material que estão associados às “imagens” de felicidade idealizadas e pensadas pelos idosos?

2.1 Eixos de Análise: Felicidade e bem-estar - A importância das redes sociais na construção da felicidade.

2.1.1 Normalmente as pessoas referem que há solidão na terceira idade? Sente isso? (Conforme o que a pessoa disser, reforça-se a pergunta: a solidão é positiva ou negativa).

2.1.2 A que acha que se deve esse facto? Já sentiu solidão em alguma fase da sua vida? Que fase foi essa?

2.1.3 Que importância teve os amigos durante a sua vida? E a família?

2.1.4 Que importância tem os amigos nesta fase da vida? E a família?

2.1.5 Seus familiares visitam-no? Com que periodicidade?

2.1.6 Quais os momentos de convívio social que tem?

2.1.7 O que mais gosta e o que menos gosta nesses momentos?

2.1.8 Pensa que a felicidade é algo que a pessoa encontra sozinha ou só pode ser conseguida na companhia dos outros? Porquê?

2.2 Eixos de Análise: Felicidade e bem-estar - A felicidade associada a realização material.

2.2.1 O que é qualidade de vida para si?

2.2.2 Quais os bens materiais essenciais para garantir que uma pessoa possa viver bem?

2.2.3 Considera que o que ganha (pensão) é suficiente para lhe garantir bem-estar? E a felicidade?

2.2.4 Acha que se pode viver com pouco?

2.2.5 O que gostaria de comprar e não pode? O que sente em relação a isso?

2.2.6 O que lhe traz maior prazer comprar?

2.2.7 Que bens lhe fazem mais falta?

2.2.8 O que não pode deixar de comprar?

2.2.9 Quantos medicamentos toma por dia? Porque os toma? O que sente de diferente quando não os toma?

3. Questão de Pesquisa: Na transição para uma situação de internamento, quais os fatores que podem dar aos idosos uma sensação de liberdade e autonomia em contexto institucional?

3.1 Eixos de Análise: Internamento institucional e estilos de vida - Motivação para o internamento; Estratégias de adaptação ao contexto institucional.

3.1.1 O que significou para si a vinda para o Lar?

3.1.2 Foi um acontecimento encarado com naturalidade?

- 3.1.3 Sente que ganhou ou perdeu com esta mudança? Porquê?
- 3.1.4 Teve alguma dificuldade de adaptação inicial? Quais e porquê?
- 3.1.5 Todos temos preferências sobre a forma como nos tratam, nos fazem as refeições, nos apresentam a roupa, etc. Como lida com as preferências que não são possíveis serem satisfeitas pela instituição?
- 3.2 Eixos de Análise: Felicidade - Conceções de felicidade; Relação dos medicamentos com a felicidade.
- 3.2.1 Sente-se feliz?
- 3.2.2 O que é a felicidade? O que é uma pessoa feliz?
- 3.2.3 No que é que pensa quando se fala de felicidade? Quais imagens, quais situações, quais sentimentos?
- 3.2.4 O que é mais importante para a felicidade de uma pessoa?
- 3.2.5 O que pensa que pode fazer para ser mais feliz?
- 3.2.6 O que acha que faz variar a felicidade durante a vida?
- 3.2.7 O que é que lhe traz mais infelicidade?
- 3.2.8 Considera que foi uma pessoa feliz na sua infância e adultez?

Anexo B: Análise das entrevistas: sinopses, históricos, interpretações locais e mensagens

Apresentação: Antónia

3º Ano de Escolaridade, doméstica, 83 anos, viúva, uma filha, está no Lar desde novembro de 2010

Sinopse

Antónia nasceu em Vilar de Rei, sub-região do Alto de Trás-os-Montes. Foi uma das mais novas de 8 filhos, 6 raparigas e dois rapazes. Hoje tem 3 irmãos e irmãs vivos, mas pouco fala com eles. Viveu sem dificuldades, o pai trabalhava nos caminhos de ferro, e por isso a família tinha apoios nas custas da alimentação e outras necessidades diárias. Toda a família estava sujeita a mudar de casa algumas vezes, consoante a construção da linha férrea. A mãe era doméstica de Trás-os-Montes. E o pai era de Lamego. Mas foi em Vilar de Rei que passou sempre a sua vida desde a nascença até à idade em que saiu de casa dos pais.

Todos os seus irmãos tiveram oportunidade de estudar, mas Antónia deixou de estudar no 3º ano de escolaridade, por opção. A sua única irmã que teve uma profissão fora de casa foi a Vera. Esta irmã formou-se como enfermeira (chegou a ser chefe de enfermagem em Aveiro) e mais tarde tornou-se freira. Esta irmã acabou por abandonar o Convento e casar com um seminarista que conheceu durante as funções de enfermagem que exerceu. Antónia refere que os pais deste seminarista eram ricos, e que por isso a irmã teve uma vida confortável, mas nunca deixou de trabalhar. Conta que a irmã como enfermeira fez «fortuna», porque todos os vizinhos recorriam a ela quando não se sentiam bem. O seu irmão António, foi para a tropa, mas morreu precocemente em França. Antónia desconhece a causa. Teve outro irmão, que fugiu para o Brasil, para evitar a tropa. Este ficou no Brasil até hoje e trabalhou numa mercearia. A sua irmã Adelaide estudou até ao 4º ano de escolaridade e foi doméstica. A sua irmã Glória sempre foi doente, e depois de casar foi dissuadida de ter uma profissão. A Laurinda e a Maria à semelhança da sua irmã Adelaide também foram domésticas, trabalhavam em casa. Antónia também nunca teve uma profissão, foi doméstica. Todas as suas irmãs que

foram domésticas, incluindo a própria Antónia, foram sujeitas a aprender a fazer renda, crochet e trabalhos de costura, todos os trabalhos eram para benefício da família.

A mãe era muito rígida na educação religiosa, principalmente das raparigas. A família, exceto o pai, ia todos os domingos à missa. Com 14 anos saiu de Vilar de Rei para ir morar com a irmã mais velha, Laurinda, em Lisboa. E foi nesta cidade, durante as festas de Santo António, que conheceu aquele que viria a ser o seu marido. Antónia foi a penúltima das filhas a casar, depois de ter saído de casa (foi morar para Campolide) viu a sua mãe ficar muito isolada em Vilar de Rei. Então aos 19 anos tomou a decisão de levar a sua única filha para Vilar de Rei para que a sua mãe a criasse até aos 5 anos, enquanto Antónia, no início da sua vida de casada se mudava para Beja.

Na verdade Antónia, chegou a ter duas filhas gémeas mas só uma sobreviveu (uma das filhas faleceu passados 15 dias).

O homem com quem casou, era também filho de pais ricos, tinham herdades, e por isso, nenhum dos dois, nem Antónia e nem marido, precisavam de trabalhar nessa altura. Já em Beja dedicaram-se à vida do campo. Neste tempo, quando as pessoas casavam entre si, o Estado dava uma espécie de subsídio. Antónia disse que não era muito, mas naquele tempo era alguma coisa.

Quando Antónia tinha 31 anos recebeu a notícia do falecimento do seu pai. Não sabe da causa, mas chegou a estar acamado. A sua mãe depois da viuvez mudou-se para casa de uma das filhas, Vera, a ex-freira.

Em Beja, Antónia, o marido e a filha viveram mais de 20 anos. A sua filha no início da idade escolar volta a viver com ela e com o seu marido em Beja. Formou-se em preparadora de análises. Trabalhou durante pouco tempo, depois ficou como doméstica depois de casar. Depois da filha casar e sair de casa, Antónia ficou incumbida de criar o primeiro neto, e quatro anos depois o segundo.

No início da idade escolar dos netos, Antónia e o marido mudam-se para Lisboa. Diz que se sentia muito isolada em Beja. Mudam-se novamente para Campolide onde ficam a viver, mais 20 anos. O marido de Antónia arranja trabalho na empresa UCAL, como coordenador de serviços. Durante a vida de casada ia muito ao Teatro, ao Cinema, jantar e almoçar fora, tinha empregada doméstica em casa, levantava-se tarde. A vida de casada foi feliz, o marido chegou a levar-lhe o pequeno-almoço à cama, andavam

sempre juntos. Antónia considera que o marido era um santo. Não tem fotos do marido no quarto, prefere guardar no álbum. Os seus passatempos, enquanto o marido trabalhava, passavam por ver televisão, ouvir telefonia, fazer crochet. Hoje em dia gosta de ler orações.

O marido fumava 2/3 maços de tabaco por dia. Já perto da idade da reforma começou a ter muitas dores de pernas. Antónia não se recorda do nome da doença, mas sabe que o marido teve de amputar as duas pernas, entrando numa espiral depressiva. Foi para um Lar perto do Liceu Maria Amália, porque o apartamento onde viviam em Campolide não tinha estrutura para ter uma cadeira de rodas a circular. Antónia lembra-se de o ir ver ao Lar, todos os dias a pé. Um dos dias ao despedir-se em mais um dia de visita, o marido sentiu-se mal. As auxiliares chamaram o 112, levaram-no para o Hospital e no dia seguinte de manhã encontrou-o ainda vivo mas mais debilitado, falava baixinho. Chamou pelo genro porque queria dizer-lhe algo, mas não conseguiu transmitir o que queria, Foi assim o último dia que Antónia viu o marido com vida. Nessa altura Antónia era já utente da Instituição onde agora vive, recebia o almoço em casa, um dos serviços disponíveis do apoio domiciliário. Depois de ficar viúva, mais ou menos há 5/6 anos atrás, a filha convida a mãe a viver com ela, mas a relação entre ambas é conflituosa, sempre foi. A relação deteriorou-se principalmente depois do casamento do segundo neto. Antónia pediu à filha que lhe arranjasse um Lar. Depois de entrar no lar, voltou a visitar a sua casa duas vezes, concorda que lhe traz tristeza, pergunta «o que é que eu vou lá fazer?»

O resultado dos anos de convivência com os netos nasceu uma grande amizade e ligação afetiva com Antónia, e que é mantida até hoje. Os netos visitam-na com frequência, o mesmo não acontece com a filha e com outros elementos da família, inclusivamente os irmãos. Sabe que 3 estão vivos, um no Brasil, a Vera que ainda vive em Aveiro e a Adelaide que não saiu de Trás-os-Montes, e sempre foi doméstica.

A vinda para o Lar veio a ocorrer no final de 2010, antes de vir esteve uns meses noutro Lar perto do Cristo-Rei, ficava muito longe, e era «de uma amiga da minha filha (...) aceitei porque não sabia a lonjura». Mas dizia à filha, «eu queria ir para o Lar do Senhor Padre». Considera que a vinda para o lar foi um ganho e uma perda ao mesmo tempo, ganhou por um lado, porque vê os netos mais vezes do que quando estava no outro Lar.

Diz que se sente feliz no Lar porque quando estão empregadas «2 ou 3 mais novinhas, eu farto-me de rir com elas e elas fartam-se de rir comigo».

Admite que não se adaptou muito bem no início à instituição onde reside atualmente, porque entrou em conflito com uma colega que a “atraiçooou”. Esta colega, um dia comentou com Antónia sobre a sua vontade em fazer dieta, Antónia concordou, principalmente porque esta colega era capaz de comer 3 e 4 carcaças ao pequeno-almoço, a colega levou a mal e não se falam até hoje. Este conflito trouxe muitos dissabores a Antónia dentro do Lar porque a colega tornou-se uma pessoa amarga, mal-dizente e alimentou boatos sobre Antónia e a sua família. Antónia diz que não a perdoa e não suporta sequer a sua presença. Tenta afastar-se da presença dela ou ignorá-la.

A fase da vida que considera ter sido mais feliz foi os últimos anos de casamento. Considera que com o marido viveu um grande amor, e só se é feliz com outra pessoa. Hoje diz que só é feliz a pensar nos seus netos, «é isso que me alivia». Quando pensa numa pessoa feliz, pensa numa pessoa com saúde, que não precise de ninguém «para coisa nenhuma», e que «tire o suficiente para viver, sem pedir nada a ninguém ... é isso que eu acho que tenho ... até ao dia de hoje, sou muito feliz a esse respeito». Sobre as imagens de felicidade, diz que pensa muitas vezes que podia ter tido uma vida melhor, pensa sobretudo no falecimento do marido. «O meu marido era tudo na vida»

O mais importante que já realizou foi ter ajudado a criar os netos.

O que falta realizar é ver a filha a falar com um dos netos (a filha deixou de falar com o neto mais velho há algum tempo, por causa de pequenos mexericos).

Antónia diz que não há nada que a chateie mais do que as «focas que elas fazem umas com as outras (...) é uma coisa mesmo estúpida».

Antónia diz que é o maior desgosto que leva quando morrer é a sua filha ter relações cortadas com o seu neto. Disse à filha que «amor de mãe só há um», mas a filha não aceita. Acha que a filha é seletiva e snobe, aceitando as pessoas conforme os rendimentos ou o estatuto profissional. Um dia de discussão acesa com a filha, em casa desta, a filha quis pôr a mãe na rua. Antónia pede segredo em relação a este assunto. No entanto a filha, telefona à mãe quase todos os dias.

Pensa que a velhice só é uma fase tranquila da vida das pessoas se estas não tiverem problemas de saúde. Antónia é diabética, ouve mal, vê mal e tem artroses. Consegue ler, mas escrever não, mas ainda é capaz de assinar o seu nome. Era autónoma até há pouco tempo, mas atualmente por causa das tonturas, as auxiliares ajudam-na a tomar banho. Pensa que as batalhas que ainda tem a enfrentar é ver os bisnetos crescerem. Não considera a morte uma batalha, porque é uma coisa que deseja. Diz que já não tem razões para viver porque os netos e a filha estão criados, e já não precisam dela para nada. No entanto, o neto mais velho visita-a quase todos os fins de semana.

Diz que às vezes sente-se sozinha e aborrecida, porque está sozinha no Lar, porque não tem ninguém de família e por causa da saúde não pode participar em muita coisa, como por exemplo as atividades de costura do Centro de Dia. No entanto a solidão sentiu-a quando enviuvou.

Quando era nova tinha muitas vezes a visita de amigos, ligavam-lhe a perguntar se fazia ao almoço. Quando ia ao Teatro e ao Cinema ia só com o marido, mas as visitas dos amigos recebia muitas vezes. De entre todos os utentes, considera que não há nenhum que considere amigo, porque há muitas pessoas que em termos de saúde estão piores que a Antónia e muitas vezes não conseguem conversar. Os que estão mais ou menos lúcidos e autónomos, não têm afinidade com Antónia. Considera uma empregada, a sua melhor amiga dentro do Lar.

Sobre se a sua pensão é a suficiente para viver diz que não sabe, «quem tratou disto foi a minha filha (...) a minha filha é que está entregue ao dinheiro... a um... a outro está o meu genro... o meu genro vem pagar (...) nunca me disseram quanto é que era nem quanto é que deixa de ser (...)».

Antónia considera tomar muitos comprimidos por dia, e descreve a toma terapêutica diária sem hesitar: de manhã toma «logo» 2, depois com «o café» toma 4, depois ao almoço toma 2, toma 5 ao jantar e por fim toma 2 antes de deitar, num total de 15 comprimidos. Diz que «...não me sinto nem melhor nem pior (...)». Toma comprimidos ainda do tempo dos médicos que teve e que já faleceram, toma porque «olhe, põe-mos ali...».

Sobre a adaptação ao Lar, disse que no início não se adaptou, porque depois de fazer uma amiga, esta traiçooou-a «(...) por causa daquela senhora ... traiçooou-me (...)».

Apesar de tudo diz que aqui «(...) sinto-me feliz, quando elas estão umas duas ou três assim mais novinhas, farto-me de rir com elas e elas fartam-se de rir comigo (...)».

A definição de uma pessoa feliz resume-a no campo da saúde e autonomia financeira, « (...) uma pessoa feliz é ter saúde, não precisar de ninguém (...) que é o que tenho graças a Deus, sou muito feliz a esse respeito e sou ainda, agora daqui p'ra diante (...)». Apesar disso diz que a pede muitas vezes a morte « (...) elas às vezes até ralham comigo... quando Deus quiser é favor levar-me (...) ninguém precisa nada de nada de mim (...)».

Antónia considera que « (...) podia ter tido outra vida melhor, não tive porque Deus não quis (...)» referindo-se à morte prematura do marido, porque este era “tudo” na sua vida.

Histórico

Viveu sem dificuldades, o pai trabalhava nos caminhos de ferro, e por isso a família tinha apoios nas custas da alimentação e outras necessidades diárias. Toda a família estava sujeita a mudar de casa algumas vezes, consoante a construção da linha férrea.

Antónia saiu com 14 anos saiu de Vilar de Rei para ir morar com a irmã mais velha em Lisboa.

Foi em Lisboa que conheceu aquele que viria a ser o seu futuro marido, conheceram-se durante as festas de Santo António. O homem com quem casou, era filho de pais ricos, tinham herdades, e por isso, nenhum dos dois, nem Antónia e nem marido, precisavam de trabalhar nessa altura.

Antónia foi a penúltima das filhas a casar, nessa altura, viu a sua mãe ficar muito isolada em Vilar de Rei. Então aos 19 anos tomou a decisão de levar a sua primeira e única filha para Vilar de Rei para que a sua mãe a criasse até aos 5 anos, enquanto Antónia, no início da sua vida de casada se mudava para Beja. Já em Beja dedicaram-se à vida do campo. Em Beja, Antónia, o marido e a filha viveram mais de 20 anos.

Quando Antónia tinha 31 anos recebeu a notícia do falecimento do seu pai. Não se soube a causa, mas sabe que chegou a estar acamado. No início da viuvez a mãe de Antónia muda-se para Aveiro, para casa de uma irmã de Antónia. Estava a sua filha no

início da idade escolar, é então que Antónia decide que esta deveria voltar a viver com os pais.

A filha cresceu em Beja. Depois de a filha casar e sair de casa, Antónia ficou incumbida de criar o primeiro neto, e quatro anos depois o segundo.

No início da idade escolar dos netos, Antónia e o marido mudam-se para Lisboa. Diz que se sentia muito isolada em Beja. Mudam-se novamente para Campolide onde ficam a viver, mais 20 anos. O marido de Antónia arranja trabalho na empresa UCAL, como coordenador de serviços.

Já perto da idade da reforma, o marido começou a ter muitas dores de pernas. Antónia não se recorda do nome da doença, mas sabe que o marido teve de amputar as duas pernas, fazendo-o entrando numa espiral depressiva. Foi para um Lar perto do Liceu Maria Amália, porque o apartamento onde viviam em Campolide não tinha estrutura para ter uma cadeira de rodas a circular. Antónia lembra-se de o ir ver ao Lar, todos os dias a pé. Um dos dias ao despedir-se em mais um dia de visita, o marido sentiu-se mal. Veio a falecer no dia seguinte no hospital. "... falava baixinho...".

Depois de ficar viúva, a filha convida a mãe a viver com ela, mas a relação entre ambas é conflituosa, sempre foi. A relação deteriorou-se principalmente depois do casamento do segundo neto. Antónia pede para ir para um Lar, esteve noutra Lar antes de vir para o atual. A questão aqui envolvida diz que foi apenas de proximidade geográfica.

A vinda para o Lar veio a ocorrer no final de 2010, antes de vir esteve uns meses noutra Lar perto do Cristo-Rei, ficava muito longe, e era "... de uma amiga da minha filha (...) aceitei porque não sabia a lonjura...". Mas dizia à filha, "... eu queria ir para o Lar do Senhor Padre...". Considera que a vinda para o lar foi um ganho e uma perda ao mesmo tempo, ganhou por um lado, porque vê os netos mais vezes do que quando estava no outro Lar.

Admite que não se adaptou muito bem no início à instituição, porque entrou em conflito com uma colega. Tenta afastar-se da presença dela ou ignorá-la. Diz que às vezes sente-se sozinha e aborrecida, porque está sozinha no Lar, porque não tem "ninguém de família" e por causa da saúde não pode participar em muita coisa, como por exemplo as atividades de costura do Centro de Dia. No entanto, a verdadeira solidão sentiu-a quando enviuvou. De entre todos os utentes, considera que não há nenhum que

considere amigo, porque há muitas pessoas que em termos de saúde estão piores que a Antónia e muitas vezes não conseguem conversar. Os que estão mais ou menos lúcidos e autónomos, não têm afinidade com Antónia. Considera uma empregada, a sua melhor amiga dentro do Lar.

A definição de uma pessoa feliz resume-a no campo da saúde e autonomia financeira, diz que a este nível é muito feliz, no entanto pede a morte a Deus muitas vezes porque «(...) ninguém precisa nada de nada de mim (...)».

Interpretação Local

Educação Religiosa: Apesar de referir idas regulares à missa na infância, Antónia não destaca esta questão de forma particular, à exceção do prazer que tinha em ler livros com orações, quando tinha ainda alguma saúde ocular.

Vida sem profissão: Nunca trabalhou fora de casa nem nunca aprendeu um ofício ou exerceu uma profissão. Apesar de ter sido ensinada a fazer a lida da casa, e ter aprendido com a mãe e as irmãs mais velhas a fazer crochet, durante a sua vida de casada chegou a ter empregadas de limpeza. Confeccionava também refeições para os amigos e nos seus tempos livres manteve o hábito de fazer crochet.

Habilitações: Considera que o terceiro ano de escolaridade foi suficiente, não continuou os estudos por opção apesar de lhe ter sido dada essa liberdade por parte dos pais.

A questão do dinheiro: Foi abordada de forma frequente a questão do dinheiro, algumas vezes como uma questão positiva e outras vezes como uma questão negativa.

Diz que os pais do marido eram ricos e que por isso, este no início da sua vida de adulto e de casado não tinha necessidade de trabalhar. Os pais do marido tinham herdades com cavalos. A situação financeira dos pais do marido permitiu a Antónia ter uma vida confortável, preenchida com atividades lúdicas como ir ao teatro, cinema e tomar refeições fora de casa. Recorda que na sua vida de casada bastava dizer ao marido que gostava de ter alguma coisa e este sempre a motivou a comprar.

Refere-se algumas vezes de forma negativa à filha por esta valorizar o estatuto social das pessoas, nomeadamente aquele que advém das profissões importantes e do poder oferecido pelo dinheiro. Considera que uma das razões que levam a filha a não falar

com o seu neto tem que ver com o facto de esta não aceitar o estatuto social da nora. Antónia diz que não foi assim que a criou, pois considera que as pessoas se devem relacionar entre si independentemente da profissão que tenham e de terem dinheiro ou não.

Fala dos irmãos, referindo-se também às profissões, à vida social, à geografia das suas habitações. Valoriza a irmã que mora em Aveiro e que ganhou o dinheiro que quis com a enfermagem.

Não sabe o valor da sua pensão nem o valor da mensalidade que paga na instituição, mas diz que para si o dinheiro não é problema, porque não sente necessidade de comprar nada, e que dentro da instituição tem liberdade para consumir. Diz que o conselho da filha é Antónia não precisar de andar com dinheiro na mala. Diz que a filha “está entregue ao dinheiro” assumindo juntamente com o genro o compromisso do pagamento da mensalidade do Lar e de todas as despesas extras de Antónia.

Considera que uma pessoa feliz é aquela que tem saúde e autonomia financeira para não pedir nada a ninguém, nem dever nada a ninguém.

A questão da morte: Diz que pede muitas vezes a morte, porque já ninguém precisa dela.

Diz que não quer morrer sem ver a filha e o neto fazerem as pazes.

Gostava de ver os bisnetos crescerem antes de morrer.

Infelicidade: Refere-se com frequência a “fofocas” e “coscuvilhices” engendradas pelos outros utentes do Lar sobre si. Aborda este assunto como sendo a vítima de algo. Não se considera uma pessoa conflituosa como dizem, diz que não fala com ninguém, nem ouve as conversas de ninguém, só queria que a deixassem sossegada.

Fala também do conflito entre a filha e o seu neto como fonte de infelicidade, diz que antes de morrer quer vê-los a fazer as pazes.

No início não se adaptou ao Lar porque além de ter “estranhado as pessoas”, foi atraída por uma utente do Lar que considerava amiga, depois de Antónia lhe ter dito que não devia comer tanto, esta utente começou a criar boatos contra si e contra a sua filha, inclusivamente sobre o adultério cometido pela sua filha, algo que Antónia

condenou como sendo falso. Diz que não pode ver esta utente à frente, no entanto têm de tomar ambas, todas as refeições do dia à mesma hora e no mesmo espaço.

Conflitos e rede social: Ao longo da entrevista aborda com frequência a questão dos conflitos familiares e com os outros utentes do Lar.

Fala do conflito com a filha, referindo que nunca se deram bem, não aprofunda as razões, mas conta que parte da infância da filha foi passada com a avó desta, mãe de Antónia.

Destaca também o conflito entre a filha e o neto, como sendo algo que quer ver resolvido antes de morrer. Identifica que uma das razões deste conflito se prendem com o facto de a filha não gostar do estatuto social da nova nora. Antónia diz que não criou a filha desta forma, que se deve gostar das pessoas independentemente de estas terem profissões importantes ou não e de terem posses ou não.

Antónia discursa sobre uma das razões que pôs em causa a sua adaptação ao Lar, referindo-se ao conflito com uma colega no Lar com quem cortou relações depois de Antónia lhe ter dito que esta não devia comer tanto.

Fala também das “fofocas” e “coscuvilhices” com os utentes do Lar como um assunto que a incomoda e do qual é vítima. Não se considera uma pessoa conflituosa como dizem, diz muitas vezes que não fala com ninguém, nem ouve as conversas de ninguém, só queria que as pessoas a deixassem sossegada.

Felicidade: Considera que uma pessoa feliz é aquela que tem saúde e autonomia financeira para não pedir nada a ninguém, nem dever nada a ninguém. Antónia considera ainda que ainda reúne estas duas condições, diz que a este nível se considera feliz, apesar de muitas vezes elaborar um discurso depressivo, de vitimização e de “não ter ninguém”.

Refere-se aos netos como sendo fonte de felicidade, dizendo que existe com estes uma grande ligação afetiva, que se criou depois de Antónia os ter “criado” até ao início do percurso escolar.

Mensagem

Antónia tem uma família marcada com conflitos e ruturas nas relações. Começou por entregar a sua filha com poucos anos de vida aos cuidados da sua mãe, mesmo depois de ter perdido uma filha gémea com 15 dias de vida. Refere que desde sempre teve uma relação conflituosa com a filha. Di-lo a sussurrar e pede segredo. Antónia não relaciona a pouca convivência com a filha na infância com os conflitos que tem tido com esta ao longo da vida, apesar de uma geração depois ocorrer a mesma situação entre a filha e o neto. Antónia tem muitas vezes um discurso com duas faces: diz que é feliz no Lar porque ainda tem alguma saúde e estabilidade financeira que lhe permite viver “sem pedir nada a ninguém”; sente-se amada pelos netos; gosta de estar no Lar porque algumas empregadas se “fartam de rir” com ela. Por outro lado, apresenta um discurso depressivo, referindo que vive num sítio onde “não tem ninguém”, que deseja muitas vezes a morte porque já não faz “falta a ninguém” e que sente a falta do marido. Antónia não se diz mal-amada, mas existem algumas situações que podem ter tornado Antónia numa pessoa frustrada: o marido foi a pessoa em quem Antónia mais investiu na sua vida, referindo que este era “tudo” e que “andávamos sempre juntos”, mas desapareceu cedo demais e que apesar de todo o conforto presente ao longo da sua vida, refere que podia “ter tido uma vida melhor”.

Apresentação: Isabel

Sem escolaridade, trabalhadora do campo, 87 anos, viúva, duas filhas, está no Lar desde julho de 2011

Sinopse

Isabel foi nascida e criada em Cótimos, Concelho de Trancoso (Beira Interior Norte) numa casa pequena por onde em tempos passaram os Mouros. Afirma que naquele tempo era como agora, vivia-se com “poucos dinheiros”. Foi uma das mais novas de seis irmãos, quatro dos quais faleceram prematuramente. O José e a Mariana faleceram com dois ou três anos de idade, a Aida faleceu com Meningite aos dezassete anos e a Berta com cancro dos pulmões quando tinha pouco mais de vinte anos. Viveu grande parte da infância com os irmãos, Augusta e Vasco. Destes irmãos, foi a única que não foi à escola. O pai começou a leva-la para o trabalho de campo diariamente quando tinha treze anos, não permitindo que esta se tornasse letrada porque na sua opinião as mulheres não precisavam de saber ler, algo que Isabel lamenta agora na velhice. O pai foi sempre amigo dos filhos, porque apesar de os fazer trabalhar, nunca lhes bateu. Veio a falecer de doença súbita e desconhecida quando Isabel tinha dezassete ou dezoito anos de idade. Lembra-se de o ver muitas vezes com dores de barriga. A partir desta altura começou a trabalhar sozinha com um burro e uma vaca, dando continuidade ao que fazia em conjunto com pai, plantava batatas, trabalhava na vinha e nos olivais. A mãe era uma mulher de casa, gostava mais de cozinhar e os irmãos nunca foram ensinados a trabalhar a terra. No mesmo ano da morte do pai, enquanto cavava batatas, Isabel cegou do olho esquerdo depois de ser atingida por um pedaço de aço da enxada. E nesse mesmo ano, toda a família (nessa altura, composta pela mãe e os dois irmãos, Augusta e Vasco) mudaram-se para casa da sua madrinha de batismo, Maria da Purificação. A madrinha veio a tornar-se uma pessoa que exerceu grande influência na sua vida. Era uma mulher com posses, ofereceu melhores condições de habitação à família, e apesar de se dar com “fidalgas” era uma pessoa muito generosa e discreta no ato de dar. Deu o nome e foi também madrinha de batismo das filhas de Isabel. Essa madrinha enviuvou jovem, os únicos homens com quem se dava eram sobretudo Padres, sempre os recebeu em sua casa em bons almoços e jantares. E Isabel sempre adorou esse convívio porque acha que sempre lhe deram bons conselhos. A família ia à missa regularmente e lembra-se de comungar desde sempre.

Gostava muito dos bailaricos de domingo, mas tinha que fugir da madrinha para poder participar neles. Foi lá que ganhou dois pretendentes, um rico e um pobre. Diz que decidiu ficar com o pobre porque gostou mais dele. Rogério, um dos pretendentes veio a tornar-se o seu marido. Um dia antes do casamento perguntou-lhe, se pelo menos naquele dia não tinha direito a um beijo. Isabel deu-lho. Casou com vinte e tal anos, e fez vida de casal na casa dos seus pais, de onde tinha saído alguns anos antes. A madrinha não queria que Isabel se casasse, e numa espécie de compensação Isabel decidiu convidá-la para madrinha de casamento. Esta só aceitou na condição do padrinho ser um Padre. E assim foi, o Padre Mosquita casou Isabel e Rogério, e foi em simultâneo padrinho de casamento.

Nos primeiros anos de casamento o marido foi para França trabalhar durante dois anos, já tinham as duas filhas nascidas, durante este tempo Isabel nunca parou de trabalhar no campo e ajudar a mãe e a madrinha. Era mais o tempo que passava na casa da madrinha do que na sua. Nesta altura, a mãe com setenta e cinco anos de idade, sofreu uma trombose, ficou acamada durante nove semanas até falecer. Isabel foi a principal cuidadora da mãe, alimentou-a e fez-lhe a higiene até aos momentos finais. Com um ano de diferença, faleceu a madrinha com cancro no fígado, diz que minutos antes da madrinha falecer, estava no campo a trabalhar, e sentiu “o coração a bater”, foi a correr para casa, e perguntou-lhe se podia fazer alguma coisa por ela, a madrinha pediu-lhe ameixas, Isabel diz que não havia naquela altura do ano, e a madrinha fechou os olhos.

O marido voltou de França antecipadamente, porque, em termos de trabalho, não correu como esperava. Quando chegou a Portugal continuou a trabalhar com Isabel, nas terras de família e também por conta de outrém. O casamento não foi infeliz, o seu marido nunca lhe bateu, mas «mais para o fim» começou a fumar e a beber muito, mas quando o encontrava assim, Isabel não falava e assim evitava-se «arrelias». O marido veio a aparecer morto eram 22:00 horas do dia 5 de novembro na serração, depois de ter estado todo o dia a carregar e a descarregar tratores de madeira. As filhas ainda eram menores de idade. Isabel ficou sem tino, quando a vieram chamar saiu para a rua com a saia vestida ao contrário e por cima da camisa de dormir.

Considera que a sua infância tenha sido pobre porque os pais e os irmãos viviam praticamente do que a terra dava. Mas depois melhorou, assumindo o papel de principal responsável por essa mudança na família. Na altura em que a madrinha faleceu já tinha

algum dinheiro acumulado. Pagou os estudos à filha mais nova, a mais velha não quis estudar.

Pensa que trabalhou muito, e atribui à profissão os males do corpo dos quais padece hoje, sobretudo dores de pernas tão fortes que às vezes apetece-lhe chorar. Acha que se fosse hoje, não trabalhava tanto, levava a vida menos preocupada porque diz que teve tudo para agora não ter nada. Apesar das terras continuarem no mesmo sítio, e de ainda lhe pertencerem, estão ao abandono, porque ninguém as quer. Sente que foi um trabalho perdido, mas conforta-se dizendo que um dia vai ser tudo das filhas. Só pede para voltar à terra, no dia em que morrer, porque é lá que quer ser enterrada.

Na altura que se reformou, não se lembra com que idade, já tinha ajuda do Serviço de Apoio Domiciliário da aldeia para a ajuda nas suas AVD²⁸. Sentiu uma grande tristeza quando as filhas modificaram a casa, e relaciona esse facto com o AVC que sofreu no ano 2000, este era um dia de vindimas. Sentiu-se mal e telefonou à filha mais nova, que vive na Amadora. A filha chamou a vizinha e esta por sua vez, chamou a ambulância, Isabel foi levada para o Hospital da Guarda, onde esteve internada dois ou três dias. A filha mais nova trouxe a mãe para sua casa, na Amadora, também com Apoio Domiciliário, mas diz que nessa altura não estava com os seus cinco sentidos e tratou mal a filha, parecia que não era ela que estava ali, pediu à outra filha mais velha, que a levasse para França, porque a filha mais nova a estava a tratar mal, mas não era verdade. Ambas as filhas sempre fizeram tudo pela mãe. Passou mais de um ano em França na casa da filha mais velha, e nesse tempo que lá passou, a filha mais nova ficou encarregue de procurar um Lar à mãe, a pedido da própria.

Ainda se lembra que o dia da entrada no Lar, foi uma segunda-feira. O passado diz que o perdeu, não tem remédio, se soubesse o que sabe hoje não teria trabalhado com o ritmo que trabalhou, mas acredita que “Nosso Senhor” a vai ajudar. O maior feito que fez foi ter conseguido ganhar e manter as terras onde trabalhou toda a vida, para as deixar às filhas como recordação. A memória mais feliz que tem foi o nascimento das filhas. A memória mais triste foi ter assistido à má sorte de outros dentro do Lar, refere-se aos idosos que não podem falar, andar e comer sozinhos. E sempre que pode, ajuda-os. É da opinião que a tranquilidade na velhice só será uma realidade se houver saúde. A

²⁸ Atividades de Vida Diária: são aquelas que estão relacionadas com o autocuidado (levantar-se, vestir-se, caminhar, alimentar-se, realizar a higiene pessoal, etc.) e mobilidade, que permitem ao indivíduo viver sem necessitar de ajuda.

batalha que ainda tem a enfrentar considera ser apenas uma: a morte, pede a “Nosso Senhor” para aparecer no outro mundo sem saber quando.

Isabel nunca sentiu solidão porque as filhas sempre olharam por ela, apesar de achar nunca ter tido sorte na vida, e para o justificar, relembrou a morte do pai, o episódio em que ficou cega do olho esquerdo, a morte da mãe, da madrinha, do marido, da irmã e do sobrinho. Chegou ao Lar há quase dois anos mas não tem a certeza, adaptou-se de imediato ao Lar porque sempre se sentiu bem desde o início, não está na sua terra, mas está em Portugal. Apesar da adaptação, considera que não fala com muitas pessoas. Ter qualidade de vida, é a que tem agora, por um lado, não lhe falta nada, por outro, as filhas podem viver as suas vidas da maneira que querem e estão descansadas com a mãe. Sobre a possibilidade de viver com pouco, afirma que Deus é que sabe. Não tem a noção se a sua pensão chega ou não para as despesas, mas não há nada que Isabel gostasse de comprar e que não pudesse adquirir, não há nada em especial que lhe dê prazer comprar. E dos bens que lhe fazem falta para o dia a dia, diz que a filha lhe traz tudo, nomeando uma bisnaga para aplicar na placa dentária, água e kiwis. Tem uma vaga noção da medicação que toma por dia, nomeando dois comprimidos em jejum, três ou quatro ao pequeno-almoço, um comprimido e meio ao meio-dia, dois à tarde e mais alguns à noite, mas não sabe ao certo, faz também “bombas” para compensar a atividade disfuncional de um dos pulmões. E é por isto que tem muita tosse durante a noite. Apesar da medicação, as dores nas pernas tem-las na mesma. Considera também que sempre foi oprimida pela madrinha e viveu sem liberdade, dando o exemplo da sua vontade em ir aos bailes da aldeia e isso não lhe ser permitido à partida. No entanto, diz que os pais que dão a liberdade total aos filhos não sabem educar. Sobre o que lhe traz infelicidade, diz que é pensar na vida da filha mais nova, lembrando-se que não é casada e emociona-se com esse facto, uma vez que esta não tem ninguém que tome conta dela, quando a mãe morrer. É da opinião que as pessoas são mais felizes umas com as outras do que sozinhas, porque quando estão sozinhas estão sempre a pensar e com os outros distraem-se. Considera que nunca na vida foi feliz, a não ser agora no Lar, porque sempre teve uma vida de trabalho. Na infância trabalhou muito e depois de casada diz ter trabalhado a dobrar. Isabel considera que a sua vida acabou, e como tal, a felicidade para si é ter uma morte em que não sofresse nem fizesse sofrer ninguém. Todos os dias pede isto a Deus. As suas imagens de felicidade resumem-se a viver uma morte “Santa” e não há nada mais que lhe agrade.

Histórico

Isabel considera que a sua infância “foi fraca”, começou a trabalhar aos 13 anos “na frente das vacas”. Começou pobre mas depois melhorou, assumindo o papel de principal responsável por essa mudança na família.

O pai começou a leva-la para o trabalho de campo diariamente quando tinha treze anos, não permitindo que esta se tornasse letrada. Este veio a falecer de doença súbita e desconhecida quando Isabel tinha dezassete ou dezoito anos de idade. “... era muito nosso amigo, nunca nos deu uma bofetada nem nada...”

No mesmo ano da morte do pai, enquanto cavava batatas, Isabel cegou do olho esquerdo depois de ser atingida por um pedaço de aço da enxada. “... ninguém sabe do que é que morreu, ele só se queixava da barriga, às vezes estendia-se assim no meio da casa, com dores de barriga...foi quando ceguei (...)e ceguei, foi o ano em que morreu o meu pai.”

A madrinha foi uma pessoa muito influente na sua vida. Depois da morte do pai, Isabel, os irmãos e a mãe mudaram-se para casa da madrinha, que tinha mais “condições”. “... ela disse assim «vinde a viver comigo para eu não estar sozinha» (...) lá fomos a’viver... a minha madrinha não era nada, não tinha emprego nenhum, só tinha propriedades (...) foi uma segunda mãe que tivemos...”

A madrinha recebia muitos Padres em casa, servia-lhes inúmeras refeições. Isabel sempre adorou o convívio com Padres porque acha que sempre lhe deram bons conselhos. A bondade da madrinha, a quem também chama tia, marcou-a: “... a casa tinha uma sala de visitas, uma sala de jantar, outra sala aonde a’comiam os trabalhadores, faça de contas que tinha sempre a garrafa de vinho, uma tigela de azeitonas, e um pão coberto sempre com um pano (...) se entrasse um pobre, fosse pobre fosse a’pedir uma esmola, a minha tia mandava-o entrar e dizia-lhe «senta-te aí» ...”.

Gostava muito dos bailaricos de domingo, mas tinha que fugir da madrinha para poder participar neles. Foi lá que ganhou dois pretendentes, um rico e um pobre. Diz que decidiu ficar com o pobre porque gostou mais dele. “... casei já com 20 e tal anos, a minha madrinha não queria que m’eu casasse...ideia dela... dizia que deixava as coisas para m’eu governar... “. Foi um Padre que casou Isabel e Rogério, e foi em simultâneo padrinho de casamento. O casamento não foi infeliz, o seu marido nunca lhe bateu, mas “mais para o fim” começou a fumar e a beber muito.

A mãe com setenta e cinco anos de idade, sofreu uma trombose, ficou acamada durante nove semanas até falecer. Isabel foi a principal cuidadora da mãe, alimentou-a e fez-lhe a higiene até aos momentos finais. “ (...) morreu primeiro a minha mãe, deu-lhe uma trombose e ficou paralítica de todo, ninguém sabia se estava viva, se estava morta, só se sabia que estava viva pelo paladar da boca (...) lavava-a, vestia-a e fazia-lhe tudo... tenho agora uma filha que me faz a mim o mesmo, ela coitadinha (...) foi assim a minha vida (...)” Com um ano de diferença, faleceu a madrinha com cancro no fígado. “... a morte da minha madrinha também fui eu que a aturei ... só cá andou um ano, uma sem a outra... quando a minha mãe morreu passado um ano morreu a minha madrinha ... não quero que me lembre, tive muita pena da minha mãe, aquele tempo todo, eu dormi no chão ao pé dela (...)” “ (...) quando morreu a minha madrinha, tive muita pena dela, andava eu a sachar batatas, e parece que o coração que me bateu (...) deu-me uma coisa no coração ... porque eu disse assim, ai meu Deus, eu não sei o que é que eu tenho, espetei a sachola na terra e fui a correr ... foi quando ela já estava a acabar...”.

O marido veio a aparecer morto, no final de um dia de trabalho. Estava a trabalhar para outros. Neste dia, Isabel perdeu “o tino”. “ (...) quando berraram por mim, tão longe como daqui aquela porta (faz um gesto com a mão), quando berraram por mim, «oh Isabel anda cá depressa está aqui o Rogério morto», eu depois nem atinava a vestir a saia nem coisa nenhuma... nem quero que me lembre... não estava à espera daquilo... deixou-o lá à porta estendido (...)” Isabel nunca mais pensou em voltar a casar porque considera que um homem é suficiente para se saber o que são os homens: “...Pra quê? Deus que a mim livre, já estava como a minha madrinha... Não chega bem um homem? Um homem chega muito bem pra se saber o que são os homens... O melhor que fez o meu homem foi deixar-me estas ricas filhas pra hoje tomarem sentido de mim.”

Isabel sofreu um AVC no ano 2000. “... eu tinha tudo, elas agora é que estrampalharam a casa (...) depois que morreu já o meu homem, a casa do meio pra baixo ficou, do meio pra cima tiraram-na (...) estava lá uma senhora que disse assim (...) agora a Isabel em vendo a casa deitada abaixo, dá-lhe um fanico (...) foi quando me deu a trombose ... elas pediram-me autorização, e eu disse fazeis o que quiséreis, pra mim chega bem o que tenho ... nunca deixei de trabalhar, morreu-me o homem, eu continuei com a lida à mesma (...) só depois que me deu aquilo é que pronto (...)”.

Chegou ao Lar há dois anos mas não tem a certeza, adaptou-se de imediato ao Lar porque sempre se sentiu bem desde o início, não está na sua terra, mas está em Portugal. Ainda se lembra que o dia da entrada no Lar, foi uma segunda-feira. Considera que a escolha foi sua e é aqui que vai ser o fim da sua vida. Depois morrer quer voltar para a terra que a viu nascer e crescer: "... agora aqui é o fim da minha vida, mas morta não quero cá ficar, quero voltar para a minha terra, tenho lá a campa paga... onde está o meu marido... aqui se Deus Nosso Senhor quiser é que é o meu fim. Não foram elas que quiseram, foi eu que quis... meteram-me nesta casa, nesta casa cá ficarei...".

Interpretação Local

Educação Religiosa: ida regular à missa, convívio frequente com padres, comunhão desde sempre, considera que os padres davam bons conselhos e gostava de conviver com eles.

Trabalho árduo no campo: foi a única dos filhos que trabalhou no campo e a única que nunca foi à escola, começou aos treze anos a trabalhar, e depois de casar, trabalhou a dobrar. Sofre com dores no corpo, o que atribui à vida de trabalho, se soubesse o que sabe hoje não tinha trabalhado tanto.

A questão do dinheiro sempre teve presente na vida de Isabel: nasceu numa família pobre, luta desde os 13 anos até à velhice para viver melhor; teve dois pretendentes, um rico e um pobre, decidiu casar com o pobre; quando a madrinha morreu já tinha algum dinheiro acumulado; sente frustração e tristeza por ver que teve tudo e agora não tem nada; aconselha constantemente a filha mais nova para juntar dinheiro para a velhice para que não lhe falte nada.

A questão da morte: assistiu à morte dos quatro irmãos, do pai, da mãe, da madrinha, do marido. Hoje a maior felicidade seria ter uma morte santa, que não sofresse nem fizesse sofrer ninguém.

Infelicidade: O que mais a entristece é ver outros idosos no Lar a sofrer e ajuda-os quando pode. Também a entristece ver as funcionárias "tão novinhas a trabalharem tanto, é uma vida triste".

Felicidade: Diz que nunca teve sorte na vida, com tanta família a morrer prematuramente e por doença e com o azar de ter ficado cega do olho esquerdo aos 17/18 anos. Isabel diz que também nunca foi feliz, em primeiro lugar porque sempre trabalhou muito e em segundo lugar porque vivia oprimida sem liberdade. Considera que a sua vida já acabou, dela não espera mais nada. Não se alegra com nada. Pede todos os dias a Deus para morrer sem sofrer e sem fazer sofrer ninguém. A maior alegria que podia ter seria “aparecer no outro mundo sem saber quando”.

Mensagem

Isabel, disse-nos que trabalhou muito, e desse trabalho sobraram-lhe apenas as dores no corpo. Melhorou a vida da família, mas a maioria dos seus membros morreram prematuramente, todos por doença: pai, mãe, madrinha, irmãos e marido. Assistiu à morte de todos, mas nunca sentiu solidão, porque as filhas nunca a deixaram. Considera que teve tudo mas agora não tem nada e “o passado não tem remédio”, as terras que conquistou, existem mas sente que não tem qualquer benefício com elas, nem financeiro, porque não tem hoje a noção se a sua pensão paga as suas despesas ou não, nem afetivo, porque dá-lhe tristeza ver as terras ao abandono. Diz que as terras são apenas uma recordação que ficam para as filhas. Assustou-se na altura em que sofreu o AVC, e com o facto de poder ser internada num Lar em França, porque “não compreendia a fala deles”. Por isso hoje está feliz no Lar, porque apesar de não estar na sua terra, diz que pelo menos está em Portugal. Sente-se bem aqui, mesmo que não fale com muita gente e tem pena das funcionárias porque são raparigas novas e trabalham muito, é “ uma vida triste”. Talvez porque se reveja nelas. Considera que a sua vida acabou, e como tal, a felicidade para si é ter uma morte em que não sofresse nem fizesse sofrer ninguém. Todos os dias pede isto a Deus. As suas imagens de felicidade resumem-se a viver uma morte “Santa” e não há nada mais que lhe agrade.

Apresentação: Miguel

Miguel, 79 anos, natural da Beira-Alta, 4º ano de escolaridade, empregado de balcão numa sapataria durante 45 anos, viúvo desde 2007, sem filhos, internado no Lar desde 2010

Sinopse

Miguel tem 79 anos, nasceu numa aldeia na Beira-Alta, em São Cosmado, é viúvo há seis anos, quis internar-se no Lar por sua iniciativa há três anos, altura em que sofria de depressão, diz que o “... Sr. Padre sabe bem como é que eu vinha...”.

Miguel refere-se à sua infância como uma fase marcante da sua vida devido à pobreza a que foi sujeito que muitas vezes incluiu passar fome. Aos 7 anos começou a ser incumbido da tarefa de principal responsável pela sua irmã mais nova durante o dia, enquanto os pais iam para o campo trabalhar. Quando não tinha essa responsabilidade, também ajudava o pai no campo. Miguel até aos 27 anos foi sempre criado na agricultura, tendo sido pastor e guardado animais. É da sua opinião que naquela altura se viveu pior do que se vive hoje, porque existiam guerras. A vida só melhorou quando aos 16 anos começou a ganhar dinheiro.

Miguel teve seis irmãos, dos quais, três faleceram na infância, e o outro faleceu o ano passado de doença oncológica, tinha 80 anos. Dos irmãos que faleceram na infância, um morreu com o tétano, quando depois de ter contraído a doença, foi mal medicado pelo médico da aldeia que andava sempre “bêbado”. Outro morreu com 3 anos de idade ao ser atirado de uma varanda enquanto brincava com outra criança no dia de Carnaval. Outra irmã, morreu com 4 anos afogada num poço. Esta morte marcou Miguel, porque ao tentar salvar a irmã esta morreu-lhe nos braços. Tem ainda outro irmão a viver há muitos anos em Macau, mas perdeu-lhe o rasto. Apenas convive com a irmã que “criou” na infância e têm uma relação de proximidade e amizade, visitando-a todas as semanas na sua casa.

O seu pai faleceu pouco tempo depois do seu irmão que faleceu com o tétano. Miguel foi ao funeral do pai no mesmo dia em que ingressou na tropa.

Miguel durante a infância nunca frequentou a escola, mas com uma iniciativa do regime de Salazar, aos 19/20 anos completou o terceiro ano na escola noturna. Mais tarde aos

22/23 anos, completou o quarto ano de escolaridade, na tropa. Recorda que o seu professor foi um Padre, um homem muito dedicado ao ensino, e que ensinava “coisas” que não faziam parte da 4ª classe.

Saiu de casa da mãe aos 27 anos, reconhece que naquela altura era uma idade acima da média para se sair da casa, mas com a mãe sempre doente, “... não podia governar outra vida...”. No dia em que veio para Lisboa, diz que lhe custou muito, mas deixou a casa “farta” para dar alguma qualidade de vida à progenitora. Dois anos depois de ter vindo para a capital, aos 29 anos, casa-se com uma mulher 10 anos mais velha, sua conterrânea conhecida com quem costumava até então comunicar por carta. Viveu 44 anos de um casamento que diz ter sido muito feliz.

A vida laboral de Miguel em Lisboa, iniciou-se na construção civil, depois esteve durante 6 anos num armazém de tecidos, onde chegou a chefe de secção, posteriormente esteve 45 anos numa sapataria em Campolide. Quando começou a trabalhar na sapataria refere que esta estava moribunda, mas com a mudança de gerência do armazém teve medo de ficar sem trabalho e saiu por sua iniciativa, arriscando ir para a sapataria. Quando começou a trabalhar na sapataria refere que esta estava moribunda por ter um patrão que não pagava a quem devia, apesar de o considerar um homem sério, considera que este se dedicava pouco ao negócio e gastava mais dinheiro do que o previsto por manter uma relação extraconjugal.

Aos 73 anos Miguel ficou viúvo, refere que a mulher foi vítima de um enfarte aos 83 anos, tendo morrido no seu colo no dia 23 de agosto de 2007 às 7h da manhã. Miguel ainda tentou fazer respiração boca-a-boca enquanto aguardava pela chegada do INEM. A morte da mulher foi inesperada, porque Miguel diz que ainda estava na sua vida ativa na sapataria, apesar de nessa altura já receber a sua pensão de reformado. Diz que ficou “meio maluco” e teve o seu primeiro contacto com a solidão.

Pouco tempo depois de ficar viúvo deixou-se seduzir e enganar por uma mulher que o convenceu a emprestar muito dinheiro. Em troca de companhia e trabalhos domésticos, Miguel pôs as poupanças de uma vida em risco. Essa mulher contou-lhe histórias de pobreza na sua vida, pediu ajuda e Miguel “contratou-a”. Miguel refere que a sua sorte foi ter salvado algum desse dinheiro no dia em que veio para o Lar.

No dia em que entrou no Lar, já estava inscrito há cerca de um ano, conhecia o presidente da instituição desde o tempo em que foi Padre em Campolide. Diz que a adaptação foi difícil, muito devido aos acontecimentos antecedentes na sua vida, a viuvez, o roubo, a depressão, foi nestas condições que Miguel foi admitido. No primeiro ano de estadia, não saiu do quarto. Hoje sente-se integrado e bem acompanhado e tenta até colaborar voluntariamente ajudando outros utentes em pequenas tarefas, como por exemplo, fazendo o transporte de utentes em cadeira de rodas para a capela.

A felicidade para si não é uma questão de riqueza nem de fortuna, mas sim de "... a vida correr bem...", é a pessoa ter mais coisas a favor dela do que contra ela. Diz que não tem maior felicidade do que estar no Lar porque agora é a sua casa, embora refira que há sempre uma tristeza patente porque apesar de se sentir feliz dentro da sua cabeça há sempre "aquela coisa que não sai".

Sobre o facto de não ter filhos, diz que a mulher chegou a estar grávida mas sofreu um aborto espontâneo e depois começaram a "a evitar". Diz que teve pena, mas que atualmente não pensa muito nisso porque os filhos "... é uma questão de sorte, há filhos bons e há filhos maus...", além disso sente-se bem acompanhado pela irmã e pelos sobrinhos pelos quais diz existir um carinho recíproco.

Diz que aceita o passado, incluindo os momentos maus porque "há quem tenha pior".

O mais importante que realizou foi sempre ter tratado bem a mulher. Nunca a traiu, diz que "tentações há muitas" mas virou-lhes as costas.

O que lhe faltou fazer foi ter comprado uma casa, diz que comprou casas para os outros e não comprou para si.

Diz que se orgulha de ter tido um patrão que confiou "tudo" em si e do bem que tem feito à família. Tem pena que a vida seja feita de interesses, referindo-se a dois sobrinhos que acredita o terem deixado de visitar por terem perdido benefícios de ordem financeira da parte de Miguel.

As suas imagens de felicidade têm que ver com Igrejas, as Capelas e as imagens religiosas em geral. Todos os dias de manhã vai a uma Igreja, tenta variar e não visitar sempre a mesma. Foi nas Igrejas que passou tempo com as pessoas que mais lhe foram

queridas, a mãe, que era uma mulher “muito católica” e que transportava consigo sempre um Rosário e a mulher.

A memória menos feliz que tem foi ter perdido “... muita família” e sentir-se um homem só.

Considera que a velhice é “outra vida” e que de modo nenhum se pode considerar uma fase tranquila da vida das pessoas, pelo menos para si, porque se sente fora da sociedade.

Não tem planos para o futuro, nem batalhas a enfrentar. Refere que se tivesse que viver da sua reforma fora do Lar viveria mal. Não tem desejos de compras, nem necessidade de nada. Atualmente toma três comprimidos por dia, diz que já tomou mais e que foi cortando por sua iniciativa. Diz que se sente muito melhor. A morte não o preocupa porque chega sem aviso prévio, e além disso considera ser natural que tudo o que nasça, morra, porque a morte faz parte da vida.

É da opinião que uma pessoa pode conseguir ser feliz sozinha ou acompanhada, desde que haja adaptação a ambas as situações. E sobre a qualidade de vida refere que viver bem é viver com saúde, paz, sossego e sem pesos na consciência de ter feito mal a alguém.

Miguel é da opinião que foi mais difícil a sua adaptação ao Lar, pela sua condição de saúde, por isso Miguel diz que as pessoas que vão para Lares sem condições sofrem mais porque além dos problemas que trazem e da mudança de vida à qual foram sujeitas têm de lidar com as adversidades do novo contexto habitacional.

Encarou a entrada no Lar como quem se entrega num Seminário “... eu vim pra’qui pra me entregar aqui como quem vai para um seminário ou outra instituição do género... o resto acabou... as minhas coisas acabaram todas...”.

Histórico

Miguel refere-se à sua infância como “... muito, muito marcadora e muito pobrezinha...”. Aos 7 anos tomou conta da irmã enquanto os pais iam para o campo trabalhar, “eu é que a criei”. É da opinião que as pessoas “...agora não sabem o bem

que têm, naquele tempo ninguém dava nada, nada, nada a ninguém, foi pior naquele tempo, muito pior, mas muito pior... tudo... não havia de comer, não havia... eu passei dias sem comer um bocadinho de pão...”. A vida só melhorou quando aos 16 anos começou a ganhar dinheiro.

Miguel teve seis irmãos, dos quais, três faleceram na infância, e o outro faleceu já idoso com 80 anos, o ano passado de doença oncológica. Dos irmãos que faleceram na infância, um morreu com o tétano, quando depois de ter contraído a doença, foi mal medicado pelo médico da aldeia que andava sempre “bêbado”. Esta morte levou a que o seu pai desenvolvesse uma doença que não sabe o nome “...o meu pai morreu mais depressa e declarou-se-lhe a doença mais depressa, depois de lhe ter morrido aquele filho com o tétano... porque era o criadinho dele... caiu à cama, foi-se abaixo, nunca mais se levantou praticamente... com a saudade do filho...”. Outro morreu com 3 anos de idade ao ser atirado de uma varanda enquanto brincava com outra criança no dia de Carnaval, “... a minha mãe ainda foi com ele pra Lamego...era miúdo... foi ver passar os mascarados na varanda, o outro virou-lhe as pernas...e ele caiu abaixo...”. Outra irmã, morreu com 4 anos afogada num poço. Miguel assistiu à morte da irmã porque ao tentar salva-la esta morreu-lhe nos braços, “... ui, se marcou... coitadinha, ia ter com a minha mãe que estava na outra parte de baixo a lavar roupa, eu fui dar uma volta aos animais, quando vi, não a vi, fui a correr, quando fui a correr... estava no cima da poça... morta no cimo da água... era a mais novinha...”.

Com a sobreposição de tarefas domésticas, Miguel não pôde durante a infância frequentar a escola, “... eu é que ficava com a menina, de maneira que a escola ficou a reto...” mas com uma iniciativa do regime de Salazar, aos 19/20 anos completou o terceiro ano na escola noturna. Mais tarde aos 22/23 anos, completou o quarto ano de escolaridade, na tropa. As aulas foram dadas por um Padre, “...era um homem muito bom e ensinava muito, muito bem, até nos ensinava coisas que não eram da quarta classe...”.

Saiu de casa da mãe aos 27 anos, reconhece que naquela altura era uma idade acima da média para se sair da casa, mas com a mãe sempre doente, “... não podia governar outra vida...”. No dia em que veio para Lisboa, diz que lhe custou muito, mas deixou a casa “farta” para dar alguma qualidade de vida à progenitora “... deixei lenha pra queimar no inverno, deixei batatas, deixei-lhe crédito onde a gente gastava, deixei-lhe tudo...”. Dois

anos depois de ter vindo para a capital, aos 29 anos, casa-se com uma mulher 10 anos mais velha, sua conterrânea conhecida com quem costumava até então comunicar por carta, “... ela resolveu vir para Lisboa... acabou por ir para o mesmo prédio onde estava a minha irmã, de maneira que aí é que começou a coisa mais a sério... saíamos os dois, a sair, a conversar e a fazer uma vida mais em conjunto... e depois casámos...”.

Viveu 44 anos de um casamento que diz ter sido muito feliz, “... a minha mulher não era uma mulher era uma santa pra toda a gente, simpática, amiga de ajudar, nunca teve nada, nada com ninguém, nem comigo, nós nunca discutimos, ela é que era a governanta da casa e eu conforme recebia o ordenado ao fim do mês, o envelopezinho com o dinheiro, assim lho entregava – toma lá pro teu governo – se sobrasse guardava-se se não sobrasse, não sobrava, mas era da minha confiança absoluta, nunca fomos infelizes...”. Miguel refere que ajudava a mulher na lida doméstica e tentava sempre conciliar com a sua vida laboral.

A vida laboral de Miguel em Lisboa, iniciou-se na construção civil, depois esteve durante 6 anos num armazém de tecidos, onde chegou a chefe de secção, posteriormente esteve 45 anos numa sapataria em Campolide. Miguel diz que nunca tinha trabalhado com um patrão que “... não tivesse dinheiro para pagar a quem devia, nós temos que nos agarrar a isto com unhas e dentes, dentro de dois anos tem de haver dinheiro... ele não se deixava estragar..., mas tinha uma fulana por fora que lhe gastava muito dinheiro...”.

Aos 73 anos Miguel ficou viúvo, refere que a mulher foi vítima de um enfarte aos 83 anos “... morreu-me no colo (chora), eram 7h da manhã, do dia 23 de agosto de 2007...”. Miguel ainda tentou fazer respiração boca-a-boca enquanto aguardava pela chegada do INEM...”. A morte da mulher foi inesperada, e considera que ficou “...meio maluco, nunca mais fiquei bom da minha cabeça... e só tenho feito asneiras... mais nada...”. Depois que faleceu a sua mulher teve o seu primeiro contacto com a solidão e pouco tempo depois de ficar viúvo deixou-se seduzir e enganar por uma mulher que o convenceu a emprestar muito dinheiro, “... eu comecei a pensar... eu dava-lhe um xis por mês, tratava-me a roupa... as mulheres são mais espertas que os homens, sabe? preparou aquilo tão bem preparado, que chegou ao ponto de me fazer tirar algum dinheiro que eu tinha no banco...”. Em troca de companhia e trabalhos domésticos, Miguel pôs as poupanças de uma vida em risco. Começou a achar que a

aproximação afetiva desta mulher não era genuína quando com o passar do tempo esta começou a “...afastar-se, afastar-se, afastar-se...”.

No dia em que entrou no Lar, era um homem viúvo, sentia-se só, tinha sido vítima de roubo e estava em espiral depressiva. Foi nestas condições que Miguel foi admitido. No primeiro ano de estadia, não saiu do quarto e passava muito tempo na cama, “... não saía do quarto, elas já ralhavam comigo, já diziam que assim que não podia ser, que estava na cama de dia e de noite... compreendo que tinham razão... não foi fácil, e depois foi com os tratamentos, isto foi melhorando, foi melhorando... até que hoje entendo que foi a melhor opção que eu tomei...”. Miguel considera que “a solidão mata”. Encarou a entrada no Lar como quem se entrega num Seminário, “... eu vim pra’qui pra me entregar aqui como quem vai para um seminário ou outra instituição do género... o resto acabou... as minhas coisas acabaram todas...”.

Miguel é da opinião que foi mais difícil a sua adaptação ao Lar, pela sua condição de saúde, por isso diz que as pessoas que vão para Lares sem condições sofrem mais “... ainda sofrem mais... estão metidos num quarto e numa sala fechada, lá no terceiro ou no quarto andar, onde não têm o ambiente e o convívio daqui, esses ainda estão... eu aqui sinto-me muito bem...”.

Apesar de considerar que “... a minha felicidade agora é esta... isto é a minha casa...”, reconhece que há sempre uma tristeza patente porque apesar de se sentir feliz “... dentro da minha cabeça, do meu pensamento, há sempre aquela coisa que não sai... tenho saudades, estou mortinho por ir à campa dela e tudo...” referindo-se à perda da mulher.

Interpretação Local

Deus: A pobreza já o fez questionar a um Padre se há ou não Deus.

Diz que a Igreja sempre o ajudou referindo-se à estrutura física do conceito, as imagens religiosas, aos edifícios e monumentos, às capelas, etc. A sua rotina diária passa por visitar uma Igreja diferente todos os dias de manhã.

Foi na Igreja que passou tempo com as pessoas que mais o acarinham: a mãe, os padrinhos e a mulher.

O seu professor da 4ª classe foi um padre e um homem que admirou muito, porque sabia ensinar e aprendeu muitas coisas que não eram da 4ª classe.

Achou ridículo um primo ter desistido de ser Padre porque não “dava dinheiro”.

Dinheiro: A questão financeira esteve muitas vezes presente no discurso do entrevistado. Enquanto criança passou privações, porque os pais camponeses ganhavam pouco.

Aos 16 anos a vida melhorou porque passou a ganhar dinheiro.

Quando veio para Lisboa e saiu de casa da mãe, deixou crédito nas lojas para a mãe poder levar o que precisasse para casa.

Empregou-se numa sapataria moribunda financeiramente cujo patrão não pagava a quem devia. Depois de começar a trabalhar neste estabelecimento, traçou o objetivo de dois anos para a sapataria começar a lucrar.

Depois de se reformar começou a viver ainda melhor porque tinha dois “ordenados”, o da sapataria e o da reforma.

Sempre ajudou a irmã e os sobrinhos financeiramente. Refere que comprou casas para os outros e não comprou para si. O facto de nunca ter comprado casa é algo do qual se arrepende de não ter realizado.

Dois sobrinhos deixaram de o visitar porque acharam que perderam benefícios de ordem financeira por parte de Miguel. Miguel refere assim que infelizmente a vida é feita de interesses, fazendo entender que “interesses”, significa mais do que segundas intenções, mas também “dinheiro”.

Foi alvo de extorsão por parte de uma mulher que através da sedução o convenceu a entregar muito dinheiro das suas poupanças.

Refere que se vivesse fora do Lar apenas com a sua reforma, viveria mal, mas reconhece que há quem viva com menos e que por isso também o próprio acabaria por conseguir sobreviver.

Mulheres: A mãe, a irmã e a esposa foram mulheres importantes na sua vida. Não saiu de casa antes dos 27 anos porque a mãe era uma mulher muito doente e sentiu-se na obrigação de a acompanhar.

Tomou conta da irmã a partir dos 7 anos de idade, referindo muitas vezes que a criou. É esta irmã com quem sempre conviveu durante toda a vida, que atualmente visita muitas vezes na sua casa. Refere que o bem que fez à sua família o orgulha muito. Foi a sua irmã que o recebeu quando aos 27 anos se mudou para Lisboa, durante muito tempo viveram perto um do outro partilhando casa ou sendo vizinhos na mesma zona de residência.

Depois de ter ficado viúvo, deixou-se seduzir por uma mulher que lhe extorquiu dinheiro. Foi esta mulher que o levou a dizer que as mulheres são mais espertas que os homens.

Mensagem

Miguel teve uma infância pobre e marcante, chegou a passar fome. Teve seis irmãos mas pouco conviveu com eles por motivos de doenças ou acidentes domésticos. A irmã que diz que criou é hoje uma grande amiga sua. Sempre foi dedicado à família, tanto durante a infância, quando criou a irmã mais nova, como na adolescência, quando aos 16 anos já contribuía financeiramente para a casa, como em adulto, porque foi o braço direito da mãe e não saiu de casa mais cedo para lhe dar assistência. Na velhice da mãe, muitas vezes ficava com esta no hospital enquanto esta não tivesse alta clínica. No dia em que não passou a noite com a mãe, esta faleceu, não se culpa a si, mas dá a entender que culpa a sua irmã. Durante a vida de casado refere que ajudava a mulher na lida doméstica, referindo a certa altura que fazia coisas que não lhe cabia fazer, que lhe pintava a casa nas férias, quando na verdade a casa era propriedade de ambos. Refere que ajudou o patrão a ressuscitar a sapataria, e que esta o fez muito popular naquela zona da cidade. No lar custou-lhe muito a adaptação, não porque não quisesse ali estar, nem porque se tivesse arrependido de ter entrado, mas porque sofria de depressão. Teve um ano sem sair do quarto. Diz que a Igreja o ajudou muito, visita uma diferente todos os dias. Miguel renasceu no lar como homem e como cidadão. Hoje assume uma atitude voluntariosa de ajudar os outros, transportando os doentes em cadeira de rodas para a

Capela. Miguel vê algo de místico na sua vida e agora tudo lhe faz sentido, este homem acredita que tem um poder sobrenatural quando conta que todas as pessoas que lhe fizeram mal acabam por ser castigadas, diz isto num contexto em que se fala de Deus, e de um comando que nos orienta a todos nós.

Apresentação: Mariana

Mariana, 90 anos, frequência universitária, doméstica mas chegou a gerir uma lavandaria, viúva, sem filhos/as, está no Lar desde setembro de 2012

Sinopse

Mariana foi nascida e criada em Lisboa, apesar de ter vivido na Guarda durante três anos marcantes e dois anos no Porto. Ambas as mudanças derivaram da profissão de tintureiro do pai, que obrigou Mariana a mudar de residência e de amigos até aos 21 anos, idade com que saiu de casa depois de casar.

De todas as moradas, viveu mais tempo em Lisboa, num agregado com seis pessoas, entre as quais, os pais, um casal de tios, a própria e uma prima, numa casa com 14 divisões. “Eu brincava muito com a minha prima... eu tinha muitos brinquedos, era as casinhas, era a sala de jantar, era o quarto, era as casinhas como era antigamente...”. Diz que não sabe o que poderia ter tido mais para que a sua infância pudesse ter sido melhor. Daí considerar que a sua infância tenha sido “... muito boa, nunca me faltou nada, em nenhum sentido, nem de carinho nem de tudo ...”. Foi filha única “com muita pena...”. Uma das suas avós dizia que era “um raio de sol” porque estava sempre a cantar e saltar.

Quando se mudou para a Guarda diz ter-se deparado com pessoas “... muito diferentes do meu meio e que nunca tinham visto um brinquedo na vida e eu não tenho mais nada, dei-os todos...teria prai os meus 6 anos 7... 6/7 anos, mas eu sempre tive esta mania e continuo a ter... eu tenho prazer em dar...”. Diz que não tinha graça nenhuma brincar sozinha e que “...eu não tinha soberba... eu lidava com elas, sei lá até sujas, mas eu lidava com elas da mesma maneira...”.

Tem uma “costela” espanhola: “O meu avô não era português, era ... como é que se chama aquilo... era da catalunha, era catalão, mas veio para Portugal, apaixonou-se por Portugal...tanto que o meu apelido não era Esteves era Estevez...tanto que o meu pai para mim já me pôs com S...ele era Manô, de Miguel e por isso é que eu sou Mariana...”

Os pais eram ateus mas aos seis anos inscrevem-na num colégio de freiras, consegue “converter” os pais a católicos praticantes e estes casam um com o outro quando

Mariana tinha 8 anos de idade. Quando os pais faleceram zangou-se com Deus, tendo vindo a reconciliar-se, com a ajuda de uma prima, passados 15 anos, altura em que faleceu o seu marido.

Diz ter recebido da mãe uma educação rigorosa, lendo nos olhos desta. “A minha mãe foi mesmo severa comigo na educação que me deu em pequena ... eu podia estar numa coisa a rir, a brincar com muitas pessoas da minha idade, mas se a minha mãe entrasse na sala, eu olhava para ela, e consoante os olhos dela... se os olhos dela me dissessem que eu não estava a proceder, eu arranjava maneira de interromper imediatamente. A partir dos meus 14 anos, deixou de ser uma mãe para mim e era a minha irmã mais velha...”.

As doenças marcaram a sua vida desde os 5 anos de idade. Com esta idade teve uma nefrite (inflamação dos rins). Teve tuberculose com 17/18 anos, contraída na convivência com uma amiga: “Por este feitio que eu tenho, tenho ânsia de ajudar, podem pensar que sou metediça, mas não sou.” Chegou a ser internada numa espécie de sanatório. Teve um cancro no útero com 36 anos. Tem Osteoporose. Diz que teve perto da morte várias vezes. “Na hora H tenho uma luzinha que me protege (...) Foi como os leprosos no Evangelho.” Tem um pacemaker há 20 anos para além do problema de saúde que pesou na sua decisão de procurar Lar: os problemas na medula e na coluna vertebral, “... na última lombar e na primeira sacra...”, algo que acredita, que a deixará “paralítica” num curto espaço de tempo. Talvez sejam estas as razões que levam Mariana dizer que é obcecada com a saúde. De entre todas as mazelas, a que mais a marcou foi o facto de não ter sido mãe, algo que pode ter influenciado em muito o rumo da sua vida e especificamente do seu casamento.

Os pais tinham ambos o 4º ano de escolaridade, mas o seu pai falava francês e tinha tios formados em latim. Chegou a ser admitida na Faculdade de Letras, gostava de ter sido assistente social. Fez também o 6º ano no conservatório de música (piano). “A família da minha mãe era uma casa de músicos ... uma casa com 6 raparigas, todas elas tocavam...”. “Eu tinha 11 anos quando a minha mãe me comprou o piano... foi ela que me ofereceu por espontânea vontade... eu naquela altura não pedia nada à minha mãe... até nem a mais simples coisa de vestir...”. Não seguiu nenhum dos dois sonhos por imposição do marido, diz que naquele tempo as mulheres ainda não se tinham emancipado. “Deus determina tudo... eu hoje estou sem voz, estou sempre rouca...”

perdi a voz, é um desgosto que eu tenho... talvez aí há uns 3 anos, 3, 4 anos... comecei a ficar rouca... foi a perda máxima que eu tive, foi não ter seguido o canto...”.

Diz que foi feliz até casar, chegou a pensar que o dia do seu casamento foi o expoente máximo da sua felicidade, mas que depois “... foi uma desgraça...”. Eram muito diferentes, ele de poucas falas, ela “... a pessoa mais alegre... a pessoa que tinha necessidade absoluta de beijar e de ser beijada... de... de me dar... eu tinha absolutamente essa necessidade... e quis-me... quis-me durante muito tempo não ver essa realidade porque não correspondeu...”. Aos 40 anos, quando estava casada há 20, descobre que o marido mantinha uma relação extraconjugal duradoura com uma ex-empregada, de onde nasceram filhos: “... eu comecei a desconfiar que o meu marido tinha uma amante, comecei a desconfiar, não foi porque ele me faltasse a uma noite, não é porque me faltasse a um fim de semana, comecei a desconfiar qualquer coisa em nós mulheres... um sexto sentido... eu comecei a desconfiar e um dia, eu não tenho mais nada, segui-o, apanhei um táxi e segui-o...”. Diz que depois da morte dos pais, a descoberta da vida dupla do marido, foi o pior momento da sua vida, mas “O casamento era pra toda a vida...eu nunca me divorciei porque não ia dar esse desgosto à minha mãe...”. Diz que perdoou o marido baseando-se na vontade imensa que este tinha em ser pai, reconhecendo que não tinha o direito de impedir que isso acontecesse. “... o meu marido pediu-me perdão sei lá quantas vezes, e eu disse-lhe não peças mais perdão, está perdoado... esquecer é que eu não... não está na minha mão, quem me dera a mim esquecer...”. Continua a pensar nisto e diz que “Tenho andado a mentalizar-me para não desejar mal aquela mulher. Estou quase a conseguir.”

Em relação ao lazer, gosta de ter a mente e as mãos ocupadas, diz que é incapaz de estar a olhar para a televisão sem estar com as mãos ocupadas. “Faço palavras cruzadas e paciências (...) gosto muito de ler romances (...) (Campos Júnior, Garrett, Júlio Dinis) (...) tenho facilidade para compor (...) alimentava-me o espírito (...)”. “(...) Gosto muito de paciências(...)”. “(...) sou incapaz de me interessar por um balão que se atira ao outro (...)” , referindo-se a atividades de animação levadas a cabo pela instituição onde agora vive.

Mariana acredita que se pode viver com pouco, se se gerir bem o dinheiro. Diz isto e acrescenta que apesar de preservar a poupança, nunca se inibiu de comprar roupa,

chegou a "...comprar toaletes em passagens de modelo (...) Nunca me coibi de comprar roupa, nem nada (...)"

A sua pensão é abaixo da média, apenas com a morte do marido ficou acima da média, inclusivamente quase duas vezes acima do salário mínimo nacional. No entanto diz que poupou sempre muito ao longo da vida mesmo com a sua anterior pensão. Onde costumava gastar mais dinheiro era em fruta. Se não tivesse necessidade de poupar, gostaria de poder comprar roupa, no entanto "Penso no dinheiro que pode vir a fazer falta, daqui amanhã...". "Eu digo assim, não Mariana tu não sabes a tua vida, e por conseguinte não vais gastar dinheiro mal gasto...". " A minha velhice não pode ser muito tranquila porque tenho o terror do dinheiro... é nisso que eu tenho que ter um sossego (voz embargada)... não faz ideia a minha cabeça como anda... nunca deixará de ser uma coisa terrível para mim... eu pagava tudo a pronto... esta coisa de cumprir é da minha mãe..."

Mariana considera que o que realizou de mais importante foi ter gerido uma lavandaria durante 10 anos com o objetivo de pagar dívidas do pai, "... foi o que eu fiz de melhor na minha vida, foi poder ajudar os meus pais...". Diz que o pai e ela própria têm a mesma tendência de ajudar os próximos, mas ela "tinha mais tino" porque não se endividava.

A vinda para o Lar foi encarada com naturalidade porque a escolha foi sua, mas confessa que os últimos dias em sua casa, passou-os "... embriagada (...) vi sair da minha casa a mobília... eu até disse que não queria assistir à saída da mobília, e depois assisti com indiferença, eu andava anestesiada... ". "Eu só pelo coração não tinha vindo...". Sente que perdeu com a mudança, apesar de já se sentir integrada entre os outros utentes e sentir-se bem recebida. Se tivesse muito dinheiro teria preferido pagar a pessoas que a tratassem em casa. Tenta esquecer tudo na sua vida e adaptar-se a "... uma maneira... menos rococó...".

Algumas rotinas do Lar chocam-na: "Quando acabo de jantar eu não vou pra sala... não me posso ver ali naquela carreira... ali tudo em fila... vai contra tudo quanto existe na minha cabeça... é ir pra'quela sala, todos ali em fila, a verem... não sei se veêm o que querem ou se deixam de querer, tudo sem um interesse, não há uma conversa, não há nada ... tudo ali assim, quieto, uns a dormir, outros assim a olhar pra uma televisão..."

aquilo não é vida... deixem-me ao menos ir para o meu quarto onde eu tenho as coisas pra me distrair...”

Outra das diferenças que encontra na vivência neste novo contexto social, é a quantidade de massa e arroz que se come diariamente, e que Mariana acha um “horror”: “Posso apenas comer nabiça, maçã, pera (...) Posso comer carneiro (borrego não), posso comer cabra (cabrito não), posso comer galinha (frango não), posso comer vaca (vitela não) (...) até a alface me faz mal, no fundo tudo me faz mal (...)”.

Assume que antes de trabalhar na lavandaria que geriu sozinha: “... dediquei-me a sair e a ter uma vida fútil ... para me embriagar autenticamente...”. Afirma que durante a sua vida, construiu a felicidade dentro da sua cabeça. Diz que o pouco de riso que teve na vida foi criado pelo seu espírito.

Hoje, vive o dia a dia, sem planos, “... até Deus me chamar...”. Sobre as batalhas a enfrentar, refere a batalha pela saúde, justificando que não sabe se vai aguentar ficar “paralítica” porque sempre foi muito independente. Admite já ter pensado em suicidar-se deixando de tomar a medicação, “... eu já perguntei a um padre se posso fazer isso... mas é preciso ter muita coragem, porque se sofre muito... não sei se a terei... tive uma vida de sofrimento e tive um fim tão triste... eu não quero sentir isso...”.

Toma cerca de 14 comprimidos por dia, mas diz que se sente “na mesma”.

Sente-se infeliz quando há uma troca de medicação, quando não gosta da comida, quando não come do pão nem da manteiga que costumava comer. Mas refere que há momentos melhores em que nem pensa se é feliz ou se não é feliz, como por exemplo quando encontra “um bom parceiro” para conversar, “... por isso é que eu digo, sou feliz e infeliz, depende, não se pode dizer que seja infeliz...”.

Quando se fala em felicidade diz que se lembra de liberdade. Refere ter sido feliz na infância e juventude quando vivia com os pais porque foi sempre muito amada e acarinhada. Na vida adulta a felicidade foi feita por si porque se refugiou numa vida fútil para “não pensar”.

Histórico

Mariana mudou de residência inúmeras vezes desde a sua tenra idade até aos 21 anos, muito pela profissão de tintureiro do pai. Porto e Guarda foram localidades que refere ter vivido anos marcantes na sua vida. Quando se mudou para a Guarda diz ter-se deparado com pessoas muito diferentes do seu meio e que nunca tinham visto um brinquedo na vida, Mariana diz não ter resistido e deu-os todos. Diz que não se importava de brincar com aquelas crianças mesmo estas estando sujas, porque não tinha graça nenhuma brincar sozinha.

Afirma que na infância nunca lhe faltou nada, em nenhum sentido, era uma criança alegre, mas que teve “pena” de ter sido filha única. Chegou a sentir-se só até, mas nega alguma vez ter sentido o peso da solidão por este motivo.

Diz que a conversão dos pais a católicos “... é outro romance...”. A certa altura da sua infância e apesar do seu ateísmo, os pais inscrevem Mariana num colégio de freiras e acabam por se casar um com o outro quando Mariana tinha 8 anos de idade. Quando os pais faleceram zangou-se com Deus, tendo vindo a reconciliar-se, com a ajuda de uma prima, passados 15 anos, altura em que faleceu o seu marido.

Diz ter recebido da mãe uma educação rigorosa, lendo nos olhos desta as mensagens sobre como comportar-se em público. Diz que a ânsia de cumprir com os seus compromissos veio da sua mãe. A partir dos 14 anos a mãe passa a ser como que uma irmã mais velha, mantendo com esta uma laço forte de amizade.

As doenças marcaram a sua vida desde os 5 anos de idade. Com esta idade teve uma nefrite (inflamação dos rins). Aos 17/18 anos contraiu tuberculose durante a convivência com uma amiga. Aos 36 anos descobre um cancro no útero. Atualmente tem osteoporose, um pacemaker no coração há 20 anos, além dos seus problemas na medula e coluna vertebral que acredita que a podem deixar “paralítica” num curto espaço de tempo. Acredita que na hora H tem uma luzinha que a protege “(...) Foi como os leprosos no Evangelho.” Talvez sejam estas as razões que levam Mariana dizer que é obcecada com a saúde. De entre todas as mazelas, a que mais a marcou foi o facto de não poder ter sido mãe, algo que pode ter influenciado em muito o rumo da sua vida e especificamente do seu casamento.

Apesar da baixa escolaridade dos pais (4º ano) estes sempre a incentivaram para que se formasse, principalmente na música porque, segundo refere, parte da família da sua mãe era uma família de músicos. Mais tarde, por imposição do marido, não concluiu nenhum dos seus sonhos, nem terminou a faculdade (para se formar em Assistente Social) nem terminou o conservatório de música (onde se formaria como pianista/cantora). Refere que “... naquele tempo as mulheres ainda não se tinham emancipado...”. “Deus determina tudo... eu hoje estou sem voz, estou sempre rouca... perdi a voz, é um desgosto que eu tenho... foi a perda máxima que eu tive, foi não ter seguido o canto...”.

Diz que foi feliz até casar, chegou a pensar que o dia do seu casamento foi o expoente máximo da sua felicidade, mas depois “... foi uma desgraça...”. Eram muito diferentes, ele de poucas falas, ela “... a pessoa mais alegre... a pessoa que tinha necessidade absoluta de beijar e de ser beijada...”.

Aos 40 anos, quando estava casada há 20, descobre que o marido mantinha uma relação extraconjugal duradoura com uma ex-empregada, de onde nasceram filhos. Diz que esta descoberta se deve mais ao seu sexto sentido, e menos a fatores visíveis relacionados com o comportamento do marido.

Depois da morte dos pais, a descoberta da vida dupla do marido, foi o pior momento da sua vida, mas como o casamento naquela altura “... era pra toda a vida...eu nunca me divorciei porque não ia dar esse desgosto à minha mãe...”. Diz que perdoou o marido baseando-se na vontade imensa que este tinha em ser pai, reconhecendo que não tinha o direito de impedir que isso acontecesse. Perdoou-o mas não esqueceu, deseja esquecer e não desejar mal à mulher com a qual ele viveu e teve filhos. Mariana diz que em relação a isto, está quase a conseguir.

Mariana diz que a sua velhice está longe de ser tranquila, muito pelas suas inúmeras preocupações sobre a saúde e sobre o dinheiro. Pela saúde porque teme ficar paralítica e conseqüentemente dependente de outros, pelo dinheiro, porque teme não ter dinheiro suficiente para se manter no Lar até morrer. Admite já ter pensado em suicidar-se deixando de tomar a medicação, chegou já a consultar um Padre sobre o assunto, mas admite por um lado não ter coragem e por outro, queria evitar ter um fim “tão triste” depois de uma “vida de sofrimento”.

Considera que o que realizou de mais importante na sua vida foi ter gerido uma lavanderia durante 10 anos com o objetivo de pagar dívidas do pai, "... foi o que eu fiz de melhor na minha vida, foi poder ajudar os meus pais...". Diz que o pai e ela própria têm a mesma tendência de ajudar os próximos, mas ela "tinha mais tino" porque não se endividava.

A vinda para o Lar foi encarada com naturalidade porque a escolha foi sua, mas confessa que só pelo coração não teria vindo. Os últimos dias em sua casa, diz tê-los passado embriagada e anestesiada enquanto assistia com indiferença à saída da mobília. Deu muita roupa, vendeu quase todas as suas joias, tentou cumprir com a lista que lhe deram no Lar com aquilo que podia trazer. Não tem dúvidas de que perdeu com esta mudança, apesar de já se sentir integrada entre os outros utentes e de se sentir bem recebida. Tenta esquecer tudo na sua vida e adaptar-se a "... uma maneira... menos rococó..." de viver. Se tivesse muito dinheiro teria preferido pagar a pessoas que a tratassem em casa.

Algumas rotinas do Lar chocam-na, gostava de ver mais adulez e criatividade nas atividades de lazer e animação aos idosos, gostava de não comer massa e arroz todos os dias, gostava de não ter que partilhar o seu quarto. Refere-se à adaptação ao Lar como algo que lhe "custou muito".

Não sabe dizer se é feliz ou infeliz, diz que depende das situações, há certas coisas que a deixam infeliz, como a troca de medicamentos e que outras coisas a deixam feliz, como uma boa conversa com uma pessoa simpática. Refere que feliz só o foi na infância, quando viveu com os pais, época em que foi muito amada e acarinhada. Na vida adulta foi feliz apenas na sua cabeça, e tentou dedicar-se a ter uma vida "fútil" para se "... embebedar autenticamente...".

Interpretação Local

Mãe: recebeu desta uma educação rigorosa, principalmente do ponto de vista do saber-estar e saber-ser. Foi incentivada por esta a aprender a tocar piano e a cantar. A partir dos seus 14 anos viu na mãe uma irmã mais velha e amiga. Depois de casar diz ter sentido muitas saudades da mãe e lhe ter escrito quase todos os dias. Foi esta que reparou que durante a descoberta do adultério do marido, Mariana estava abalada

emocionalmente, apesar de esta ter tentado abafar o caso. Mariana não se divorciou do marido porque ia ser um grande desgosto para a mãe, uma vez que na perspetiva desta os casamentos eram para a vida toda. A certa altura da entrevista refere que o marido sentia alguns ciúmes em relação à presença da mãe na casa do casal. Tratou da mãe até à morte. Refere ter herdado da mãe “esta ânsia de cumprir” que qualifica como uma qualidade.

Deus: Não professou nenhuma religião, até à idade em que ingressou num colégio de freiras. Depois de ficar amiga de um Padre e de o ter apresentado aos pais, estes casam um com o outro quando Mariana tinha 8 anos. Na data da morte dos pais zanga-se com Deus, para se reconciliar 15 anos mais tarde, na altura em que fica viúva. Consultou um padre para que a informasse da “legalidade” moral de uma situação de suicídio, uma vez que já pensou por mais do que uma vez no suicídio deixando de tomar a medicação. Diz que Deus determina tudo e associa isso ao facto de hoje estar rouca e não poder cantar. Refere também que vive o dia a dia até Deus a chamar.

Casamento: Foi feliz até casar, chegou a pensar que o dia do seu casamento foi o expoente máximo da sua felicidade, mas que depois “foi uma desgraça”. Eram muito diferentes, ele de poucas falas, e ela “... a pessoa mais alegre... que tinha necessidade absoluta de beijar e de ser beijada...” Diz que durante muito tempo não quis ver essa realidade. Aos 40 anos, quando estava casada há 20, descobre que o marido mantinha uma relação extraconjugual duradoura com uma ex-empregada, de onde nasceram filhos, perdoa-o pela sua necessidade imensa em ser pai e na impossibilidade de Mariana engravidar, mas não esqueceu e tenta não desejar mal à terceira pessoa envolvida no seu casamento.

Ocupação/Trabalho: montou e geriu uma lavandaria durante 10 anos para pagar dívidas do pai, em todos os outros anos da sua idade ativa diz que os passou de uma forma fútil para se “embebedar autenticamente” e “não pensar” na sua vida. Sente necessidade de ter as mãos e a mente ocupadas. Diz ser incapaz de se sentar e ver televisão, para Mariana é uma tarefa simples e monótona. Durante a sua vida de casada, diz que tinha uma necessidade “animal de estar tão cansada” para que pudesse apenas deitar-se, esquecer e adormecer.

A questão do dinheiro sempre teve presente na vida de Mariana: a diferença do seu estrato social em relação à maioria das crianças, as dívidas do pai que lhe causaram

tanto desapontamento e sofrimento e que a motivaram a montar e gerir um negócio para que pudesse saldar essas mesmas dívidas. O hábito de poupar dinheiro e pagar a pronto, para se poder precaver para imprevistos e para poder cumprir os seus compromissos. O medo de ficar sem dinheiro para se sustentar ou pagar o Lar onde agora vive. Diz esta ânsia de cumprir herdou-a da sua mãe.

Saúde: As doenças sempre foram uma constante na vida de Mariana a inflamação nos rins aos 5 anos de idade, a tuberculose aos 17/18 anos, o cancro no útero aos 36 anos, a sua infertilidade, e agora o medo causado pela hipótese de ficar paralítica derivado aos seus problemas na medula e na coluna vertebral. Acompanha-a também a ânsia em comer os alimentos certos e tomar a medicação certa. Dois fatores, alimentação e medicação, que não são do seu agrado dentro do Lar, causando-lhe muita incerteza em relação ao futuro.

Felicidade: Foi feliz na infância, era uma criança alegre, foi feliz até casar. Na vida adulta diz que muito da sua felicidade era construída pelo seu espírito, na sua cabeça. Hoje não sabe se é feliz ou não, diz que depende, apenas se qualifica de não infeliz. Diz que teve uma vida de sofrimento e não queria ter um fim triste (referindo-se ao suicídio que não tem coragem de cometer). As imagens de felicidade são associadas por Mariana à liberdade, diz que não gosta de estar fechada nem ser obrigada a estar confinada a um espaço.

Mensagem

Mariana disse-nos que teve uma infância feliz, era uma criança alegre, foi muito amada e acarinhada pelos pais, apesar de ter sido filha única tinha gosto em partilhar tanto com crianças da sua família como com crianças de outras famílias até de estratos sociais diferentes do seu. Era capaz de dar todos os seus brinquedos e ficar sem nenhum. Quando tinha 17/18 anos tentou ajudar uma amiga tuberculosa e acabou por contrair a doença, diz que tem uma ânsia de ajudar que às vezes pode ser tomada como uma pessoa metedicha mas não se conforma com injustiças, ainda hoje no Lar faz isso, faz pedidos aos funcionários a favor de outros utentes. Montou e geriu uma lavandaria durante 10 anos para pagar dívidas que o pai tinha contraído é outro exemplo desta ânsia de ajudar. Se não fosse esse facto, teria tido uma vida totalmente “fútil”, como diz

que teve, exceto nestes 10 anos. Quis ser Assistente Social, gostava de tocar piano e cantar e entreter os outros, gostava de parecer bem aos outros mesmo que estivesse mal ou em conflito com o marido. Teve na infância uma mãe autoritária apesar de nunca lhe ter negado afeto, e na adultez um marido controlador e adúltero. Controlou-se muitas vezes em público para não chorar, diz ter em si um grande autocontrole e necessidade de cumprir e corresponder a expectativas. Diz que sempre foi feliz até casar e que depois “foi uma desgraça”. Hoje não se sabe qualificar de feliz ou infeliz, diz que apenas não é infeliz.

Apresentação: Ricardo

Curso Industrial, Funcionário Público, 92 anos, viúvo, uma filha, está no Lar desde setembro de 2012

Sinopse

Ricardo nasceu em Santa Maria – concelho de Sintra, viveu com os pais e a irmã mais nova numa casa emprestada pelos Caminhos de ferro. A mãe de Ricardo era guarda de passagem na ferrovia de Sintra. O pai podia ter sido um dos homens mais ricos de Sintra, “... sem ter prejudicado ninguém...”. Era ferroviário, e desempenhou funções como fogueiro em Campolide, estava sempre disponível gratuitamente para ajudar os outros. Não menciona dificuldades financeiras mas começa por dizer que é filho de pessoas pobres. A sua irmã veio a falecer com 19 anos, “... doente do coração...”. Diz que teve uns pais “extraordinários” e emociona-se quase todas as vezes em que fala deles. Eles fazem parte das suas memórias felizes, mas ao mesmo tempo, entristece-se com isso porque “... desapareceram...”. Em jovem jogou à “bola” no Sintrense e na Tuna de Sintra. Chegou a ser federado na Associação de Futebol de Lisboa com 16 ou 17 anos e considerado inúmeras vezes, o melhor guarda-redes em campo, mas “aleijavam-me muito e desisti...”. Ricardo chegou a sair nos jornais locais.

Quando completou o Curso Industrial, os pais de Ricardo faziam questão que o filho continuasse os estudos mas este achava que os pais já tinham feito o esforço suficiente para que estudasse até tão tarde. Começou a sua vida profissional aos “... 20 e poucos anos...”.

Diz que em termos de trabalho foi “... filho da pouca sorte...”, porque trabalhou muito e nunca se sentiu proporcionalmente valorizado. Entre outras coisas, foi topógrafo. O seu primeiro trabalho foi no porto de Lisboa, na elaboração de desenhos, que culminavam com a construção e manutenção de navios de guerra. Diz que foi um familiar que lhe arranjou este trabalho mas teve 5/6 anos a trabalhar sem remuneração. Disse que se fazia muita distinção entre os alunos que vinham da Casa Pia e os alunos que vinham de outras escolas. Chegou a dizer à mãe que tinha a sensação que toda a gente lhe passava à frente. A certa altura, foi destacado como soldado, passou a fazer as escalas dos serviços do pessoal. Enquanto soldado, ficou satisfeito por não ter sido destacado para o estrangeiro, esteve muito perto de ser mandado para Cabo-Verde.

Nesta função de Soldado/Projetista e coordenador de serviços, esteve apenas 3 anos, depois voltou ao porto de Lisboa.

Ricardo deixou a casa de família depois de casar, aos 27 anos, e viver maritalmente com a sua esposa, uma prima direita. Diz que estava interessado numa amiga dela, mas esta casou com outro. Depois de casar, foi viver em primeiro lugar para o Bairro da Serafina, onde morou durante 40 anos e depois para Benfica onde esteve até setembro de 2012, altura em que voltou ao Bairro e integrou o Lar onde vive atualmente. Só saiu do Bairro quando construíram o eixo Norte-Sul, a troco de uma indemnização que classificou de “... ridícula...”.

Quando completou 44 anos de serviço, reformou-se mesmo contra a vontade dos chefes, porque diz que estava farto do ambiente no trabalho, uns a serem beneficiados em detrimento de outros. Na vida adotada depois de se reformar passou a fazer pequenos trabalhos para amigos e conhecidos, tudo ao nível do desenho e envolveu-se mais com os projetos da Paróquia da sua primeira zona de residência, o Bairro da Serafina. A sua maior batalha considera ter sido aquela que travou juntamente com o Pároco (Padre Crespo), no sentido de impedirem a demolição das casas no Bairro para a construção do Eixo Norte-Sul. Entre as quais se incluía a sua própria casa. Uma luta inglória por causa daqueles “malandros” da Camara Municipal de Lisboa.

A mulher sempre o acusou de não gostar dela mas Ricardo diz não era verdade, talvez não gostasse da maneira que ela desejaria, mas achava-a uma “... mãe extraordinária...”. Tiveram uma filha, e hoje Ricardo tem dois netos e dois bisnetos.

No final da vida dos pais, não sabe precisar as datas de ambas as mortes, mas sabe que o pai morreu primeiro e a mãe morreu depois, chegando a viver em casa com Ricardo e a mulher. Ricardo não se lembra ao certo há quanto tempo é viúvo, estima mais ou menos 10 anos. A mulher veio a falecer na situação de acamada. Prometeu-lhe, que iria todos os domingos ao cemitério durante o primeiro ano, e depois desse ano passaria a ir uma vez por mês. No dia do funeral, em Sintra, deu-lhe um beijo e parece que ainda sente esse beijo. Cumpriu o prometido até deixar de se sentir bem para andar sozinho até ao cemitério. Ricardo deixou de poder ir ao cemitério, por questões relacionadas com a sua saúde, mas ficou com a consciência pesada, até ouvir um Padre dizer-lhe que o corpo de um morto não passa disso mesmo, o que tem significado é o sentido que lhe damos e os sentimentos que nutrimos por essa pessoa, e mais nada, porque a pessoa já não está ali,

está no Céu. No seu caso, quando morrer, quer ir para o Cemitério do Alto de São João, e ser cremado. Diz que já teve esta conversa com a filha, apesar de esta a evitar.

Os planos que tem para a vida é viver um pouco mais, apesar de saber que não tem muito mais para viver.

Sobre as batalhas que tem ainda a enfrentar, diz-nos que o dia a dia é uma batalha só por si, principalmente o evitar não entrar em conflito com ninguém. A rotina não o chateia, pelo contrário. O pessoal (a equipa de funcionários) de uma maneira geral tenta satisfazer os utentes de igual forma. Considera que a vida é uma passagem, e há pessoas que não dão valor ao trabalho que é aqui feito.

Sobre os amigos, diz que os verdadeiros “já partiu tudo” e da família tem visitas todas as semanas. É da opinião que a felicidade se constrói com os outros, porque às vezes o que pensamos sozinhos, pode não corresponder à realidade. “Os meus amigos tiveram sempre muita importância. Também vim a descobrir que alguns não eram bem amigos, mas pronto...”

Os bens essenciais para viver bem considera ser, ter saúde e ter amigos, porque os pais já não estão.

Sobre a sua pensão diz que é uma vergonha e “... agora muito menos...”, no entanto não sabe se por ter uma pensão maior seria mais feliz, porque na sua opinião, às vezes “o dinheiro faz mal”, mas pensa que continuava a ser a mesma pessoa. Sobre compras, diz que não sente necessidade de comprar nada de especial que não esteja ao seu alcance, no geral foi sempre poupado.

Sobre a medicação, diz que nunca tomou tantos comprimidos como agora “ando numa fase que tomo muitos”. Toma dois ao pequeno-almoço, quatro ao almoço e um ao deitar.

Considera que a fase mais feliz da sua vida é a atual, porque vive mais despreocupado e sabe que a filha não tem que se preocupar tanto consigo. Na instituição sente-se bem porque não está sozinho.

A vinda para o Lar significou muito: “Fui eu que tomei a decisão de vir, vi que a minha filha estava numa situação difícil com a doença do marido...”. Disse à filha “ Ó Ana Maria, tu qualquer dia estás com 60 anos...”. Com esta mudança diz que não ganhou nem perdeu, deixou a sua casa para ter ganhado outra. Voltou ao Bairro que sempre

conheceu e à Paróquia pela qual tinha lutado. Sobre a adaptação ao Lar, diz que, “Entendi-me com todos, bem. O meu companheiro de quarto é assim um bocado coiso ... mas comigo... eu falei com ele...”. “As pessoas aqui têm um tratamento que em casa não têm. Tenho que pensar é nestas restrições que me põem...”. Quando pensa em felicidade pensa em poder estar um “bocadinho mais liberto para poder ver um amigo que está aflito...”. Diz que se sente preso com as restrições do centro, mas sabe que a filha tem “um bocado de culpa nisso (...) gostava de ser um bocado mais livre...”.

Sobre as memórias felizes diz que “... Enquanto criança lembro-me bem de ir para a Praia das maçãs às 8h00 até às 16h00”. Ao falar de memórias menos felizes recorda a sua vida relacionada com o trabalho.

É da opinião que a população do Bairro não sabe dar valor ao homem que tem à frente da sua Paróquia. Quando morrer quer que as pessoas em vez de flores contribuam para a obra que está feita e que atualmente é a instituição onde vive. “As pessoas que dizem que o Padre Crespo aqui não fez nada, não têm consciência...”.

Sobre a sua fé, hoje diz que é mais praticante agora do que era porque agora convive mais com o Padre Crespo. De qualquer modo nunca deixou de frequentar a Igreja quando morava em Benfica. Uma semana antes de vir para o Lar, começou a ir mais vezes à Igreja. Confessa que só sabe o Pai-Nosso e o Avé-Maria. Sente-se mais acompanhado quando reza e a sua situação agora é “... diferente...”.

Histórico

Ricardo não menciona dificuldades financeiras mas começa por dizer que é filho de pessoas pobres. A sua irmã veio a falecer com 19 anos, “... doente do coração...”. Diz que teve uns pais “extraordinários” e emociona-se quase todas as vezes em que fala deles. Eles fazem parte das suas memórias felizes, mas ao mesmo tempo, entristece-se com isso porque “... desapareceram...”.

Quando completou o Curso Industrial, os pais de Ricardo faziam questão que o filho continuasse os estudos mas este achava que os pais já tinham feito o esforço suficiente para que estudasse até tão tarde. Começou a sua vida profissional aos “... 20 e poucos

anos...”. Diz que em termos de trabalho foi “... filho da pouca sorte...”, porque trabalhou muito e nunca se sentiu proporcionalmente valorizado.

Ricardo deixou a casa de família depois de casar, aos 27 anos, e viver maritalmente com a sua esposa, uma prima direita. Diz que estava interessado numa amiga dela, mas esta casou com outro. Nunca se deu bem com aquela que viria a ser a sua mulher, estavam sempre a discutir, mas a certa altura decidiram casar depois de se terem aproximado. A mulher sempre o acusou de não gostar dela mas Ricardo diz não era verdade, talvez não gostasse da maneira que ela desejaria, mas achava-a uma “... mãe extraordinária...”. Tiveram uma filha, e hoje Ricardo tem dois netos e dois bisnetos. A mulher veio a falecer na situação de acamada. No dia do funeral, em Sintra, deu-lhe um beijo e parece que ainda sente esse beijo. Um Padre disse-lhe a certa altura, e Ricardo concordou, o corpo de um morto não passa disso mesmo, o que tem significado é o sentido que lhe damos e os sentimentos que nutrimos por essa pessoa, e mais nada, porque a pessoa já não está ali, está no Céu. No seu caso, quando morrer, quer ir para o Cemitério do Alto de São João, e ser cremado. Diz que já teve esta conversa com a filha, apesar de esta a evitar.

Só saiu do Bairro quando construíram o eixo Norte-Sul, a troco de uma indemnização que classificou de “... ridicularia...”. A sua maior batalha considera ter sido aquela que travou juntamente com o Pároco, no sentido de impedirem a demolição das casas no Bairro para a construção do Eixo Norte-Sul. Entre as quais se incluía a sua própria casa. Uma luta inglória por causa daqueles “malandros” da Camara Municipal de Lisboa.

Quando completou 44 anos de serviço, reformou-se mesmo contra a vontade dos chefes, porque diz que estava farto do ambiente no trabalho, uns a serem beneficiados em detrimento de outros.

A vinda para o Lar significou muito. Com esta mudança diz que não ganhou nem perdeu, deixou a sua casa para ter ganhou outra. O meu companheiro de quarto é assim um bocado coiso ... mas comigo... eu falei com ele...”.

Interpretação Local

Rede social: Ricardo com 90 anos, emociona-se quase todas as vezes que fala dos pais. Diz que teve uns pais “extraordinários”. Deram-lhe tudo o que podiam, permitiram-lhe estudar até tarde, tem saudades deles, pensa com frequência, sente que lhe deram bons conselhos. Não sabe precisar ao certo há quanto tempo faleceram. Lembra-se que o pai faleceu primeiro que a mãe. Recorda-se também que a mãe antes de falecer chegou a viver na sua casa.

Considerava a sua mulher uma “mãe extraordinária”. Não era a mulher com quem queria casar. Esta acusava Ricardo de não gostar dela. Ricardo nega, dizendo que gostava dela, mas talvez não da forma como ela desejaria. No dia do funeral deu-lhe um beijo que parece que ainda sente hoje. Ficou com a consciência pesada quando deixou de se sentir capaz de ir ao cemitério à campa da mulher. Até que um dia, um Padre seu amigo lhe disse que um corpo morto não passa de um corpo morto, o importante é aquilo que sentimos por aquela pessoa. Ricardo concordou.

Os amigos são considerados por Ricardo, muito importantes, mas os verdadeiros “já partiu tudo”. Considera que estes fazem parte da felicidade de uma pessoa, juntamente com a saúde. Acrescentou que tinha muitos amigos, mas descobriu mais tarde que não eram bem amigos.

Ricardo teve uma irmã mais nova que faleceu “doente do coração”. Apesar de parecer trágico o acontecimento, Ricardo não desenvolve o assunto.

Habilitações e responsabilidade: Ricardo considera que estudou até tarde, e tinha motivação dos pais para continuar a estudar mais, mas a certa altura pensou que devia começar a trabalhar para não sobrecarregar mais os pais.

Teve um trabalho de muita responsabilidade no porto de Lisboa, mas sente que nunca foi valorizado. Em toda a sua vida laboral, sentiu sempre que lhe passavam à frente, mas quando foi convidado para ser chefe Ricardo recusou, dizendo que não tinha aptidão para as funções que isso implicaria. Sentiu-se sempre prejudicado no trabalho e posteriormente na reforma. Diz que nunca foi remunerado de acordo com as suas funções e a sua pensão de reforma não é justa, olhando ao tipo de trabalho que desenvolveu.

Desistir e conflitos: Ricardo enquanto jovem teve uma atividade desportiva federada, mas desistiu de “jogar à bola” depois de ter a sensação que o aleijavam muito.

Ricardo desistiu de continuar a trabalhar e reformou-se assim que pôde por considerar que sempre foi prejudicado no trabalho, mal pago e pouco valorizado pelos seus pares. Reformou-se contra a vontade dos chefes.

Ricardo evita conflitos com os colegas do Lar, quer dar-se bem com todos, diz que quando chegou cumprimentou todos, apesar de conhecer apenas uma pessoa. Diz que teve a sensação que isso não foi bem visto por algumas pessoas. Considera que as “atitudes de algumas pessoas” fazem parte da sua infelicidade, mas diz que no geral todos o tratam bem.

A questão da morte: Fala da morte dos pais com mágoa, mas não entra em pormenores, não se recorda há quanto tempo morreram nem as causas.

Fala da morte da mulher, recorda que esta faleceu na situação de acamada, desconhece o nome da doença.

Refere a morte da irmã, aos 19 anos, doente do coração.

Diz que ao contrário do que é esperado, não quer ser enterrado em Benfica ao lado da mulher, mas sim cremado no cemitério do Alto de São João. Diz que não quer flores e que já teve esta conversa com a filha. Considera que tem pouco para viver, mas gostava de viver mais alguns anos.

Infelicidade: As atitudes de algumas pessoas. E o desaparecimento dos pais.

Religião: Foi pouco praticante na vida adulta, apesar de considerar um Padre um grande amigo seu. Diz que só sabe o Pai-Nosso e o Avé-Maria. Sente mais necessidade de rezar agora, do que antes porque considera estar numa situação diferente.

Felicidade: Fala da saúde, dos amigos e dos pais.

Mensagem

Ricardo foi amado pelos seus pais, repete muitas vezes que teve uns pais extraordinários, recorda uma infância feliz em que ia para a praia das maçãs de manhã

até à tarde. Por outro lado, fala de uma vida de adulto complexa, nomeando, os conflitos no trabalho, a pouca valorização dada pelos seus pares, os amigos que veio a descobrir que não eram mesmo amigos, o seu casamento dizendo que a mulher com quem casou era uma prima direita com quem costumava discutir muito, reconhece que gostou da mulher mas não da forma que ela desejaria. Oferece à falecida um único elogio durante a entrevista, classificou-a de uma “mãe extraordinária”. Recorda também com orgulho a luta inglória que travou juntamente com um Pároco amigo para travar a demolição de casas no seu bairro, entre as quais se incluía a sua. Foi obrigado a troco de uma “ridicularia” a mudar-se para Benfica. Considera que teve um passado feliz exceto em relação ao trabalho, mas as imagens de felicidade que tem andam em torno dos seus pais, da importância dos amigos e da saúde. Atualmente, sente-se a perder faculdades e já planeou na sua cabeça a forma como quer ser tratado depois de morto, quer ser cremado e desaparecer, não quer flores, quer que ajudem a paróquia em vez de flores. Nunca foi muito praticante em termos de religião, até porque só sabe o Pai-Nosso e o Avé-Maria, mas agora reza todos os dias porque está numa situação diferente. Gostava de viver mais alguns anos, mas sente-se a chegar ao fim. Veio para o Lar porque se sentia um peso para a filha e fê-la compreender que ela própria tem os seus problemas e disse-lhe “Ó Ana Maria, tu qualquer dia estás com 60 anos”. Diz que está feliz no Lar porque no geral todos o tratam bem e porque se sente acompanhado. Diz que por ter deixado a sua casa para vir para uma instituição, não perdeu nem ganhou, simplesmente trocou uma casa por outra.

Apresentação: Edgar

Edgar, 98 Anos, natural de Vila de Foz Coa, viúvo, dois filhos, três netos, quatro bisnetos, 4º ano de escolaridade, trabalhador nas vias férreas – CP, está no Lar há 6 anos

Sinopse

Natural de Vila Nova de Foz Coa e viúvo há 8 anos, Edgar nasceu numa aldeia sem escolas e sem médicos. A sua infância foi pobre mas nunca chegou a passar fome porque o seu pai era um homem “muito sério” e “muito trabalhador”, além disso a família mantinha uma horta onde podiam colher tudo “... hortaliça, batata, feijão, tudo, tudo, frutas, tudo e vivíamos regularmente...”, criavam também duas cabras que Edgar com 10/11 anos tinha a responsabilidade de pastar e alimentar “... nas minhas horas vagas tratava desse serviço...”.

O pai de Edgar era um ferroviário, trabalhou na reconstrução das vias férreas, chegou a estar dois anos em França por altura da primeira Grande Guerra Mundial, porque “... com a Guerra destruíam tudo...”.

Aos 4 anos, Edgar perde a mãe, nesta altura o pai tinha acabado de chegar de França, lembra-se de a ver na cama “... muito doentinha...” morreu com a “pneumónica” uma doença que segundo diz “correu o país inteiro”, “... não havia médicos, não havia nada naquele tempo ... estávamos mal, e aqueles que se deixavam apanhar pela doença, iam-se embora... e foi assim os princípios da minha vida...”. Com a morte da mãe, Edgar passou a viver só com o pai e a irmã mais nova. Mas pouco depois da viuvez, o seu pai casa-se a segunda vez, tem 8 filhos com a segunda mulher e afasta-se afetivamente dos filhos mais velhos. Edgar diz que ele e a sua irmã eram quase desprezados pela madrasta “... porque é claro – não sabe o que é madrastas, pois não? – começaram a vir os filhos dela, muitos filhos, e nós eramos quase que desprezados por ela... o meu pai nem tanto, porque andava no trabalho dele...”. Um dia numa desavença com a madrasta “... tinha uma tomáz na mão e levantei assim a tomaz... (risos) olhe, foi um inferno... tive que dar à sola ... o meu pai era um bocado nervoso e fugi...”.

Ao contrário dos irmãos que viveram em melhores condições para poderem estudar, Edgar até aos 15 anos tinha apenas o 2º ano de escolaridade, pouco mais sabia do que ler e escrever. Diz que foi um jovem com as suas “extravagâncias” e que “não pensava em nada” mas quando foi levado pelo pai aos 17 anos para os trabalhos na via-férrea

começou a interessar-se por aprender o ofício. A desavença com a madrasta foi o ponto de partida para uma vida independente. Com os rendimentos que provinham do seu trabalho na via-férrea alugou um “barracãozinho” e foi gradualmente tornando-se mais autónomo. No início, carregava e distribuía água aos trabalhadores e depois passou a fazer-lhes o almoço “fazia a sopinha daqueles homens todos”. Ao longo do tempo foi ficando mais interessado no trabalho, e subindo de categoria, a certa altura foi “obrigado” a completar o 4º ano de escolaridade se quisesse subir novamente de categoria, “... cheguei a subchefe de distrito ... mais tarde fui a chefe de distrito, tinha uma brigada a meu cargo ... e depois fui chefe de lance aqui do Oeste...”. Refere que os anos de trabalho marcaram-no muito, orgulha-se de ter mandado em tanta gente e de saber mandar, porque para o fazer é preciso “... ter voz... e eu tinha”. Os seus locais de habitação desde tenra idade estiveram sujeitos aos trabalhos efetuados nas vias-férreas, primeiro pelo pai e depois por si. Por este motivo, Edgar viveu em mais de 10 locais, entre os quais Mós, Freixo, Barca de Alva, Recarei – Valongo, Régua, Leça do Balir, Nelas, São Martinho do Porto, e reformou-se em Vale de Frades, nesta altura aproximava-se geograficamente dos filhos, mudando-se para Lisboa.

Refere que o seu trabalho foi muito mental, exigia capacidade de pacificar conflitos “... às vezes tínhamos que os separar...” e capacidade de cálculo, “fazia muitas vezes a minha escrita de noite...” e “...temos de saber aquilo tudo, qual era a tangente da curva e a sua bissetriz, que era o centro, a escala máxima e a flecha máxima... para o material rodar...”. Refere que o mais importante que realizou foi ter sido um funcionário exemplar, sem nenhuma repreensão. Reformou-se aos 62 anos, numa altura em que a idade da reforma era aos 60, “... reformei-me com uma reformazinha regular...”.

Esteve solteiro até aos 22 anos e depois casou-se. As memórias mais felizes que guarda foram vividas na sua vida de solteiro, refere que casar-se tão cedo foi “... a minha morte...”. Viveu 70 anos casado com uma prima afastada, tendo-a conhecido nos trabalhos na via-férrea. Depois de casarem, a sua mulher passou a ser doméstica, tratava dos porcos, galinhas, coelhos, da horta “... era uma mulher muito prendada...” e “...muito criativa para essas coisas...”. Começa por dizer que o casamento foi feliz e infeliz mas depois admite que “não foi muito feliz” devido à doença da mulher. Nunca se soube qual o nome da doença, e segundo Edgar, era uma doença incurável, “... de um momento para o outro dava-lhe aquilo...”. Refere que a mulher morreu quase “podre”. Devido à doença da mulher, Edgar refere que esta às vezes o tratava mal “... e

eu tudo lhe perdoava, deixei andar, deixei andar até que ela morreu...ela morreu... fiquei bem...”. Edgar refere ter tido também problemas em relação aos gastos excessivos da mulher, nomeadamente em roupa, o que obrigou Edgar a estabelecer regras em relação ao dinheiro “... Aquilo que comemos é isto, está aqui tanto pra comida, o que ficar é pra gente um dia ir pra um lar ou qualquer coisa, e era assim, foi assim que eu levei a minha vida...”. Em relação aos gastos refere que “... enfim há coisas que não têm explicação...”.

Os problemas de saúde da mulher, motivaram Edgar a dedicar-se mais aos filhos”... eu é que fui tão amigo das crianças, tão amigo, que de pequeninos, e a educa-los e tal, e a leva-los ao ponto de eles hoje serem uns homens com a minha ajuda...”. Edgar fez questão que os filhos trabalhassem na via-férrea “...para se criarem...”, só depois de terem completado o 4º ano é que vieram para Lisboa. Hoje diz que se sente feliz quando o filho que é advogado e notário em Macau “...às vezes escreve... por computador: - Pai, foste um bom pai, sinto-me feliz – sente-se feliz por ter um pai como teve... e eu é claro, dá-me felicidade, dá-me saúde...”.

Hoje, além dos dois filhos, um reformado e outro advogado, tem também três netos e quatro bisnetos.

Encontra-se neste Lar há menos de 6 anos. Refere que esteve muito tempo à espera para ser admitido, e que ainda passou por um Lar em Palmela, local onde faleceu a mulher, e por um Centro de Dia em Mem-Martins.

Diz que já não ouve como ouvia e que não lê como lia mas interessa-se pelo que se passa no país. Sobre a empresa onde trabalhou 45 anos, a CP, diz que está como todas as outras “...está tudo escangalhado... acho que o governo está a entrar demais nos bolsos... o subsidio de férias e de Natal faz falta não é... e há tanta gente que ganha tão “poucoquinho”... e tiram-lhes essas coisinhas não é... não acha?...”

Refere que a vinda para o Lar representou para si “um descanso” porque morrer sozinho era para si uma preocupação, “... preocupava-me mais era dar-me qualquer coisa e que ficasse ali sozinho, não ficam tantos velhinhos que ficam 15 dias, um mês ou mais, é que dão com eles mortos... tinha medo disso...”. Sobre o Lar diz que “... ao princípio achei isto melhor...” porque é da opinião de que a condição de dependência dos utentes tem-se vindo a agravar, “... vêm pra cá muitos doentes abalados da cabeça, e isso faz-

me uma confusão danada...”. Afirma que não teve nenhuma dificuldade de adaptação ao Lar, porque entre partilhar quarto, ter horários para comer e alimentações não escolhidas pelos próprios “... quando vim para aqui estava habituado a isso tudo...” porque “... eu quando estava a trabalhar também tinha horas certas pra comer... às vezes também dormíamos numa camarata... a comida quando não gosto assim tanto, como menos...”.

Além dos momentos felizes que lhe proporcionou a vida de solteiro, Edgar refere que os anos mais felizes da sua vida passaram pela educação dos filhos, “... foi quando criei os meus filhos, dois filhos que tenho, foi a vida que eu passei mais feliz foi essa... com eles não tive problema nenhum...”. Mas diz que faz por se esquecer da sua vida, das pessoas que conheceu e orientou, do sucesso no trabalho, da vida de solteiro e da infância dos filhos. Admite a ironia de que os momentos felizes lhe dão tristeza “... vai-se vivendo, vai-se vivendo... um dia mais triste, a pensar, outro dia, pôr isso a um largo e pronto... é assim...”.

Edgar refere que a felicidade se faz com os outros porque uma pessoa sozinha não é “nada na vida” e afirma que a qualidade de vida passa pela saúde e pelo dinheiro, porque para ter saúde é também preciso dinheiro para a manter. Algo que não se aplica a Edgar uma vez que, com 98 anos, se não fosse a gripe, tomava hoje apenas dois comprimidos por dia. Refere que não foi vítima de grandes doenças porque “o sangue é de boa qualidade”, e refere que há pessoas que têm inveja da sua idade mas que ele não tem “inveja de ninguém”. Sobre as imagens de felicidade diz que pensa naquilo que foi e do que foi capaz “...começo-me a lembrar do meu princípio...” e não se importava de nascer outra vez, mas que de momento para além de querer ver crescer os bisnetos não planeia o futuro. Sente que foi tudo realizado e que agora só lhe falta “... é vir um anjo que me leve (risos)...”.

Histórico

Edgar nasceu numa aldeia sem escolas e sem médicos. A sua infância foi pobre mas nunca chegou a passar fome porque o seu pai era um homem “muito sério” e “muito trabalhador”, além disso a família mantinha uma horta onde podiam colher “tudo”.

Aos 4 anos, Edgar perde a mãe, lembra-se de a ver na cama “... muito doentinha...” morreu com a “pneumónica” uma doença que “correu o país inteiro”, naquele tempo “... não havia médicos, não havia nada...”.

Com a morte da mãe, Edgar passou a viver só com o pai e a irmã mais nova. Mas pouco depois da viuvez, o seu pai casa-se a segunda vez. Desta união Edgar tem mais 8 irmãos. Nesta altura vê o pai afastar-se afetivamente de si e da sua irmã. Refere que ele e a sua irmã eram quase desprezados pela madrasta. Mais tarde aos 17 anos, quando já trabalhava na via-férrea, depois de uma desavença com a madrasta, foge de casa “... olhe, foi um inferno... tive que dar à sola ... o meu pai era um bocado nervoso e fugi...”, a partir deste momento passa a viver praticamente sozinho num “barracãozito”.

Ao contrário dos irmãos que viveram em melhores condições para poderem estudar, Edgar até aos 15 anos tinha apenas o 2º ano de escolaridade, pouco mais sabia do que ler e escrever. Mais tarde com os trabalhos na via-férrea começa a desenvolver o intelecto e começa a gostar de um ofício exigente que o obriga a lidar com a gestão de conflitos e a recorrer a cálculos matemáticos para atingir os objetivos, “fazia muitas vezes a minha escrita de noite... tínhamos que saber aquilo tudo...”. Refere que o mais importante que realizou foi ter sido um funcionário exemplar, sem nenhuma repreensão.

Casa-se aos 22 anos depois de uma vida de solteiro feliz, refere que se casou cedo demais e que foi a sua morte casar-se tão cedo. Viveu 70 anos de casamento que qualifica de “não muito feliz” devido à doença incurável da mulher. Motivada pelos problemas de saúde, Edgar refere que a sua mulher às vezes o tratava mal “... e eu tudo lhe perdoava, deixei andar, deixei andar até que ela morreu...ela morreu... fiquei bem...”. Edgar refere ter tido também problemas em relação aos gastos excessivos da mulher, nomeadamente em roupa, o que obrigou Edgar a estabelecer regras em relação ao dinheiro “... Aquilo que comemos é isto, está aqui tanto pra comida, o que ficar é pra gente um dia ir pra um lar ou qualquer coisa, e era assim, foi assim que eu levei a minha vida...”. A doença da esposa fez com que Edgar se dedicasse mais aos filhos. “... eu é que fui tão amigo das crianças, tão amigo, que de pequeninos, e a educa-los e tal, e a leva-los ao ponto de eles hoje serem uns homens com a minha ajuda...”.

Além dos momentos felizes que lhe proporcionou a vida de solteiro, Edgar refere que os anos mais felizes da sua vida passaram pela educação dos filhos, “... foi a vida que eu passei mais feliz foi essa... com eles não tive problema nenhum...”.

Dentro do trabalho foi subindo de categoria sucessivamente e aos 45 anos é obrigado a concluir o 4º ano de escolaridade, “... cheguei a subchefe de distrito ... mais tarde fui a chefe de distrito, tinha uma brigada a meu cargo ... e depois fui chefe de lance aqui do Oeste...”.

Refere que a vinda para o Lar representou para si “um descanso” porque morrer sozinho era para si uma preocupação, “... preocupava-me mais era dar-me qualquer coisa e que ficasse ali sozinho, não ficam tantos velhinhos que ficam 15 dias, um mês ou mais, é que dão com eles mortos... tinha medo disso...”.

Sobre o Lar diz que “... ao princípio achei isto melhor...” porque é da opinião de que a condição de dependência dos utentes tem-se vindo a agravar, “... vêm pra cá muitos doentes abalados da cabeça, e isso faz-me uma confusão danada...”.

O passado já passou, Edgar faz por se esquecer de tudo, admite a ironia de que os momentos felizes lhe dão tristeza “... vai-se vivendo, vai-se vivendo... um dia mais triste, a pensar, outro dia, pôr isso a um largo e pronto... é assim...”.

Interpretação Local

Pai: Era um homem sério e trabalhador, fazia tudo para que não faltasse nada aos filhos. Foi o principal responsável pela educação de Edgar e da sua irmã, depois da mãe de Edgar ter falecido quando este tinha apenas quatro anos.

Foi pela mão do pai que Edgar se iniciou nos trabalhos na via-férrea.

Sentiu algum afastamento afetivo do pai em relação a si e à sua irmã quando este casou a segunda vez, este afastamento também se deveu ao facto de ter tido muitos filhos, cerca de 8, com a madrasta de Edgar. Aos 17 anos, depois de uma desavença com a madrasta, Edgar sentiu necessidade de fugir de casa, uma vez que sabia que o seu pai era um homem nervoso. Diz que o pai obedecia à madrasta em tudo.

No leito de morte do pai, Edgar sentiu o arrependimento do pai em relação a esta fase da vida, mas este não tinha condições para falar.

Edgar foi ao funeral do pai mas já não o viu com vida. Diz que ainda hoje reza por ele e que o perdoou de tudo.

Deus: Edgar não identifica Deus como um elemento importante na sua vida nem sequer faz referência a hábitos religiosos, no entanto, no Lar onde se encontra vai à missa todos os domingos. Além desse facto, diz que reza pelo pai todos os dias e com alguma ironia diz que não planeia o futuro, fez tudo o que tinha para fazer, apenas aguarda um anjo que lhe leve.

Filhos: O único momento da entrevista em que se emociona é quando Edgar fala nos filhos, nomeadamente quando refere que se sente feliz por estes reconhecerem que Edgar foi um bom pai. A opinião de Edgar é que fez dos filhos, os homens que eles são hoje, uns senhores. Com a doença da mulher Edgar foi obrigado a assumir muitas vezes o papel de pai e de mãe, diz que com os filhos não teve problema nenhum e que criá-los representou os melhores anos da sua vida.

Trabalho: Cumpriu 45 anos de serviço, completou o 4º ano de escolaridade dentro da empresa onde trabalhou. Passou de um jovem extravagante e que não pensava em nada para um gestor de conflitos e um homem que era conhecido por desenvolver um bom trabalho. A exigência do seu trabalho fez com que Edgar desenvolvesse o intelecto. Orgulha-se de ter sido um funcionário exemplar e de nunca ter recebido nenhuma repreensão. Foram os seus anos de serviço que lhe permitiram viver com uma reforma “regular”.

Casamento: Começou por dizer que o seu casamento foi feliz e foi infeliz, mas acaba por admitir no segundo dia de entrevista que “não foi muito feliz” devido à doença da mulher. Arrependeu-se de ter casado tão cedo aos 22 anos, diz que se fosse hoje casava-se numa altura em que se sentisse mais maduro. Viveu 70 anos casado, o que para si, foi muito tempo. Considera que a parte melhor do seu casamento foram os filhos. Diz que apesar de se ter dado bem com a mulher, a certa altura teve que impor regras em relação ao destino do dinheiro uma vez que considerava que esta gastava demasiado.

Dinheiro: Fala muitas vezes em regularidade. Viver regularmente na infância porque a família mantinha uma horta onde plantavam tudo. Reformar-se com uma reforma regular, ou seja, com uma reforma alta.

Discutiu com a mulher muitas vezes a questão do dinheiro porque considerava que esta gastava demasiado e na vida adulta Edgar já tinha a cultura de poupar perspectivando a subsistência na velhice.

Refere que pediu uma vez para lhe baixarem a mensalidade no Lar. Refere também que a manutenção da saúde é cara, a medicação, a mensalidade, o tratamento da imagem como pés, mãos e cabelos.

Mensagem

Edgar nasceu numa aldeia sem escolas e sem médicos. A sua infância foi pobre mas ressalva que não foi o tipo de pobre que passa fome. Considera que foi o seu pai que evitou que isso acontecesse, uma vez que era um homem “muito sério” e “muito trabalhador”. A perda da sua mãe aos 4 anos, faz com que o seu pai case a segunda vez. Dessa união nascem mais 8 filhos. Edgar refere que ele e a irmã eram quase desprezados pela madrasta e sentiu o seu pai mais distante afetivamente durante essa relação. Diz que perdoa tudo ao pai e que reza todos os dias por ele. Os 45 anos na via-férrea fazem com que Edgar passe de jovem extravagante e pouco refletido a um homem que sabe mandar e que tem voz. Desenvolveu a sua capacidade mental e social dentro da empresa. Diz que naquela altura era conhecido em todo o lado. O facto de ter trabalhado nas vias-férreas, e de ter tido um pai que trabalhava no mesmo ofício fizeram com que Edgar chegasse a viver em mais de 10 locais diferentes ao longo da sua vida. Desde jovem, foi habituado a dormir e a comer sob quaisquer condições, por este motivo, Edgar não sofreu qualquer dificuldade de adaptação ao Lar, tal como no trabalho, no Lar Edgar também tem que partilhar o quarto com quem aparece e tem que cumprir horários de alimentação. Diz que hoje é um homem feliz, tem orgulho no que fez, sente-se amado pelos filhos, foi feliz na vida de solteiro e nos anos em que educou os filhos, sente-se realizado de uma maneira geral. Sobre o seu passado, tenta não lembrar-se muitas vezes porque os momentos felizes causam-lhe tristeza. Se pudesse nasceria outra vez, mas uma vez que não é possível, diz não ter planos para o futuro, quer apenas ver os bisnetos a crescer e aguardar por um “anjo” que o leve.